



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

CONSTANTINO MÁRIO CHINGALULE

Missão Ad Gentes: Anúncio, desafio e serviço

(Ação missionária da Sociedade Missionária da Boa Nova em Angola (1970-2020)).

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Porto
2022

DEDICATÓRIA

À minha família que incansavelmente me tem apoiado;

Aos missionários da Boa Nova, pela fraternidade;

Aos colegas com os quais trilhei o percurso formativo e académico, e a todos os missionários e não só, que vierem a deparar-se com este trabalho.

AGRADECIMENTO

A Deus, pelo dom precioso da vida e pela confiança depositada em mim, para poder administrá-la;

Aos meus pais, que a partir dos quais, Deus trouxe-me à existência. Aos meus parentes e amigos, pelo apoio moral e não só, que quotidianamente me têm brindado;

À direção da Universidade Católica Portuguesa do Porto, de modo peculiar os professores da mesma, que durante o percurso formativo não pouparam esforços em partilhar conhecimentos teológicos e não só;

Ao meu orientador, digníssimo professor Dr. Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, pela confortável disponibilidade, atenção, dedicação, paciência e sagacidade com que me orientou;

A todos os missionários da Boa Nova, em especial, os que trabalharam em Angola, pelo amor filial e não só, a minha sempiterna gratidão.

ÍNDICE

SIGLAS E ABRAVIATURAS	7
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA MISSÃO	11
1. Missiologia: Conceptualização.....	11
1.2 Conceitos relativos.....	13
1.3 Conteúdo do anúncio	14
1.4 Objetivos da missão	15
1.4.1 Evangelizar as culturas	15
1.4.2 Formação da Igreja local	16
1.5 Princípios teológicos da missão da Igreja.....	17
2. Fundamentação bíblico-teológico.....	19
2.1.1 Antigo Testamento	19
2.1.2 Novo Testamento: Jesus Cristo	20
2.1.3 O conjunto do Novo Testamento.....	22
3. Fundamento trinitário da missão	23
3.1 O significado geral do tema.....	24
3.2 Natureza missionária da Igreja.....	25
3.3 Da revelação divina em Cristo à doutrina trinitária	27
4. Fundamento cristológico e soteriológico da missão.....	29
4.1 Redenção cristã e missão cristã	30
4.1.1 Redenção em Jesus Cristo	31
4.2 Unicidade da redenção cristã	32
5. Fundamento pneumatológico da missão.....	32
5.1 O desígnio divino na criação: Antigo Testamento.....	33
5.2 Cristo e o Espírito: Única missão divina no Novo Testamento	35
5.3 O Espírito Santo na missão da Igreja.....	36
6. Fundamento eclesiológico da missão	37

6.1	Ao serviço do Reino de Deus	37
6.1.1	A Igreja é o sacramento do Reino de Deus	38
6.2	Uma Igreja missionária	39
6.2.1	A Igreja como movimento missionário	40
6.3	Os novos âmbitos da missão “Ad gentes”	41
CAPÍTULO 2: SOCIEDADE MISSIONÁRIA DA BOA NOVA – IDENTIDADE E AÇÃO		
MISSIONÁRIA EM ANGOLA (1970-2020)		
44		
1.	Identidade da Sociedade Missionária da Boa Nova	44
1.1.	Missionários da Boa Nova: Quem são?	44
1.2	Natureza e Fim	45
1.2.1	Natureza	45
1.2.2	Fim	46
1.3	Membros: Vida e Espiritualidade	48
1.3.1	Os membros	48
1.3.2	A sua vida	48
1.3.3	A sua espiritualidade	49
2.	A chegada dos primeiros missionários à missão de Angola	50
2.1.	Ação evangelizadora: Ao serviço das Igrejas locais	52
2.1.1	Paróquia de S. Francisco de Assis, Viana -1971 a 1994	52
2.1.2	Paróquia de Santa Ana: desde 1977	53
2.1.3	Missão de Santo António de Dúmbi	53
2.1.4	Paróquia de Nossa Senhora de Fátima – Seles	54
2.1.5	Paróquia de Nossa Senhora da Assunção, Waku Kungo: 1978 a 1982	55
2.1.6	Paróquia da Rainha Santa Isabel: desde 1982	55
2.1.7	Paróquia Nossa Senhora da Graça, Porto Amboim: de 1978 a 1988	55
2.1.8	Paróquia da Imaculada Conceição – Sé Catedral – Sumbe: 1987 a 1996	56
2.1.9	Paróquia de Nossa Senhora da Boa Nova: 1995 a 2016	56
2.2.	Tempo de provação: Novos campos, novos desafios	57

2.3.	A experiência do martírio: Uma opção pelo povo	59
3.	As grandes linhas de ação pastoral da SMBN em Angola	61
3.1.	A experiência do “ondjango”, como o novo paradigma pastoral	61
3.2.	A experiência do catecumenado, como forma evangelizadora.....	63
3.2.1.	Os cristãos perguntam: Uma primeira iniciativa catequética de evangelização.	63
3.2.2.	Jesus é meu amigo: Uma segunda iniciativa catequética de evangelização.....	64
3.2.3.	Jesus: Uma terceira iniciativa catequética de evangelização.....	64
3.2.4.	O catecumenado na Paróquia de Viana	64
3.3.	Pastoral social: educação e saúde	66
3.3.1	O “Kiandala”: luta contra a fome.....	67
3.4.	A pastoral vocacional.....	68
4.	A maturidade missionária.....	69
CAPÍTULO 3: A AÇÃO MISSIONÁRIA DA BOA NOVA EM ANGOLA LIDA À LUZ DA MISSIOLOGIA DO DECRETO AD GENTES.....		72
1.	A missão no contexto do Vaticano II	72
1.1	A missão na renovação do Vaticano II	73
1.2	A nova teologia da missão	74
2.	O Vaticano II e a missão ad gentes.....	76
2.1	Missão Ad gentes.....	77
2.2	Uma missão que comunica vida	79
2.3	Evangelização e conversão	80
3.	Missão Ad gentes: Resposta aos desafios de Deus.....	81
3.1	Reconhecer a imensa dignidade dos pobres aos olhos de Cristo	83
3.2	Testemunhar o amor de Deus em Cristo Jesus	84
3.3	Testemunhar o amor de Cristo Jesus para com os mais fracos.....	85
4.	A atividade missionária da Igreja	86
4.1	Constituição do clero local	87
4.2	Formação dos catequistas	88

CONCLUSÃO.....	90
BIBLIOGRAFIA.....	91

SIGLAS E ABRAVIATURAS

- AA Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam Actuositatem* (18 de Novembro de 1965).
- AAS *Acta Apostolicae Sedis*.
- AG Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad Gentes* (7 de Dezembro de 1965).
- ART. Artigo.
- CCE *Catecismo da Igreja Católica* (15 de Agosto de 1997).
- CEAST Conferência Episcopal de Angola e São Tomé.
- CEE Comunidade Económica Europeia.
- CF. Conferir.
- CELAM Conferência Episcopal Latino-Americano.
- CIC *Código de Direito Canónico* (25 de Janeiro de 1983).
- CONST. *Constituições da Sociedade Missionária da Boa Nova* (15 de Outubro de 1999).
- CT João Paulo II, Exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (16 de Outubro de 1979).
- CTI Comissão Teológica Internacional.
- D. Dom.
- EG Francisco, Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de Novembro de 2013).
- EN Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de Dezembro de 1975).
- ENAMA Empresa Nacional de Mecanização Agrícola.
- GS Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes* (7 de Dezembro de 1965).
- IR. Irmão.
- KM Quilómetros.
- LG Conc. Ecum. Vaticano II. Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* (21 de Novembro de 1964).
- P. Padre.

RICA Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos.

RMi João Paulo II, *Redemptoris Missio* (7 de Dezembro de 1990).

SMBN *Sociedade Missionária da Boa Nova* (30 de Outubro de 1930).

TPA Televisão Pública de Angola.

UNITA União Nacional para a Independência Total de Angola.

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta da reflexão provinda de obras e artigos sobre a missão e conversa com os agentes da missão, com o intuito de entregar à Universidade Católica Portuguesa do Porto, na faculdade de Teologia para a aquisição de grau de Mestrado em Teologia.

A presente dissertação tem como o tema “Missão Ad gentes: Anúncio, desafio e serviço – uma reflexão centrada na ação missionária dos missionários da Sociedade Missionária da Boa Nova, em Angola (1970-2020)” – que surgiu como um gesto de reconhecimento e gratidão pelos 50 anos de presença missionária em Angola, do contributo para a Igreja angolana (dioceses de Luanda, Viana e Sumbe), ao mesmo tempo que, apresentámos e divulgámos o estilo missionário deste Instituto, no que respeita à missão Ad gentes. A escolha deste tema nasce principalmente da certeza de que ele tem grande importância no campo da missiologia enquanto pensar e agir missionário, e do desejo de aprofundar o fim específico da atividade missionária da Igreja, que é por natureza missionária. Dada a atualidade, a urgência, a delicadeza e a amplitude do tema, procurámos limitar o nosso estudo aos Decretos, Encíclicas, obras e artigos missiológicos, com destaque aos provenientes do Concílio Vaticano II, para além das obras de carácter histórico da Sociedade Missionária da Boa Nova, história da Igreja angolana e não só. Seguimos o método teológico-analítico, com um esforço enorme de tornar a linguagem mais direta, aberta e transparente.

O trabalho está estruturado, essencialmente, em três capítulos. No primeiro capítulo, que serviu de introdução, apresentámos os fundamentos teológicos da missão, que parte e centra-se na realidade salvífica de Cristo evangelizador. Neste capítulo descrevemos o conceito e os objetivos da missão, as suas dimensões fundamentais – cristológico, pneumatológico e eclesiológico – e os novos âmbitos da missão Ad gentes (tema que dominou a nossa abordagem). Norteou a nossa reflexão, o facto de que o anúncio da salvação ao longo de toda a História está associada a diferentes mediações: Moisés, Josué, os Juízes, os Reis, enfim, mas vai-se configurando progressivamente em volta de uma figura que recebe o nome de Messias. N’Ele convergem as promessas de Deus e as esperanças dos homens. D’Ele se espera que dará ao seu povo os bens prometidos pelos profetas: prosperidade, liberdade, justiça, paz...

Já no segundo capítulo, com o objetivo de contribuir para melhor conhecimento da história e identidade eclesial da Sociedade Missionária da Boa Nova, com base nas obras de carácter histórico dos missionários da Boa Nova e de outras obras e documentos da Igreja angolana, descrevemos a obra de evangelização realizada pelos missionários da Boa Nova em

Angola (1970-2020), dentro do contexto histórico, destacando o empenho dos seus membros na ação missionária da Igreja, por meio da catequese, educação, saúde e formação das comunidades.

Finalmente, no terceiro capítulo, concentramo-nos a analisar o enquadramento da ação missionária da Sociedade Missionária da Boa Nova em Angola, dentro das directrizes apontadas no Decreto Ad gentes sobre o que é e deve ser a missão aos povos. Ao fazermos essa análise, percebemos o contributo e a pertinência que tiveram os missionários da Boa Nova na Igreja angolana (dioceses de Luanda, Viana e Sumbe) – na catequese, na formação do clero, dos catequistas e não só – contanto que, constatámos, à luz do Decreto Ad gentes, algumas limitações que essa atividade realizada em Angola manifestou, mormente, a inadaptação de alguns membros e a defesa dos direitos humanos, que ao pretender defender os injustiçados, algumas vezes, ignorou-se o contexto eclesial (refém e controlada pelo Estado), por consequência do ambiente bélico que o país atravessava. Isso fez com que alguns missionários fossem duramente perseguidos e até mortos. De forma aprofundada, veremos nas páginas seguintes.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA MISSÃO

Animados pelo Espírito Santo, a Igreja pode aplicar-se a si mesma aquelas palavras de Cristo: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos, e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor» (Lc 4,18-20). O Senhor viveu esta missão e esta ação missionária como fidelidade aos desígnios de Deus Amor e, conseqüentemente, como fidelidade e entrega salvífica aos homens seus irmãos, num caminho histórico, que continua sendo uma realidade. Desde essa compreensão da missão, neste capítulo – intitulado “*fundamentos teológicos da missão*” – a reflexão teológica sobre a missão, partindo e centrando-se em um facto, uma realidade salvífica: Cristo evangelizador. Começaremos por descrever o conceito da missiologia-missão, tendo em conta a experiência concreta pessoal e comunitária, apresentando obviamente as dimensões fundamentais da missão e por fim, apontar para os novos âmbitos da missão *Ad gentes*, como forma de introdução, para fundamentar a atividade missionária da Sociedade Missionária da Boa Nova, em Angola (1970-2020).

1. *Missiologia: Conceptualização*

Embora a missão seja a mais antiga atividade da Igreja, a missiologia abordada neste trabalho é predominantemente moderna, com recursos da contemporaneidade. Partindo do pressuposto de que toda a reflexão teológica está em contínua evolução, tanto pelo facto de aprofundar melhor os conteúdos da revelação como pela análise dos conceitos e das realidades, assim também, o tema da missão e da evangelização tem sofrido uma contínua evolução na reflexão teológica e na práxis pastoral, mudando de tom e preferências conforme as necessidades e situações nos campos apostólicos. Desde essa constatação é possível perceber que, «a evolução da missiologia tem oscilado entre o anúncio da salvação em Cristo “*conversão e fé*” e a implantação da Igreja».¹

A missão é a missão de uma comunidade eclesial em defesa da vida. Por isso, envolve a imagem de Deus. É a luta por algo absoluto. O significado da missão se esclarece na relação entre Deus e a humanidade. Esta relação é uma história de aproximação, comunicação,

¹ Cf. Eduardo Daniel, «Encíclicas missionárias: estudo e avaliação teológica da evolução da missiologia pré-conciliar e pós-conciliar», *Igreja e Missão*, Ano 53, nº 185 (2000): 304.

convocação e solidariedade. Por esta razão, «os autores bíblicos, descrevem Deus como um Deus de alianças em favor da vida, do diálogo, do perdão e da comunicação “do *Verbo*”».²

De forma genérica e simples, o termo “missiologia” indica o estudo teológico da missão. Na sua realidade salvífica e na prática pastoral, a missão existiu ao longo da história da Igreja, pois é a participação e continuação da mesma missão e ação evangelizadora de Cristo. Também por missiologia entende-se a ciência que estuda a atividade expansiva da Igreja, nos seus fundamentos, origem, desenvolvimento, leis, finalidades, meios e métodos. Porém, «a sua conotação tende a ser mais teológica que histórica e mais prática que teórica, embora seja possível dissociar todos estes aspetos».³

Atualmente, existe, um amplo consenso ecuménico em temática missiológica. Este consenso é explicitado, por exemplo, nestas duas opiniões de dois diferentes teólogos: Na primeira opinião poder-se-iam considerar basicamente três grandes proposições consensuais: «Deus é o primeiro missionário “*missio Dei*”; a missão da Igreja é um seguimento da dinâmica trinitária divina; a Igreja transmite a oferta de libertação, concretizando-a em ações libertadoras, ou seja, salvíficas».⁴ Já na segunda opinião, muitos temas missiológicos atuais decorrem da redescoberta da *missio Dei* e constituem as bases do consenso missionário atual. Conformando-se a esta dinâmica, a Igreja entra no seguimento de Cristo, não como objeto ou lugar de salvação, mas como o sacramento (conceção católica) ou o sinal (conceção protestante) oferecido ao mundo. É a Igreja inteira, universal e local, e não somente alguns agentes especializados, que é portadora da missão. O Espírito Santo é o «protagonista de toda a missão» (RMi 21), numa perspetiva de partilha com os mais sofredores e de diálogo com os adeptos de outras religiões.

Contudo, será pertinente lembrar que toda esta reflexão e prática missionárias hão de contar sempre com o indispensável contributo de muitas investigações, como a das ciências históricas, que ajudarão no estudo das metodologias missionárias; das ciências antropológicas, que descobriram e pedem a consideração do valor e dignidade de todos os povos e culturas; da eclesiologia, para a correta fundamentação teológica da missão ou para a justa defesa da corresponsabilidade na prática missionária; das ciências bíblicas, que ajudam à sempre atual perspetiva universalista do cristianismo, e outros saberes, contanto que, a missiologia tem florescido justamente o contributo de todas estas reflexões. No âmbito estritamente católico, a teologia missionária, em si e à parte das ciências auxiliares, «não pode se limitar a conceitos

² Cf. Paulo Suess, *Introdução à Teologia da Missão* (Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2007), 15.

³ Cf. José Nunes, *Teologia da Missão* (Lisboa: Obras Missionárias Pontificias, sem data), 18.

⁴ Cf. Nunes, 19.

fundamentais e introdutórios. Sequer deve concentrar a atenção em escolas históricas diferenciadas, cujos conteúdos positivos já foram harmonicamente assimilados em uma teologia posterior; antes, deve abranger pelo menos três níveis principais»: ⁵ teológico-dogmático, natureza da missão, seu fundamento bíblico e suas dimensões; teológico-pastoral, ação missionária com todas as suas implicações e teológico-espiritual, a vocação e as atitudes do apóstolo.

1.2 Conceitos relativos

Falar da missão da Igreja, equivale falar da missão de Jesus, enviado pelo Pai ao mundo e que envia o Espírito Santo a continuar e completar a Sua obra salvífica. Por esta razão, o Concílio Vaticano II, no decreto *Ad gentes* estabelece como princípio incontestado de que «a Igreja é por sua natureza, missionária» (AG 2), posto que tem a sua origem no amor fontal do Pai e na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o propósito de Deus Pai. A palavra “*missionária*” deve ser entendida, neste contexto, no sentido geral de «*Missio ecclesiae*» (AG 5), tal como ocorre nas cinco primeiras secções do *Ad gentes*, como se tem feito referência, e se considera o fundamento dogmático da missão, no sentido específico de «*activitas missionalis*» (AG 6 e seguintes).

O trabalho científico missionário insere-se no conjunto dos tratados teológicos. Se se trata das dimensões fundamentais da missão, é preciso ir beber nos tratados mais importantes, tais como: sobre a Trindade, a cristologia, a pneumatologia, a eclesiologia, etc. Mas se se trata de ação evangelizadora, será necessário analisar sua origem, natureza, fundamentos, objetivo, as características da mesma. Tendo todos esses elementos, é possível sim, elaborar um tratado autónomo de teologia da missionária. No mínimo, será uma «função kerigmática, evangelizadora de cada um dos tratados fundamentais de teologia; mas sempre haverá questões que merecem ser tratadas de forma mais ampla e harmoniosa entre elas: a origem da Igreja, a ação evangelizadora, os evangelizadores, vocações, formação, espiritualidade, etc.» ⁶

Durante muito tempo, a Igreja Católica não usou o termo “*evangelização*” ⁷. *Apostolicam actuositatem* (AA 2) usa a palavra como complemento de “*santificação*”. E, no mesmo documento (AA 6), fala do apostolado da evangelização e da santificação. *Ad gentes*

⁵ Cf. Juan Esquerda Bifet, *Teología de la evangelización: curso de misionología*, (Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995), 37.

⁶ Cf. Esquerda Bifet, 36.

⁷ Palavra de origem protestante, séc. XIX, usado pelo movimento protestante, como anúncio do Evangelho novamente à população católica do sul da Europa, com o intuito de convertê-la à fé protestante.

(AG 6), para chegar a uma síntese entre as escolas opostas de missiologia de Munster e Lovaina, fala da “evangelização e implantação da Igreja”; evangelização refere-se ao primeiro anúncio.

1.3 Conteúdo do anúncio

O texto de Romanos 10,14 recorda-nos a determinação do anúncio: «Ora, como poderão invocar Aquele em quem não acreditaram? Como poderão acreditar, se não ouvirem falar d’Ele? E como poderão ouvir, se não houvesse quem O anuncie?». O anúncio não é apenas a comunicação de uma verdade, ainda que grande, mas é um evento salvífico, é a ação daquela força pela qual o Mestre nos faz seus discípulos: logo, inclui a educação do coração e o compromisso da vida. A palavra, de facto, deve ser entendida em sentido pessoal e dinâmico: é o modo pelo qual Jesus age, é a sua presença viva e ativa entre nós. Não pode ser separado dele. «Hoje – recorda Lc 4,21 para comentar que os olhos de todos estavam fixos em Jesus – cumpriu-se esta passagem da Escritura que acabais de ouvir». Este hoje tem um valor atemporal, é todo dia, é todo o encontro entre Deus e o homem. O anúncio é o hoje da presença ativa de Deus, é a estruturação concreta da comunidade em torno do seu Senhor, acolhendo a sua palavra como palavra de Deus, e não de homens (1Ts 2,13). Por esta razão, «toda a missão começa com o anúncio: é um reconhecimento de que a missão deve a Cristo primeiro e mais do que às situações históricas em que atua».⁸

A razão desta eficácia está na ação do Espírito⁹: é a sua presença que dá força e sustento à Palavra. Se nos atermos no comentário do *Ad gentes* (4) podemos ler as observações de Paulo VI quando recorda que é o Espírito, «é ele que impele a anunciar o Evangelho e que no fundo das consciências faz ecoar e compreender a palavra da salvação. Mas também se pode dizer que ele é o fim da evangelização: somente ele suscita a nova criação, a nova humanidade que a evangelização deve visar. Por ele, o evangelho penetra no coração do mundo» (EN 75). Somente o vínculo profundo que o Espírito, que conhece os segredos de Deus (1Cor 2,11-16), estabelece entre a história de Jesus e a vida de cada homem, permite compreender plenamente o anúncio apostólico (At 2,14-36) com o qual Pedro mostra o verdadeiro sentido do Pentecostes:

⁸ Cf. Gianni Colzani, *Teologia della missione: vivere la fede donandola*, La tunica inconsutile 8 (Padova: Messaggero, 1996), 136.

⁹ «Ele é aquele que, hoje como nos primórdios da Igreja, atua em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por ele, e põe na sua boca as palavras que ele sozinho não poderia encontrar, ao mesmo tempo que predispõe a alma daqueles que escutam e afirmam de a tornar aberta e acolhedora para a Boa Nova e para o reino anunciado» (EN 75).

«a Páscoa de Jesus é o centro de toda a história humana e este anúncio, que é um dom, deve ser proclamado com coragem e sem medo».¹⁰

O conteúdo deste anúncio é a proclamação da Boa Nova de um Deus que se fez nosso salvador; «Ninguém pode colocar um alicerce diferente daquele que já foi posto: Jesus Cristo» (1Cor 3,11). O anúncio de Jesus morto e ressuscitado é o ponto agressivo da fé diante de toda pretensão ideológica da razão: é, de facto, «um escândalo para os judeus e loucura para os pagãos» (1Cor 1,23). Somente a aceitação do kerygma nos permite mostrar que não seguimos um discurso sábio, uma gnose que esvazia, «fazer vã a cruz de Cristo» (1Cor 1,17). De facto, «não há outro nome dado aos homens debaixo do céu, pelo qual possamos se salvos» (At 4,12). Em torno disso anunciou uma Igreja que vive o que deve comunicar, para que também e sobretudo através do anúncio aprenda a crer e a viver pela fé.

Portanto, o conteúdo da missão reduz-se ao anúncio integral de Cristo, Filho de Deus e salvador da humanidade. Sem esta referência a Cristo, a missão desvirtuar-se-ia e perderia o seu objetivo. A ausência de Cristo nos objetivos da missão equivale à inexistência da ação evangelizadora. A divindade de Jesus Cristo sublinha a transcendência da ação evangelizadora da Igreja, e a sua redenção aponta para a salvação verdadeira, integral e plena do ser humano. A Igreja foi fundada por Jesus Cristo para anunciar e comunicar esta salvação.

1.4 Objetivos da missão

1.4.1 Evangelizar as culturas

Evangelizar as culturas é uma expressão nova no vocabulário teológico e assemelha-se a outra mais antiga: “*inculturação do Evangelho*”. O termo “inculturação” foi usado na XXIX semana de Missiologia, em Lovaina, em 1959, mas em documentos oficiais da Igreja, aparece pela primeira vez com a mensagem da IV Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos sobre a catequese.

A *Evangelii nuntiandi* fala da inculturação no sentido de transformação dos valores culturais, através da mensagem evangélica e da práxis da Igreja. a Igreja encarna o evangelho nas diversas culturas, e simultaneamente introduz os povos com suas culturas na própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe e renovando-as. Dois princípios regulam o processo da inculturação: a compatibilidade com o evangelho e a comunhão com a Igreja universal.

¹⁰ Cf. Colzani, *Teologia della missione*, 137.

A Igreja, na sua ação evangelizadora é chamada a «operar com pleno respeito na diversidade das culturas, mantendo e valorizando aqueles elementos originais e tradicionais que constituem a própria identidade cultural».¹¹ Para fazer isso, a Igreja deve conhecer cada cultura para poder distinguir os verdadeiros dos falsos valores existentes nela. A justa e devida valorização das culturas não deve ser alheia à Palavra de Deus. No diálogo com as culturas, não se deve menosprezar a força intrínseca do Evangelho. A esse propósito, a *Evangelii nuntiandi* (20), diz:

«O Evangelho, e, conseqüentemente, a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. E, no entanto, o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas».

Se o Evangelho ficasse prisioneiro de uma determinada cultura, estaríamos perante uma falsa evangelização. A missão não é destruição, mas assunção de valores em ordem a uma nova construção. Evidentemente, a necessidade de diálogo da Igreja com o mundo leva a Igreja a entrar em diálogo com a cultura e as culturas. Na exortação *Evangelii nuntiandi*, Paulo VI constata a rutura que existe entre o Evangelho e a cultura, e lança um grito de alerta, escrevendo: «a rutura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas» (EN 20). Logo, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova.

1.4.2 Formação da Igreja local

A apresentação da figura teológica da Igreja particular permitirá identificar melhor o rosto da atividade missionária, pois ela tende para a implantação de igrejas particulares novas. A Igreja peregrina, na sua economia neotestamentária, instituída por Cristo, é una e universal. E por isso, reúne de modo real todos os que fundamentalmente estão inseridos na koinonia de Jesus pela vivência das virtudes teológicas: fé, esperança e caridade, que estão na base da justificação em Cristo. A pertença à Igreja deve ser visível, em função da própria visibilidade

¹¹ Cf. Daniel, «Encíclicas missionárias: estudo e avaliação teológica da evolução da missiologia pré-conciliar e pós-conciliar», 321.

da Igreja que se inicia com o batismo, que é o único que produz um efeito de incorporação sacramental em Cristo.

De facto, os textos do Novo Testamento chamam Igreja não só à sociedade dos fiéis considerada no seu conjunto, mas também às comunidades locais. Com o andar dos tempos, essas comunidades locais são dotadas de um Bispo próprio para serem chamadas igrejas. Esta organização pode ver-se a partir dos padres apostólicos.

A Igreja particular não pode existir sem Bispo; por isso, a Igreja particular, graças ao seu Bispo, é uma verdadeira Igreja, dotada de unidade e de organicidade interna, orientada diretamente sob a sua autoridade. Não se trata, pois, de uma simples subdivisão administrativa. O objetivo do dever missionário é implantar novas igrejas particulares. Não se pode considerar verdadeira Igreja particular qualquer circunscrição eclesiástica, mas somente as dioceses estáveis, com Bispo residencial, com clero autóctone e com meios suficientes. À atividade missionária «compete a totalidade do serviço de formar no mundo novas igrejas particulares onde elas ainda não existam».¹² Construir uma Igreja particular não consiste somente em construir templos ou edifícios. Enraizar uma Igreja nova não significa somente erigir as estruturas; deve-se, antes de mais, convocar e formar uma comunidade de fé, esperança e caridade em Cristo. Plantar a Igreja significa, pois, fazer cristãos, reunindo-os na koinonia dos discípulos de Cristo. A *Evangelii nuntiandi* fala de formação das igrejas locais, retomando a doutrina missiológica do Vaticano II sobre a implantação da Igreja, para designar o objeto próprio da função missionária.

1.5 Princípios teológicos da missão da Igreja

Ao falarmos dos princípios teológicos da missão da Igreja, importa ressaltar que, a missão da Igreja carece de fundamento teológico. É facto que a Igreja pode ser considerada, também, sujeito da missão, protagonista da missão, porém, enquanto parte integrante do plano salvífico de Deus, enquanto Corpo de Cristo e Templo do Espírito, enquanto colaboradora na “*missio Dei*” (missão de Deus). Assim, à falta de fundamento teológico, «se a missão não é mais que uma instituição venerável que se mantém por força do hábito e graças ao prestígio de heróis-fundadores, já desaparecidos, canonizados ou não, se ela não é mais que uma explosão

¹² Cf. Daniel, 322.

ocasional de caridade, então a Igreja não tem mais razão de ser».¹³ A Igreja só encontra sentido pela participação no projeto divino.

O Decreto *Ad gentes*, quase ecoando a *Lumen gentium*, «remonta a missão à sua verdadeira fonte, e coloca a missão da Igreja no coração da Trindade, como sua fonte, ao afirmar que, a missão contempla-se à luz da Santíssima Trindade, funda as suas raízes no mistério de Deus Uno e Trino».¹⁴ Tendo, a missão, origem na Trindade de Deus, então, «a Igreja é por natureza missionária, pois tem a sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai» (AG 2).

Desde este prisma, podemos dizer que a missão da Igreja se fundamenta, em primeiro lugar, no Mistério da Trindade. Em Deus há um movimento expansivo de amor: o Pai que quer comunicar a sua vida; o Filho que realiza essa missão de amor para com os homens; e o Espírito Santo que é enviado para consolar os cristãos e lhes dar a vida de Deus. A Igreja, não faz mais, senão, continuar a missão trinitária, contanto que, ela é parte integrante do “mysterium” de Deus, é o instrumento da vontade salvífica de Deus no mundo, realiza o mandato missionário do Filho e tudo pela força do Espírito Santo. Por esta razão, lembrou uma vez mais João Paulo II: «o carácter missionário da Igreja está fundamentado dinamicamente na própria missão trinitária» (RMi 1).

Todavia, essa origem da missão da Igreja não se encontra apenas na ação de cada uma das pessoas da Trindade: fundamenta-se na vida da Trindade no seu conjunto. Assim, como disse o Concílio Vaticano II (LG 1-8):

«Se a Igreja encontra o paradigma do seu ser no mistério mesmo de Deus, na Trindade, a comunhão divina caracteriza-se por romper os limites da sua própria essência para se abrir em oferecimento aos homens. A missão do Filho e missão do Espírito, fundamento da missão da Igreja, têm origem na comunhão trinitária, que se abriu na auto-doação de Deus na sua própria revelação. Se algo distingue a Igreja de qualquer outro tipo de sociedade é precisamente este selo de comunhão com Deus que, em vez de fechar-se nos seus próprios limites para firmar-se, faz-se oferta e doação para todos. A comunhão exige a missão, para que a mesma comunhão aumente e se veja enriquecida. A esperança escatológica, de que vive a Igreja, tem como conteúdo uma comunhão divina em que se há de integrar toda a humanidade. Até que chegue esse momento, a Igreja inteira tem a tarefa do anúncio do Evangelho a todos os homens».¹⁵

A Igreja é de facto, continuadora da missão de Jesus Cristo, o qual, por sua vez, era enviado do Pai. Em virtude disso, a Igreja é parte do plano salvífico de Deus que não terminou.

¹³ Cf. Nunes, *Notas e Perspectivas*, 28.

¹⁴ Cf. Daniel, «Encíclicas missionárias: estudo e avaliação teológica da evolução da missiologia pré-conciliar e pós-conciliar», 316.

¹⁵ Cf. Nunes, *Notas e Perspectivas*, 29.

Deste modo, pode-se falar de uma correlação entre a missão de Jesus e a da Igreja: Deus enviou o seu Filho ao mundo inteiro (Jo 3,16), por isso a missão da Igreja é universal; Jesus veio ao mundo e foi até aos mais afastados, por isso a missão da Igreja implica um deslocar-se, um ir; Jesus Cristo viveu a sua missão num estilo de «pobreza, obediência, serviço e imolação até a morte» (AG 5), por isso, esse deve ser o estilo da missão da Igreja.

De tudo o que foi dito, importa destacar que, a missão nasce em Deus, é dom de Deus, mas a nós, cristãos em Igreja, é pedido um deixar-se envolver por esse dom e um deixar transparecer esse dom de Deus como autêntico anúncio do Reino. A missão da Igreja é, por conseguinte, uma participação na missão de Cristo, e quem dá unidade à missão da Igreja com a do próprio Jesus é o Espírito Santo.

2. *Fundamentação bíblico-teológico*

Tal como qualquer outra realidade eclesial, a missão encontra a sua necessária fundamentação na Sagrada Escritura e, a partir daí, na reflexão teológica mais sistemática. A afirmação bíblica sobre a missão é, naturalmente, progressiva, sendo que somente, a partir de Jesus que se pode e deve falar mais propriamente da realidade “missionária”. De qualquer forma, todo o texto bíblico sempre testemunhará da universal vontade salvífica; «Deus quer que todos os homens se salvem e tenham conhecimento da verdade» (1Tim. 2,4).¹⁶

2.1.1 *Antigo Testamento*

No Antigo Testamento, o tema da missão está presente, principalmente, em figuras concretas que Deus chamou e enviou para alguma missão: Abraão, Moisés, profetas e outros. A missão para a qual Deus chama no Antigo Testamento é tanto para uma determinada ação, à título de exemplo, temos Abraão e a saída do Egipto e a instalação na Terra Prometida, como para o anúncio da vontade de Deus aos homens, como eram os oráculos dos profetas. Há de facto nestas figuras uma nota típica da missão: a disponibilidade para “partir”, para acolher o envio. Não obstante, tais figuras bíblicas personificam a “eleição” e abrem, deste modo, o horizonte da missão: Deus escolheu-as, elegeu-as, para uma missão. Porém, é necessário que o eleito não encare a eleição como um privilégio a que se agarrar em proveito próprio, querendo-a só para si, e julgando os outros indignos dela. O eleito deve estar sempre entre Deus e os

¹⁶ Cf. Nunes, 21.

outros. Pois, é eleito por Deus, mas com uma missão para os outros. O profeta é a figura bíblica que melhor retrata esta dupla fidelidade à sua vocação e à missão universal que daí decorre.¹⁷

De facto, o eleito pode não ser fiel à missão, pode não cumprir aquilo para que foi chamado. Esta missão foi frequentemente entendida de forma restritiva e dirigida preferencialmente ao próprio Povo de Israel, Povo de Deus, revelando-se assim ligada a uma conceção estreita de eleição: Javé é um Deus nacional, que não se importa com os outros povos e até é capaz de os combater. O povo israelita vê grande interesse desde este prisma de compreensão da missão, pois, sendo ele considerado coletivamente “eleito” sente-se, que deveria derrotar ou demonstrar superioridade e não testemunhar, servir ou mesmo converter.

A missão *Ad gentes* ao definir a missão face aos outros, isto é, aos pagãos, não está tão presente a mentalidade e linguagem vetero-testamentária como mais tarde a encontraremos em Jesus ou na Igreja primitiva da era apostólica. Também é verdade que podemos encontrar uma tendência menos exclusivo-nacionalista em todo o Antigo Testamento. Assim, é premente a possibilidade e o dever de ler o Antigo Testamento em perspetiva universalista, visto que, «Deus tem uma Aliança, a da Criação, com todos os povos, renovou-a para toda a humanidade com Noé, e por isso, é Deus de todos os povos e em todos os povos há verdadeiros adoradores do Deus único e verdadeiro» (MI 1,11).

Tal perspetiva fez até com que Israel estivesse aberto a valores culturais de outros povos vizinhos, se deixasse influenciar por eles e exprimisse a sua fé através deles, depois de os assumir, o que parece indicar que a sua missão não implicaria a total rejeição de tudo e todos; pelo contrário, estaria reconhecida e até devedora do diálogo com povos e culturas pagãos. Contudo, vemos no Antigo Testamento, a partir da história de Israel, «a tensão entre a afirmação da própria eleição e a consciência de solidariedade com toda a família humana».¹⁸

2.1.2 *Novo Testamento: Jesus Cristo*

A conceção de missão, referida à figura de Jesus, é claríssima nos Evangelhos. Num primeiro momento, Jesus assume-se como missionário, quer isto dizer, alguém que se sente chamado a “ir”, que é enviado porque tem uma tarefa a desempenhar: «vamos a outros lugares e aos povoados vizinhos, para pregar também por lá, pois foi para isso que eu vim» (Mc 1,38);

¹⁷ Cf. Nunes, 21–22.

¹⁸ Cf. Nunes, 22–23.

e mais «É preciso que eu anuncie a Boa-Nova do reino de Deus também às outras cidades, porque é para isto que fui enviado» (Lc 4,43).

Num segundo momento, o conteúdo e forma da missão de Jesus concretizam-se no anúncio do Reino, quer por palavras, quer por obras. Efetivamente, logo no início da sua vida pública, Jesus declara: «O Espírito do Senhor está sobre mim porque ele me ungiu para anunciar a boa-nova aos pobres; enviou-me para proclamar aos aprisionados a libertação, aos cegos a recuperação da vista, para pôr em liberdade os oprimidos, e para anunciar um ano da graça do Senhor» (Lc 4,18-21). De igual modo, Mateus coloca em paralelo, logo após o batismo no Jordão, os maravilhosos discursos de Jesus (Mt 5-7) e os numerosos e extraordinários milagres (Mt 8-10), que acreditam aquele anúncio do Reino por palavras. Concomitantemente, em Marcos, o Reino está próximo, é para todos e tem de haver vigilância e conversão (Mc 1,15). A ação recorrente nestes evangelistas, é que tal «anúncio profético é acompanhado de curas e exorcismos, os quais são componentes importantes da missão de Jesus».¹⁹

Jesus, na sua missão do anúncio da Boa Nova, vai às ovelhas perdidas da casa de Israel, o terreno da missão é o próprio Israel. Vai também a outras cidades e acolhe estrangeiros e pecadores públicos, pois Jesus está consciente de que Deus é Pai de todos e a todos quer acolher, perdendo. E para sublinhar este aspeto, «Jesus aproximou-se sobretudo daqueles que eram marginalizados pela sociedade, dando-lhes preferência ao anunciar a Boa Nova» (RMi 14). Na sua missão, Jesus crê e afirma que a fé pode ser vivida em todos os povos e culturas e todas devem ser purificadas no processo de anúncio da Boa Nova; a própria cultura judaica precisa de ser evangelizada, embora seja assumida: «Não penseis que Eu vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas dar-lhes pleno cumprimento. Antes que o céu e a terra deixem de existir, nem sequer uma letra ou vírgula serão tiradas da Lei ...; Também foi dito: ... Eu, porém digo-vos: ...» (Mt 5, 17-32).

A missão de Jesus testemunha duma perspetiva universalista na compreensão do Povo de Deus: já não é o “resto de Israel”, elitista e puritano, mas um Povo com doze colunas, que significa a sua vocação universalista. Daqui decorre a afirmação: «o Reino diz respeito a todos; às pessoas, à sociedade, ao mundo inteiro» (RMi 15).

Num terceiro momento e último, Jesus encarrega os apóstolos e discípulos a continuarem a missão:

«Pedi, pois, ao dono da colheita que mande trabalhadores para a sua colheita (...). Assim, como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo. Jesus disse-lhes de novo:

¹⁹ Cf. Nunes, 24.

“A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio”. De seguida, soprou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados serão perdoados. A quem não perdoardes os pecados não serão perdoados”» (Jo 17,18; 20,21-23).

Jesus não foi apenas “enviado”, mas também “enviante”; convocou colaboradores e enviou-os: já durante a sua vida pública – os Doze, os 72 (Mt 10,1-14; Lc 10,1-30), e depois da Ressurreição (Mt 28, 16-20; Jo 20, 21-23; Lc 24,47; Act 1,8). Há de haver, pois, «continuidade da missão do Ressuscitado feita pelas testemunhas do Ressuscitado».²⁰

2.1.3 O conjunto do Novo Testamento

Ora, como se disse, os Evangelhos são concordes na referência à missão e, para além disso, o próprio género e palavra *evangelho* são, por natureza, missionários e universais, isto é, apontam para o anúncio de uma Boa Notícia a todos destinada. Todavia, é facto que a generalidade dos escritos do Novo Testamento fala da missão da Igreja: a missão é universal e destina-se a anunciar o Reino que é Jesus (o Reino já está entre vós), missão na qual os discípulos são movidos pelo Espírito Santo (Atos dos Apóstolos e cartas paulinas), no seguimento de Jesus (Lucas), O qual foi missionário do Pai (João), missão que se destina a reunir discípulos e seguidores do Mestre (Marcos e Mateus), e é feita por batizados responsáveis (1ª carta de Pedro) e pelo testemunho de vida heróica daqueles que lavaram as vestes no sangue do Cordeiro (Apocalipse).²¹

Deste modo, pode-se afirmar que a missão da Igreja nasce verdadeiramente com o Pentecostes, em Jerusalém. Ali há discursos e curas de Pedro e João (Act 2-3), ali há testemunho de vida comunitária que é tão ou mais evangelizador que a própria pregação. Porém, a missão de Pedro rapidamente se estenderá a Cesareia, onde o caso de Cornélio (Act 10-11) revela uma abertura da missão aos pagãos.

Os judeo-cristãos desenvolvem a sua missão em Jerusalém, dirigindo-se sobretudo aos judeus (Pedro e Tiago). O conteúdo da missão decorrente dessa ação «é a persuasiva demonstração de que em Jesus se cumprem as Escrituras e, por isso, os cristãos devem manter a Lei de Moisés».²² No entanto, o enorme dinamismo missionário da Igreja primitiva é também visível nos judeus-helenistas, que desenvolvem a sua missão em Jerusalém (Estevão) e na

²⁰ Cf. Nunes, 25.

²¹ Cf. Nunes, 26.

²² Cf. Nunes, 26.

Samaria (Filipe), tendo como conteúdo dessa missão ligeiramente diferente: Jesus é o Moisés, o Filho do Homem, só a Deus há que obedecer, não à Lei ou seus representantes (Act 6-8).

A carta aos Hebreus é igualmente um belo testemunho de pregação missionária. Ao dirigir-se aos judeus, procura mostrar Jesus incarnando essa figura importantíssima do culto judaico que é o Sumo Sacerdote. É no fundo, um anúncio insculturado de Jesus. Paulo, por sua vez, o maior missionário dos tempos apostólicos, tem uma prática universalista (vai até Roma, a qual, como capital, representa todo o Império) e uma doutrina também universalista (não só aceitando os pagãos, como também as suas culturas).²³ E o próprio anúncio de Jesus e do seu evangelho é feito pedagogicamente a partir das culturas dos destinatários: as Sagradas Escrituras para os judeus, as realidades culturais pagãs para os não-judeus.

Contudo, o Novo Testamento apresenta uma Igreja em verdadeiro estado de missão, onde os agentes desse processo são múltiplos: em primeiro lugar, o Espírito Santo (presente nos cristãos e enviando-os e acompanhando-os enquanto missionários, mas presente também nos pagãos-destinatários da Boa Nova; a título de exemplo, de que o Espírito Santo precede a ação apostólica e o próprio batismo, temos Cornélio); de seguida, os Apóstolos, os Diáconos, os Profetas e Doutores, os colaboradores dos Apóstolos e, de uma forma genérica, as comunidades cristãs com o seu testemunho de vida.

3. *Fundamento trinitário da missão*

Ao falarmos do fundamento trinitário da missão, tivemos em conta a declaração oficial da Igreja, incluindo alguma elaboração teológica desde o ponto de vista da teologia católica, ortodoxa e protestante.

A Igreja peregrina é missionária por sua natureza, «na medida em que se origina na missão do Filho e na missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai» (LG 2). Este desígnio brota do “amor fontal”, enraizado na caridade de Deus Pai, que sendo o princípio sem princípio, do qual o Filho é gerado e o Espírito Santo procede, pela sua imensa e misericordiosa bondade livremente nos criando e também nos chamando gratuitamente a participar na vida e na glória, ele derramou com liberalidade e não cessa de derramar a bondade divina, para que aquele que é o criador de tudo, seja também «tudo em todos» (1 Cor 15,28), obtendo ao mesmo tempo sua glória e nossa felicidade. E agradou a Deus chamar os homens à participação de sua

²³ Cf. Nunes, 27.

vida não apenas um por um, sem nenhuma conexão mútua, mas «reuni-los em um povo, no qual seus filhos que estavam dispersos reunidos em unidade».²⁴

A missão da Igreja, ou seja, sua natureza missionária e sua existência têm como imediato ponto de referência e como primeiro fundamento a missão de Jesus Cristo. Porque Cristo foi enviado pelo Pai (Jo 3,16) e, por Ele, o Espírito Santo foi enviado à Igreja, como primeiro dom vivo (Jo 15,26). Desta maneira, «é a Santíssima Trindade a origem e fundamento da existência e da missão da Igreja» (AG 2). Nesta ordem de ideias, podemos dizer que, «entre a Igreja e a Santíssima Trindade existe um laço ontológico; a Igreja é a imagem da Santíssima Trindade».²⁵

Como base da natureza missionária da Igreja, e como raiz de sua mesma existência está Deus que tem revelado e dando aos homens como Pai, Filho e espírito Santo, isto é, a Santíssima Trindade. Esta verdade declara-se sucintamente e de modo explícito no decreto *Ad gentes* do concílio Vaticano II: «A Igreja peregrina é, por sua própria natureza, missionária, visto que tem sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo segundo o plano de Deus Pai» (AG 2).

3.1 O significado geral do tema

Este tema foi apresentado a partir de duas pequenas qualificações: a primeira faz referência à missionariedade da Igreja, e a segunda, ao seu fundamento trinitário. De realçar que entendemos o termo natureza missionária da Igreja como sinónimo de missionariedade, enquanto tal expressar a parte constitutiva da Igreja.

Quanto ao fundamento trinitário, entende-se por ele não só as missões divinas *ad extra*, mas também e acima de tudo a própria Trindade como comunhão das Pessoas divinas (Trindade imanente). E é precisamente a Trindade que é a fonte e a causa primordial da missão da Igreja. Nesse sentido, pode-se dizer que «existe uma ligação ontológica entre a eficácia da Igreja e a sua natureza missionária, por um lado, e a Santíssima Trindade, por outra. Em outras palavras, a natureza missionária da Igreja depende ontologicamente da Santíssima Trindade».²⁶

É preciso admitir que na teologia da missão antes do concílio Vaticano II a conexão acima apresentada não recebeu ênfase suficiente. Embora se tenha feito algumas exceções,

²⁴ Cf. Colzani, *Teologia della missione*, 200.

²⁵ Cf. Sebastian Karotemprel, *Seguir a Cristo en la mision: manual de misionologia* (Estella, Navarra: Verbo Divino, 2000), 31.

²⁶ Cf. Karotemprel, 32.

muitas vezes era deixado de fora. A base teológica da atividade missionária da Igreja era, normalmente, o mandato missionário do Senhor ressuscitado: «Portanto, ide e fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei. Eis que eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (Mt 28,19-20).

Assim, reconhecendo a validade teológica e prática de tal abordagem a respeito da natureza missionária da Igreja, é oportuno destacar o fato de que este mandato missionário e a própria missão de Cristo têm sua origem e fundamento na Santíssima Trindade. É daí que começa a missão, e é aí que encontra o seu cumprimento definitivo (Ef 1,3-14; 2,18; LG, 4, 48; AG 2). Portanto, «a Santíssima Trindade constitui o primeiro e último fundamento da natureza missionária da Igreja».²⁷

Tem-se afirmado que com o Vaticano II e com a encíclica *Redemptoris missio*, a missão da Igreja foi reduzida à centralidade do mistério da Santíssima Trindade. Neste contexto, a expressão «“a Igreja é a imagem da Santíssima Trindade”», muito amada pelas Igrejas orientais, vale também para toda a teologia católica».²⁸

Portanto, é importante, tanto para a teologia da missão como para a eclesiologia em geral, sublinhar que a missão da Igreja provém intrinsecamente e essencialmente da Santíssima Trindade e tem uma estrutura missionária. Esta estrutura vemos-na na constituição *Lumen gentium*: «Assim, toda a Igreja aparece como povo unido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (LG 4).

3.2 Natureza missionária da Igreja

Fundamentar a natureza missionária da Igreja sobre a Santíssima Trindade é uma exigência da fé e decorre de alguns problemas concretos, que hoje se tornam particularmente relevantes no contexto do pluralismo religioso e cultural, e em relação ao diálogo inter-religioso. O problema subjacente, ou pelo menos um dos seus aspetos fundamentais, está ligado a uma “crise de fé” que temos como consequência, «o abrandamento da missão ad gentes e o enfraquecimento geral do impulso missionário, que pertence à natureza íntima da vida cristã» (RMi 1).

²⁷ Cf. Daniel, «Encíclicas missionárias: estudo e avaliação teológica da evolução da missiologia pré-conciliar e pós-conciliar», 315.

²⁸ Cf. Karotemprel, *Seguir a Cristo en la mision*, 33.

O enfraquecimento do impulso missionário dentro de algumas comunidades cristãs deve-se, em grande parte, senão principalmente, à negação, pelo menos implicitamente, da validade do mandato missionário de Cristo. Em última análise, trata-se de não aceitação, para não dizer da rejeição explícita, do valor salvífico único da missão redentora de Cristo, que se baseia na Santíssima Trindade. Em outras palavras, a rejeição da validade do mandato missionário de Cristo está ancorada na rejeição de Cristo ser o Filho de Deus. Assim, torna-se cada vez mais premente e uma necessidade de fé «a exigência de fundamentar a natureza missionária da Igreja nas missões divinas, ainda mais na mesma união divina da qual emana a missão cristã».²⁹

E como resultado desta crise de fé, «assiste-se uma perda progressiva da identidade cristã que, em relação à missão da Igreja, se manifesta na rejeição total desta missão, ou, no melhor dos casos, na secularização do seu significado tradicional».³⁰

O modo cristão de falar de Deus é justamente a confissão da fé trinitária, cuja base e origem se encontram na revelação de Cristo e em nada mais. Por sua vez, a própria cristologia e, por consequência, também a eclesiologia, encontram seu válido contexto teológico na doutrina trinitária. Por outras palavras, pode-se dizer que, somente a partir da revelação divina em Cristo pode a Igreja chegar à fé na Santíssima Trindade. A teocentricidade pura, sem referência à Santíssima Trindade, não constitui uma visão cristã de Deus.

O foco deste tema não é a doutrina trinitária em si, mas insistir na necessidade de unir a natureza missionária da Igreja não só com o mandato missionário de Cristo e sua própria missão, mas também com a Santíssima Trindade. Uma vez que o «enfraquecimento do impulso missionário se deve a uma crise de fé» (RMi 2), a preocupação principal da Igreja não é elaborar um discurso abstrato sobre a Santíssima Trindade, mas encorajar a fé dos cristãos da revelação de Deus cumprida na pessoa de Cristo, sob a ação, direção do Espírito Santo. A doutrina trinitária constituirá apenas uma pequena parte desta apresentação, relembrando algumas das reflexões teológicas que foram realizadas, a partir dos dados revelados, na tentativa de compreender e explicar o mistério inefável da Santíssima Trindade. Tudo isso leva «ao problema teológico específico do fundamento trinitário da natureza missionária da Igreja».³¹

²⁹ Cf. Karotemprel, 34.

³⁰ Cf. Karotemprel, 35.

³¹ Cf. Karotemprel, 35.

3.3 Da revelação divina em Cristo à doutrina trinitária

Tal como já foi dito, antes do Concílio Vaticano II, em várias reflexões teológicas orientadas para a missão da Igreja, a ligação entre esta missão e a Santíssima Trindade não foi suficientemente enfatizada. A doutrina missionária tinha como principal ponto de referência, senão mesmo a única, a missão de Cristo e seu mandato missionário. E mais, a confissão da fé trinitária e a doutrina trinitária foram consideradas separadamente no tratado *De Deo Uno et Trino*.

Em vários manuais de teologia dogmática, ao apresentar a doutrina trinitária, começa-se pela Trindade imanente e termina-se com uma consideração relativamente mais breve da missão histórico salvífica das Pessoas divinas no mundo. Contrariamente, os tratados mais recentes sobre a Santíssima Trindade partem das missões divinas no mundo. Dito doutra forma, «as missões divinas ou, como muitas vezes se diz na teologia, a Trindade económico-salvífica constitui o ponto de partida da doutrina trinitária».³²

A pertinência desta abordagem metodológica foi explicitamente destacada pela Comissão Teológica Internacional. No seu documento final *Desiderium et cognitio Dei* sublinha-se a estreita e necessária ligação entre a cristologia e o teocentrismo trinitário, e entre a Trindade económico-salvífica e a Trindade imanente. Os autores do documento afirmam que: «o teocentrismo cristão (revelado, trinitário) e o cristocentrismo são de facto um todo único; este teocentrismo consiste precisamente na afirmação do Deus trinitário, que nos foi dado a conhecer por meio da Revelação em Jesus Cristo».³³

Consequentemente, à luz da fé cristã, «teocentrismo e cristocentrismo se iluminam e se implicam um ao outro».³⁴ Ao aprofundar esta relação entre a cristologia e o teocentrismo trinitário, os autores do documento declaram: «a elaboração da doutrina trinitária tem seu ponto de partida na economia da salvação».³⁵ Por sua vez a Trindade eterna e imanente é o pressuposto necessário da Trindade económica. Consequentemente, por um lado, evitar-se-á qualquer separação entre a cristologia e a doutrina trinitária e, por outro, será necessário evitar qualquer confusão imediata entre o evento Jesus Cristo e a Trindade.

É precisamente por meio da revelação divina em Cristo que o Deus cristão, que é trinitário, chega a ser conhecido. É a partir da Trindade salvífica, e mais especificamente, da

³² Cf. Karotemprel, 36.

³³ Cf. CTI: *Desiderium et Cognitio Dei*. Ottobre, 1982, (B, 1.1 e 1.2).

³⁴ Cf. CTI: *Desiderium et Cognitio Dei*, (C 1).

³⁵ Cf. CTI: *Desiderium et Cognitio Dei*, (C, 2.2.1 e 2.2).

missão de Cristo e do Espírito Santo, que conhecemos o verdadeiro fundamento desta mesma missão e, conseqüentemente, também da missão da Igreja. Com efeito, «ao cumprir a sua própria missão e ao confiá-la depois aos apóstolos, Jesus refere-se continuamente Àquele que o enviou, indicando também claramente a razão deste envio».³⁶

Uma das verdades mais belas e consoladoras para o homem que nos foi revelada em Cristo é esta: «Deus é amor» (1Jo 4,8) e «Deus enviou o seu Filho único ao mundo para que por ele vivamos» (1Jo 4,9). A mesma verdade expressa com palavras semelhantes em Jo 3,16: «Porque Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho único, para que todo o que n'Ele acredita não morra, mas tenha a vida eterna». Certamente, são nestas verdades, reveladas por Cristo, nas quais se inspira o texto do «Ad Gentes que fala do “*Amor fontalis*”» (AG 2).

Jesus, ao revelar aos apóstolos sua própria sua identidade com o Pai, também lhes fala de outro Advogado ou Consolador (Paráclito) que o Pai enviará em seu nome para lembrá-los de tudo o que Cristo lhes havia dito (Jo 14,10-26). A natureza trinitária da obra salvífica, estreitamente unida à natureza trinitária da obra da criação, é expressa explicitamente por Jesus, tanto em relação ao envio enquanto tal como em relação ao conteúdo das missões divinas. Sobre a identidade própria com o Pai, disse Jesus: «Quem crê em mim, não crê em mim, mas n' Aquele que me enviou; e quem me vê, vê Aquele que em enviou» (Jo 12,44-45) e: «Porque não falei por Mim mesmo, mas o Pai que Me enviou Ele é que Me ordenou o que Eu devo dizer e anunciar; Eu sei que seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que digo, digo-o conforme o Pai me disse» (Jo 12,49-50).

Destacaremos, nas próximas linhas algumas afirmações, a volta do fundamento trinitário da natureza missionária da Igreja que encontramos nos documentos pontifícios, mas que encontram seu apoio no testemunho da Igreja primitiva.

O fundamento trinitário da natureza missionária da Igreja pode ser entendido não apenas em relação ao ponto de partida (origem), mas também em relação ao ponto de chegada (fim último). Em outras palavras, a Santíssima Trindade não é apenas a fonte primordial da existência e da natureza missionária da Igreja, mas constitui também a sua realização (coroação). Esta compreensão vemo-la expressa no decreto *Ad gentes* e na constituição *Lumen gentium*. A natureza missionária da Igreja baseia-se em missões divinas, segundo o desígnio de Deus Pai, que nos chama a participar de sua vida e glória (AG 2). E mais, o documento fala

³⁶ Cf. Karotemprel, *Seguir a Cristo en la mision*, 37.

explicitamente do carácter escatológico da atividade missionária; esta é a manifestação e realização do plano salvífico de Deus no mundo e na história (AG 9).

Quanto à *Lumen gentium*, o carácter trinitário da missão da Igreja, em relação ao seu fim último, é evidenciado nas seguintes palavras: «Assim, a Igreja reza e trabalha ao mesmo tempo para que a moralidade do mundo seja transformada povo de Deus, corpo do Senhor e Templo do Espírito e para que em Cristo, Cabeça de todos, toda a glória seja dada ao Criador e Pai de todos» (LG 17). Prosseguidamente, no contexto do culto dos santos, a *Lumen gentium* observa: «Todos os filhos de Deus e membros da mesma família em Cristo (Hb 3,6), unindo-nos no amor recíproco e no mesmo louvor à da Santíssima Trindade, respondemos à vocação íntima da Igreja e participamos da liturgia da glória perfeita previamente provada» (LG 51).

Finalmente, João Paulo II, na sua encíclica *Redemptoris missio*, ao recordar que o «fim último da missão é compartilhar a comunhão que existe entre o Pai e o Filho, comunhão operada pelo Espírito Santo» (RMi 23), sublinha o carácter trinitário da missão da Igreja em relação direta com o batismo, que “nos regenera para a vida de filhos de Deus, nos une a Jesus Cristo, nos unge no Espírito Santo”. O batismo é o «sacramento que significa e realiza este novo nascimento pelo Espírito Santo; estabelece vínculos reais e inseparáveis com a Trindade; faz membros do Corpo de Cristo, que é a Igreja» (RMi 47).

No entanto, a missão tem a sua origem na iniciativa do amor de Deus, Uno e Trino. Portanto, a missão tem a sua origem na Santíssima Trindade e é anterior à Igreja. A missão emerge de uma comunidade e aponta para a convocação e o envio de comunidades missionárias. A Igreja é instrumento do plano salvífico de Deus, existe na missão, ou, como declara o Vaticano II: «“é, por sua natureza, missionária” (AG 2), mas não é a origem nem a finalidade da missão. O fim da missão é a acolhida e a construção do Reino de Deus».³⁷

4. *Fundamento cristológico e soteriológico da missão*

A missão cristã, os seus métodos e conteúdos, têm seu fundamento na compreensão e na fé da Igreja em Jesus Ressuscitado como Filho de Deus, feito homem e que morreu e ressuscitou para a salvação de todos e enviou o Espírito Santo aos seus discípulos. Para a salvação de todos, a pessoa de Jesus Cristo e sua morte-ressurreição são decisivas, qualquer que seja o meio pelo qual a salvação é medida e transmitida. Consequentemente, não pode haver missão cristã sem anunciar Jesus Cristo.

³⁷ Cf. Suess, *Convocar e Enviar: Servos e Testemunhas do Reino*, 2007, 50.

A missão cristã esta essencialmente ligada à compreensão que «a Igreja tem de Jesus Cristo e do valor salvífico da sua morte-ressurreição».³⁸ Os conteúdos e métodos são determinados na cristologia e na soteriologia, que são os verdadeiros pilares da missão cristã». Recentemente, algumas interpretações radicais da pessoa de Jesus Cristo e do significado salvífico de sua morte-ressurreição foram propostas. Tais interpretações redefinem o conteúdo e a modalidade da missão cristã. Contudo, é necessário e urgente examiná-los, contanto que se salvguarde a compreensão segundo a qual, «a missão de Deus Amor tornou-se clara por meio de seu Filho “o enviado” para “evangelizar os pobres”» (Lc 4,18). Assim, «toda a vida de Jesus é uma missão para cumprir “o mandato do Pai”» (Jo 10,18). O Senhor veio para salvar toda a humanidade, “redimindo-a” do pecado e, assim, “retornar” a Deus com todos os seus e com toda a criação “restaurada” (Ef 1,10). Nesse sentido, «Cristo é o centro da missão que recebeu do Pai e que cumpriu com o poder do Espírito Santo».³⁹

4.1 Redenção cristã e missão cristã

A missão cristã é baseada na fé em Jesus Cristo. Desde este ponto de vista, abandonar ou renunciar à missão por um falso pluralismo religioso equivaleria a renunciar à nossa fé em Cristo. A respeito desta temática, afirma claramente João Paulo II: «A missão universal da Igreja nasce da fé em Jesus Cristo, assim como se expressa na profissão de fé trinitária; “Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho único de Deus, nascido do Pai antes de todas os séculos... Por nós homens e para a nossa salvação, desceu do céu e, pelo poder do Espírito Santo, encarnou da Virgem Maria e se fez homem» (RMi 4).

A fé em Jesus Cristo como Salvador e Redentor universal é o verdadeiro fundamento da Igreja. Foi a fé que impulsionou os primeiros cristãos a serem missionários, a proclamar a morte e ressurreição de Jesus, aceitando obviamente, por meio dela, todas as implicações sacramentais e existenciais. O testemunho final dos apóstolos «atesta o facto de que eles creram firmemente em Jesus Cristo como único Salvador de todos» (Act 4,10-12).⁴⁰

A redenção é uma iniciativa divina. Em todas as religiões teístas, Deus é a fonte de toda a redenção-salvação. No conceito cristão de redenção, uma nova dimensão se une ao conceito de redenção-salvação: é o Deus Trinitário que é a fonte da revelação e da salvação. É o Pai de Jesus Cristo que realiza a redenção: «Isto é bom e agradável a Deus, nosso Salvador, que quer

³⁸ Cf. Daniel, «Encíclicas missionárias: estudo e avaliação teológica da evolução da missiologia pré-conciliar e pós-conciliar», 331.

³⁹ Cf. Esquerda Bifet, *Teología de la evangelización*, 32.

⁴⁰ Cf. Karotemprel, *Seguir a Cristo en la mision*, 48.

que todos os homens se salvem e cheguem ao pleno conhecimento da verdade» (1Tm 2,3-4). A redenção cristã é o resultado da iniciativa de Deus Pai realizada no Filho Jesus Cristo com o dom do Espírito; «é uma iniciativa de amor e misericórdia» (CCE 604).

4.1.1 Redenção em Jesus Cristo

A obra da redenção é realizada por meio de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que é chamado Salvador:

«Porque a graça de Deus manifestou-se para a salvação de todos os homens. Essa graça ensina-nos a abandonar a impiedade e as paixões mundanas, para vivermos neste mundo com autodomínio, justiça e piedade, aguardando a bendita esperança, isto é, a manifestação da glória de Jesus Cristo, nosso grande Deus e Salvador» (Tit 2,11-13).

Isto quer dizer que, a manifestação de Deus muda o modo de compreender e viver a vida. O cristão passa a viver voltado para a realização final, ou seja, para a manifestação gloriosa de Jesus. A salvação de Deus está mediada por uma única maneira: Pelo Filho que se fez verdadeiramente homem. As outras religiões têm figuras de salvadores que têm formas de homens. Jesus é único: «Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem que se entregou para resgatar a todos» (1Tm 2,5-6). Jesus Cristo não é um mediador externo de salvação. Ele é o modelo dos redimidos, do homem novo, o “*Homem Novo*”, o “*Novo Adão*”: «É por iniciativa de Deus que existis em Jesus Cristo, o qual Se tornou para nós sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação e libertação» (1Cor 1,30). A partir daqui compreende-se a clara afirmação do Novo Testamento, segundo a qual «a redenção-salvação messiânica e escatológica foi realizada pela morte-ressurreição de Jesus Cristo e n’Ele e por meio d’Ele é oferecida a todos».⁴¹

Pelas razões apresentadas, os autores do Novo Testamento concordam unanimemente em afirmar que a salvação antes e depois de Jesus Cristo foi realizada com sua morte-ressurreição, tal como encontramos descrita na epístola aos Hebreus: «Jesus, porém, tendo oferecido um só sacrifício pelos pecados, sentou-Se para sempre à direita de Deus, esperando desde então que seus inimigos sejam colocados debaixo de seus pés. De facto, com uma única oblação ele tornou perfeitos para sempre os que Ele santifica» (Heb 10,12-14).

⁴¹ Cf. Karotemprel, 50.

4.2 Unicidade da redenção cristã

De acordo com a convicção cristã, bem fundada na reflexão e na experiência humana, há um só Deus, que é criador e Pai e providente salvador. Este Deus se revelou a nós como Deus Uno e Trino, Pai, Filho e Espírito Santo.

A humanidade é uma família feita à imagem de Deus e, como família, tem um destino único, que é determinado por Deus, de acordo com a natureza humana e suas aspirações transcendentais. Neste destino do homem reside a glória de Deus e a salvação de toda a humanidade. Porém, de uma forma ou de outra, «o homem é incompleto, pecador, escravo do egoísmo, da dor, da morte e da ameaça de extinção» (GS 14-18) e, portanto, «necessitado de redenção-salvação, visto que não é capaz de alcançá-lo por si próprio».⁴² Diante desta situação salvífica, redentora e de ajuda, Deus se revela, revela seu projeto, sua vida interior. Dito doutra forma, Deus revela o homem ao homem, sua verdadeira origem, seu futuro e o meio para alcançá-lo. Essa revelação redentora-salvífica de si mesmo ao homem, acessível a todos desde o início dos tempos, tornou-se historicamente visível, credível e acessível em Jesus Cristo. E continua a ser visível, credível e acessível na comunidade salvífica que o Filho constituiu com a sua Encarnação, morte e ressurreição e com o dom do Espírito. A Igreja, embora sendo pecadora, aceita, celebra, conceitua, articula no credo, proclama e vive a revelação redentora em Jesus Cristo. E, mediante o exemplo e inspiração, este mistério tornou-se visível, credível e acessível a todos, sacramentalmente.

Todavia, a maneira como a redenção-salvação é aceita pelo homem varia conforme as circunstâncias históricas e os pressupostos culturais e filosóficos. Tanto é assim que, alguns a aceitam visivelmente, pessoalmente e socialmente como comunidade crente, ouvindo a “Palavra”, proclamando a fé, os sacramentos e vivendo cristãmente. Outros buscam sinceramente a Deus – cuja busca inclui sempre a busca da redenção-salvação – e lhes é oferecida a mesma revelação redentora de um modo conhecido apenas por Deus e como disse o Vaticano II: «E o que fica dito, vale não só para os cristãos, mas também para todos homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera de modo invisível» (GS 22;31).

5. Fundamento pneumatológico da missão

Abordar o fundamento pneumatológico da missão é referir-se ao Espírito, que falou pelos profetas, como agente transcendente da preparação e realização do mistério pascal de

⁴² Cf. Karotemprel, 51.

Cristo Ressuscitado no coração dos homens e na história do mundo. Ele é o protagonista de toda a missão eclesial, de modo particular, da missão ad gentes. É Ele que converte em missionários os apóstolos e a comunidade dos batizados. Prepara o anúncio da Igreja semeando e desenvolvendo os dons da graça em todos os povos, nas suas culturas e religiões. É o Espírito que semeia as “sementes do Verbo”, presentes neles, e os prepara para amadurecer em Cristo. Esta obra será plenamente realizada quando todos forem recriados à imagem de Deus para quem foram originalmente destinados desde o começo.

A *Redemptoris missio*, no terceiro capítulo – O Espírito Santo, protagonista da missão – proclama que o Espírito Santo é o protagonista da missão da Igreja. O terceiro capítulo é inteiramente dedicado ao tratamento pneumatológico da missão cristã; e mostra que «a missão de Jesus Cristo está sempre e inseparavelmente ligada ao Espírito» (RMi 26).⁴³

5.1 O desígnio divino na criação: Antigo Testamento

A Sagrada Escritura diz-nos que, «o Espírito de Deus esteve presente no universo desde o princípio» (Gn 1,2);⁴⁴ «Deus soprou em cada ser vivo e em cada ser humano de maneira especial» (Gn 2,7);⁴⁵ «Todos os seres vivos recebem a vida e nela são mantidos pelo Espírito de Deus» (Sl 104,29-30).⁴⁶ Desde estas referências bíblicas podemos concluir que, «onde quer que haja vida, o Espírito de Deus está presente. E mais, onde quer que haja ameaças ou destruição, Deus sopra o seu Espírito e dá vida abundante».⁴⁷ Por outras palavras, «no Antigo Testamento, a história da criação e da salvação é descrita como obra do Espírito, que conduz o povo à terra prometida e à vinda do Messias» (Gn 1,2; 8,1; Ex 10,13ss; 14,21ss).⁴⁸

Os enviados por Deus, segundo o Antigo Testamento, receberam o Espírito para poder falar em seu nome e com sua força. O Espírito recebido pelos enviados é descrito principalmente por três nomes: «a força “*ruah*”» (Gn 1,2), «a missão “*salah*”» (Jr 1,7; Ecl 48,12), «a palavra “*dabar*”» (Ez 3,10). Na verdade, é a força do Espírito que permite cumprir a

⁴³ Cf. Karotemprel, 56–57.

⁴⁴ A terra estava sem forma e vazia: as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas.

⁴⁵ Então o Senhor Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente.

⁴⁶ Escondes a tua face e eles apavoram-se, retiras-lhes a respiração, e expiram, voltando a ser pó. Envias o teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da Terra.

⁴⁷ Cf. Karotemprel, *Seguir a Cristo en la mision*, 57.

⁴⁸ Cf. Esquerda Bifet, *Teología de la evangelización*, 156.

missão de anunciar a palavra. É neste contexto que «Cirilo afirma que, os profetas eram, portadores do Espírito».⁴⁹

No Antigo Testamento, a obra do Espírito Santo é vista sobretudo na história de Israel, embora não exclusivamente. O Antigo Testamento trata do chamamento e da criação do Povo de Deus, e a história da criação no Gênesis é seu corolário necessário. O Êxodo do Egito marca esta nova criação. No Êxodo e na experiência do deserto, o Espírito conduz simbolicamente Israel à sua pátria. Mais adiante, na história da salvação, veremos que em Moisés, o Espírito se encontra como cabeça de Israel (Nm 11,16) e a partir de Moisés, o Espírito se difunde sobre os Setenta anciãos ou chefes do povo (Nm 11,17. 25-26). Mas o desejo de Moisés é que todo o povo tenha o Espírito de Deus (Nm, 11,29), uma vez que esta condição é própria de Israel. De Moisés o Espírito de Deus passa a Josué, pela imposição das mãos (Nm 27,18-23; Dt 34,9).

O fim e a esperança de Israel era receber o Espírito. Esta esperança é expressa na boca de Isaías, ao procurar reanimar no povo a esperança da restauração, a qual se apresenta como nova criação, obra do espírito de Deus, cujo objeto da esperança é um mundo novo onde reine a justiça e o direito que geram paz e prosperidade (Is 32,15)⁵⁰ e a sua certeza é anunciada pelo mesmo profeta, ao frisar que o Senhor nunca abandona o povo que Ele mesmo formou. Tal como o protegeu no passado, fã-lo-á também no futuro, transformando radicalmente a sua situação, entregando-lhe o Seu Espírito (Is 44,3)⁵¹. Jeremias fala da Nova Aliança, prometida por Deus com a lei inscrita no coração do povo (Jr 31,31-34). Para Ezequiel, a promessa da Nova Aliança e da Lei escrita no coração dos homens consiste no dom do Espírito de santidade, justiça e fidelidade (Ez 36,26-27). Assim, nos momentos de dificuldades históricas, Deus podia enviar o Espírito, capaz de dar a vida, abrir os túmulos, reunir nova multidão e ressuscitar o povo morto pelo seu pecado (Ez 37,1-14). Por fim, «os salmos cantam esta maravilhosa ação do Espírito em toda a história da salvação» (Sl 104; 20-30).⁵²

⁴⁹ Cf. Esquerda Bifet, 156.

⁵⁰ Será derramado outra vez sobre nós um espírito que vem do alto. Então o deserto tornar-se-á um jardim, e o jardim converter-se-á em bosque.

⁵¹ Vou derramar água pura no chão seco e rios na terra árida; vou derramar o meu espírito sobre os teus filhos e a minha benção sobre os teus descendentes.

⁵² Cf. Esquerda Bifet, *Teología de la evangelización*, 156-7.

5.2 Cristo e o Espírito: Única missão divina no Novo Testamento

De acordo com o Novo Testamento, o Pai realizou um único envio do Filho e do Espírito. O texto clássico é a carta aos Gálatas (4,4 e 6), onde um único verbo “*exapostéllo*”, enviar em missão, se usa para “o *Filho*” e para o “*Espírito do Filho*”. Por esta razão, pode-se afirmar com os Padres da Igreja que «o Espírito Santo “*precede, acompanha e segue*” o Filho de Deus na sua missão sobre a terra». ⁵³ Este é o conteúdo do plano pré-eterno decretado pelo Pai, claramente expresso em muitos textos do Novo Testamento (Jo 17,24; 1Pd 1,20; Ap 13,8), em relação ao Filho; em relação ao destino eterno dos homens (Mt 25,34; Ef 1,4; Ap 17,8).

Jesus tinha consciência de cumprir uma missão salvífica que lhe fora confiada pelo Pai (Lc 2,49; Jo 3,17) e sabia também que esta mesma missão era realizada com o poder do Espírito Santo (Lc 4,18). Isso fê-lo dizer de Si mesmo: aquele a quem Deus enviou [...] a quem Deus comunicou plenamente o seu Espírito (Jo 3,34). O ser, o agir e as experiências de Jesus pertencem àquele que foi ungido pelo Espírito Santo para cumprir a missão de sacerdote, profeta e rei (Lc 4,18; Jo 3,34; Hb 5; Is 61). Assim, desde a encarnação (Mt 1,18-20) e o batismo (Mt 3,16), Jesus aparece cheio do Espírito para comunicá-lo a todos por meio de um «novo batismo no Espírito Santo» (Mt 3,11). ⁵⁴

Jesus cumpre a sua missão «cheio de alegria no Espírito Santo» (Lc 10,21), porque sabe que, através da sua glorificação pela morte e ressurreição, poderá comunicar, a todos os que acreditam n’Ele, «fonte de água viva» (Jo 7,37-39). É o Espírito Santo que move Jesus a completar certas etapas: encarnação, Belém – pobreza; Nazaré – vida oculta; deserto – oração e sacrifício; evangelização dos pobres – caridade; gozo antecipado da Páscoa – esperança, e por adiante. Os apóstolos são enviados com esta mesma força do Espírito (Lc 24,49). O evangelista João dirá ainda que, «a vida de Jesus está intimamente relacionada com o Espírito Santo, que é a “*água viva*” (Jo 4,10), oferecida a todos os “*sedentos*” (Jo 7,37), para comunicar um “*novo nascimento*” (Jo 3,5). É, pois, o Espírito que será comunicado aos crentes graças a morte e ressurreição de Jesus» (Jo 7,39; 20,22-23). ⁵⁵

A missão de Jesus, sob a ação do Espírito Santo, «tende principalmente a comunicar o Espírito de vida ou fonte de água viva que jorra para a vida eterna» (AG 4; Jo 4,14; 7,38-39). E esta vida consiste na participação da mesma vida divina, para que «os fiéis tenham acesso ao Pai por meio de Cristo no mesmo Espírito» (AG 4; Ef 2,18). A vida nova que Jesus oferece,

⁵³ Cf. Karotemprel, *Seguir a Cristo en la mision*, 59.

⁵⁴ Cf. Esquerda Bifet, *Teología de la evangelización*, 158.

⁵⁵ Cf. Esquerda Bifet, 158–9.

abrange todo o ser humano, em toda a sua interioridade e em todas as suas situações sociológicas e culturais. Jesus, guiado pela ação do Espírito Santo «pregou, perdoou, curou, libertou, guiou, ajudou em todos os aspetos da vida, orientando o ser humano para o amor».⁵⁶ O objetivo da missão inclui necessariamente a comunicação da vida divina a cada ser humano e a toda a humanidade.

5.3 O Espírito Santo na missão da Igreja

A Igreja não é um apêndice da missão de Jesus ou do Espírito, mas uma extensão orgânica da missão de Jesus e do Espírito. Deste modo, a glorificação de Jesus, a efusão do Espírito e a nova comunidade de crentes estão inseparavelmente ligadas entre si. Isto equivale dizer que, «a missão que Cristo realizou e continua a realizar por meio da Igreja é sempre uma missão no Espírito Santo» (Jo 20,21-23). A ação do Espírito na missão da Igreja a torna mais cristocêntrica e trinitária e, conseqüentemente, mais solidária da humanidade.

Ora, partindo da compreensão segundo a qual a existência e a missão da Igreja dependem do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes, então, pode-se afirmar que, para «a Igreja, ser é estar em missão».⁵⁷ Esta afirmação assenta-se na promessa de Jesus quando comunicou a missão à sua Igreja, prometeu-lhe uma «assistência permanente do Espírito, como presença iluminadora, santificadora e evangelizadora» (Jo 14,17.26; 15,26-27; 16,13-15). Essa presença ativa, manifestada principalmente desde o Pentecostes e que «é fruto da redenção» (Act 2,4ss), continua na Igreja, podendo mesmo dizer-se que «“*completa*” a missão iniciada por Cristo» (Jo 14,26; Mt 10,20; Lc 24,48-49; At 1,8). Por ser uma missão do Espírito e realizada sob sua orientação, a missão da Igreja tem como “*alma*” o mesmo Espírito Santo:

«O Espírito Santo unifica na comunhão e no serviço e concede vários dons hierárquicos e carismáticos a toda a Igreja através dos tempos, vivificando as instituições eclesíásticas como sua alma e inculcando nos corações dos fiéis o mesmo impulso missionário do qual o próprio Cristo foi conduzido. Às vezes, também antecipa visivelmente a ação apostólica, assim como a acompanha e orienta incessantemente de vários modos».⁵⁸

⁵⁶ Cf. Esquerda Bifet, 159–60.

⁵⁷ Cf. Karotemprel, *Seguir a Cristo en la mision*, 60.

⁵⁸ Cf. Esquerda Bifet, *Teología de la evangelización*, 162–63.

6. *Fundamento eclesiológico da missão*

Nos evangelhos e nos Atos dos Apóstolos faz-se um relato, não apenas da história da Igreja, mas também da teologia e eclesiologia da missão, sem oposição entre um teocentrismo exacerbado, cristocentrismo, eclesiocentrismo ou antropocentrismo, como se tem interpretado hoje por parte de alguns teólogos. Pelo contrário, existe uma harmonização sinfônica no plano da criação de Deus, da salvação em Jesus Cristo pelo Espírito, um plano que está contido na vida da Igreja.

A missão que Jesus recebeu do Pai e que realizou com a força do Espírito dá sentido à existência da Igreja fundada para prolongar esta mesma missão e ação evangelizadora. A Igreja ou comunidade de crentes, convocada pelo Senhor, é portadora de sinal de Cristo (mistério) na medida em que é comunhão de irmãos. É, portanto, uma Igreja de missão porque na sua realidade de mistério e de comunhão transparece e comunica a palavra, os sinais salvíficos e a caridade do próprio Cristo. Esta comunidade convocada é para o Senhor: «*“minha Igreja”* (Mt 16,18), *“minha vinha”* (Mt 20,4), *“minhas ovelhas”* (Jo 10,24), *“meus irmãos”* (Jo 20,17), enfim, indica, pois, um *“corpo”*, *“família”*, *“povo”*, que deve reunir *“todos os povos”*» (Lc 24,47).⁵⁹ É deste modo que a Igreja peregrina é evangelizadora e evangelizada, num processo de construção da família humana como família de irmãos e de comunhão que reflete a comunhão trinitária. Trata-se de um processo doloroso, e por isso, deve basear-se na esperança que dá sentido à tensão por um novo céu e uma nova terra (Ap 21,1).

6.1 *Ao serviço do Reino de Deus*

Falar do Reino de Deus é falar de um tema familiar na Sagrada Escritura. Os sinóticos o apresentam como refrão da proclamação de Jesus. Hoje dá-se muita importância a este tema, tanto é que se tem chamado de missiologia do reino e é necessário, portanto, um estudo mais aprofundado do reino e sua relação com Cristo, com a Igreja e sua missão.

Na oração que Jesus ensinou aos seus discípulos, *“venha a nós o teu reino”*, Ele pede que venha o Reino de Deus. Esta oração resume toda a sua missão no reino, porquanto «é necessário que ele anuncie a Boa Nova do Reino de Deus, pois, para isso foi enviado» (LG 4, 43; EN 1). Este reino que Jesus anunciou, pelo qual rezou e ensinou a cuidar, «é uma prioridade para todos os cristãos» (Mt 6,33).⁶⁰

⁵⁹ Cf. Esquerda Bifet, 33.

⁶⁰ Cf. Karotempel, *Seguir a Cristo en la mision*, 67.

Conquanto Jesus não nos dê uma explicação ou uma definição do reino, contudo, sua vida, suas obras e suas palavras nos mostram o que é. Trata-se de um reino que traz libertação e salvação à pessoa humana, tanto em sua dimensão física como espiritual. Olhando para a vida e missão de Jesus, vemos «dois gestos, que caracterizam fundamentalmente a sua missão: curar e perdoar» (RMi 14). Jesus transforma as relações humanas; o amor mútuo, perdão e serviço são seus sinais característicos. Livre do pecado. Nesta ordem de ideias, o reino é entendido como a realização do plano salvífico de Deus de forma plena. Toda a nossa existência gira dentro desta órbita. Porém, é preciso evitar certos exageros na compreensão do reino. Por um lado, «não se esgota apenas com a dimensão religiosa, mas inclui todos os aspetos da realidade. Por outro lado, considerar o Reino de Deus apenas em termos humanos e seculares é, portanto, desvirtuar o seu verdadeiro significado» (RMi 17).

6.1.1 A Igreja é o sacramento do Reino de Deus

A Igreja, fundada na terra por Jesus Cristo, tem uma relação essencial e indissolúvel com o Reino de Deus. Isto é, «ela é a semente, o sinal e o instrumento deste reino» (RMi 18; LG 5; 9). Tendo em conta que a Igreja está unida a Cristo como seu corpo, do mesmo modo está unida ao reino como sua semente. A centralidade de Jesus para a atividade missionária da Igreja é de capital importância para a relação entre o Reino de Deus e a missão da Igreja. Assim, a Igreja mostra o que é o reino, o realiza, todavia, por sua natureza peregrina, deve atingir a perfeição. A Igreja antecipa o reino, de forma limitada, mas real. Desde este ponto de vista, «na Igreja encontramos a manifestação visível do projeto que Deus está realizando silenciosamente no mundo. Está ao seu serviço. E por isso, a Igreja com a sua atividade missionária serve o reino» (RMi 20). Ela anuncia o reino a todos e convida todos a acolhê-lo. Não obstante a isso, «ela contribui para o reino trabalhando incansavelmente, (como à título de exemplo, veremos no próximo capítulo, o trabalho missionário realizado pela Sociedade Missionária da Boa Nova, em Angola), intercedendo, e espera ansiosamente o dia em que o Reino terá alcançado sua plenitude».⁶¹

A Igreja, embora de alguma forma antecipando o reino, também aceita o seu desafio. A Igreja é constantemente convidada a crescer no reino. Este crescimento alcançará a perfeição no final dos tempos. Deste modo, torna-se mais autêntica em relação à sua vocação e dá-se como exemplo. A Igreja de hoje ainda não é a Igreja que está chamada a ser. É pertinente

⁶¹ Cf. Karotemprel, 68.

lembrar disso para «não cair em um triunfalismo perigoso. Ademais, os seus limites não devem sobressair excessivamente, pois apesar disso o reino já está efetivamente presente no mundo».⁶²

Por fim, a Igreja dá testemunho do reino pregando os valores evangélicos. Como sacramento, é de grande importância não só para aqueles que aceitam a sua mensagem, mas também para aqueles que ainda não conseguem ver na Igreja o sinal poderoso da nova ordem das coisas estabelecida por Jesus Cristo. Portanto, «ela permanece aberta a tudo o que há de bom em cada realidade humana, enquanto se compromete a comunicar o poder salvífico de Jesus Cristo. E consciente de que a ação de Deus ultrapassa os limites visíveis, a Igreja anuncia constantemente a singularidade da salvação realizada por Jesus Cristo».⁶³

6.2 Uma Igreja missionária

Já desde os primórdios, a Igreja considerava-se um movimento missionário, e os Atos dos Apóstolos conta a história desse movimento. A condição de ser enviado às nações estava bem enraizada na mente dos primeiros cristãos. O dia de Pentecostes, chamado também dia de aniversário da Igreja, dia de grande festa missionária, se para os judeus, significa o cumprimento do tempo da colheita, para os cristãos, no Pentecostes, cumpriu-se o tempo da colheita espiritual. Era uma festa familiar, durante a qual se colhiam os primeiros frutos da colheita. Da mesma forma, as primícias das nações que seguiram a pregação de Pedro se ofereciam ao Senhor.

O mandato missionário da Igreja é uma continuação do próprio envio de Jesus: «assim como o Pai me enviou, assim vos envio» (Jo 20,21).⁶⁴ Tal como Jesus foi enviado, também enviou os apóstolos. No Evangelho, fica claro que Jesus está ciente de que o Pai O enviou a cumprir uma missão específica. Toda a sua vida é uma dedicação ao cumprimento dessa missão: «Devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus também às outras cidades, porque para isso é que fui enviado» (Lc 4,43; Mt 1,38; Jo 18,37; Lc 4,18). Depois de ter cumprido a missão que lhe foi confiada pelo Pai celeste, Jesus disse aos seus discípulos: «assim como o Pai me enviou,

⁶² Cf. Alejandro Crosthwaite O.P., «Puebla Conference (CELAM III)», em *Encyclopedia of Latin American Religions*, ed. Henri Gooren (Cham: Springer International Publishing, 2016), 231, https://doi.org/10.1007/978-3-319-08956-0_215-1.

⁶³ Cf. Daniel, «Encíclicas missionárias: estudo e avaliação teológica da evolução da missiologia pré-conciliar e pós-conciliar», 336.

⁶⁴ Jesus convoca os Seus seguidores para a missão no meio do mundo, infunde neles o Espírito da vida nova e mostra-lhes o objetivo da missão: continuar a sua atividade, provocando o julgamento.

assim vos envio» (Jo 20,21). Para reforçar o cumprimento da sua missão, Jesus dirige-se ao Pai: «assim como Tu Me enviaste ao mundo, Eu também os envio ao mundo» (Jo 17,18).⁶⁵

Na verdade, o maior mandamento de Jesus, o mandamento de nos amarmos uns aos outros, tem um carácter fortemente missionário. Por meio dele (do amor), os cristãos são chamados a viver juntos no amor e unidos, para que o mundo creia (Jo 17,21-23). A comunidade é enviada por Jesus para testemunhá-Lo com comunhão, como Jesus Cristo viveu em comunhão com o Pai e com o Espírito. A comunhão entre os membros da Igreja é a condição fundamental para o crescimento da mesma (Igreja).

6.2.1 *A Igreja como movimento missionário*

O mandato missionário de Jesus é a expressão de uma profunda convicção da Igreja primitiva, que era considerada um movimento missionário. Esta havia recebido do Senhor o mandato de proclamar o reino que Ele havia instaurado e fazer discípulos em seu nome. Somente nesta perspectiva dinâmica encontramos o sentido da Igreja. Ou seja, «a evangelização é a vocação e a identidade da Igreja» (EN 14). A Igreja não é fim em si mesma, não é luz, mas reflete-a e põe-na à disposição de todos. A luz é Cristo, plenitude do Reino. Enfim, a Igreja é como uma ponta que emerge de um bloco de gelo nas águas dos mares do Norte e que indica a presença de um imenso icebergue: «ela revela a presença do projeto de amor e de vida de Deus pelo mundo, projeto que a inclui, mas que nela não se esgota».⁶⁶

A essência da Igreja como movimento missionário é o mandato de proclamar a mensagem recebida por Cristo. Os evangelistas Mateus (28,18-21) e Marcos (16,15-16) insistem em seu anúncio e ensino, enquanto que Lucas (24,45-53) enfatiza o testemunho que os discípulos são chamados a dar de Jesus Cristo. A universalidade da missão cristã se destaca em todas as perícopes. O resultado do anúncio é o seguimento de Jesus Cristo, a fé, o batismo, o perdão, em uma só palavra, a salvação. Mateus realça a importância da fundação da Igreja e seus ensinamentos. Em Lucas, «a missão é apresentada como testemunho, pregação e fazendo discípulos» (RMi 23). Por fim, destaca-se a práxis. A mensagem de Jesus Cristo, antes de tudo, tem de ser vivida. E, portanto, «crer em Jesus é estar aberto a transformar a vida. A presença constante de Jesus Cristo através do seu Espírito faz com que o anúncio frutifique».⁶⁷

⁶⁵ Cf. Karotemprel, *Seguir a Cristo en la mision*, 69–70.

⁶⁶ Cf. Gianfranco Masserdotti, *Missionários do Reino* (Águeda: Além-Mar, 1992), 35.

⁶⁷ Cf. Karotemprel, *Seguir a Cristo en la mision*, 70.

De tudo o que foi dito a respeito da Igreja como movimento missionário, é pertinente salientar que, a urgência de proclamar o Evangelho – trabalho mais importante do Novo Testamento, cujo representante principal é o apóstolo Paulo – caracterizou a Igreja primitiva, de maneira que podemos afirmar que ela se considerou um movimento missionário, e não apenas pelo envio formal dos apóstolos por Jesus, mas por sua própria vida de graça. Esta vida nova a leva por sua própria natureza a se espalhar e essa expansão é a manifestação da vida nova. Daí, percebe-se que era lógico que, «ao receber o Espírito Santo, no dia de Pentecostes, os apóstolos começassem a pregar imediatamente. A vida nova infundida pelo Espírito Santo os levou espontaneamente a transmiti-la».⁶⁸

6.3 Os novos âmbitos da missão “*Ad gentes*”

O *universalismo* é uma característica essencial da missão que Jesus confiou à sua Igreja. Esta missão, sem fronteira e sem exclusão de nenhum povo, foi chamada de missão “*Ad gentes*”: «a todos os povos» (Lc 24,47). No contexto da missão realizada por São Paulo, a expressão *ad gentes* quer destacar o anúncio do Evangelho aos povos onde ainda não foi anunciado, isto é, entender-se-ia, como «o primeiro anúncio».⁶⁹ Passados vinte séculos de evangelização, distinguimos entre a primeira evangelização (*ad gentes*) e a evangelização permanente e ordinária numa comunidade já cristã ou onde, pelo menos estão disponíveis os meios ordinários de salvação em Cristo. Contudo, a possibilidade desta distinção aplicar-se aos países cristãos ou não cristãos, ao nível estatísticos globais de habitantes batizados, hoje já é inadequável, permanecendo a urgência de uma primeira evangelização, que pode ser observada em alguns países específicos ou em situações sociológicas e culturais especiais.

O decreto conciliar *Ad gentes* resume assim a missão “*ad gentes*”:

«A missão, pois, da Igreja realiza-se mediante a atividade pela qual, obediente ao mandato de Cristo e movida pela caridade do Espírito Santo, ela se faz plena e atualmente presente a todos os homens e povos para conduzi-los à fé, liberdade e paz de Cristo pelo exemplo de vida e pregação, pelos sacramentos e outros meios de graça, para que lhes seja revelado o caminho livre e seguro para a plena participação no mistério de Cristo» (AG 5).

Outrossim, o próprio decreto conciliar, reconhece algumas mudanças que nos obrigam a repensar o universalismo sem reduzi-lo à dimensão geográfica: «os grupos em que vive a Igreja mudam completamente com frequência, por várias razões, de forma que podem originar-

⁶⁸ Cf. Karotemprel, 71.

⁶⁹ Cf. Esquerda Bifet, *Teología de la evangelización*, 56.

se condições inteiramente novas. Deste modo, a Igreja tem de ponderar, se estas condições exigem de novo sua ação missionária» (AG 6; 23; 27).

Por sua vez, a encíclica *Redemptoris missio*, depois de afirmar que a missão ad gentes é «*uma atividade primordial da Igreja*», essencial e nunca acabada» (RMi 31), mais adiante adverte «contra o risco de equiparar situações muito diversas e de reduzir, senão fazer desaparecer, a missão e os missionários ad gentes» (RMi 32). Ainda na mesma encíclica missionária, no número 33, João Paulo II distingue três situações da missão:⁷⁰

Primeira situação – *Missão Ad gentes*: esta, é vista como aquela dirigida (como primeiro anúncio) a «povos, grupos humanos, contextos socioculturais onde Cristo e seu Evangelho não são conhecidos, ou onde faltam comunidades cristãs suficientemente maduras para encarnar a fé em seu próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos» (RMi 33).

Segunda situação – *Atividade ou cuidado pastoral ordinário*: é dirigido a «comunidades cristãs com estruturas eclesiais adequadas e sólidas; têm um grande fervor de fé e vida; irradiam o testemunho do Evangelho em seu ambiente e sentem o compromisso da missão universal» (RMi 33).

Terceira situação – *Nova evangelização*: esta, orientada para «uma situação intermediária, especialmente nos países de antiga tradição cristã, mas, por vezes, também nas Igrejas mais jovens, onde grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja, levando uma existência distante de Cristo e do Seu Evangelho. Neste caso, torna-se necessária uma “nova evangelização” ou “reevangelização”» (RMi 33).

É praticamente impossível separar totalmente essas três situações. Poder-se-ia falar de três dimensões da mesma missão evangélica universalista. Assim, a dimensão “*ad gentes*” é como uma ação exemplar. A dimensão “*ad intra*”, da pastoral ordinária na comunidade cristã, é o pressuposto necessário para a evangelização sem fronteiras: «a missão *ad intra* é sinal credível e estímulo para a missão *ad gentes*, e vice-versa» (RMi 36). Já a dimensão da “*nova evangelização*” consiste na renovação da comunidade cristã (a da antiga cristandade e também a mais recente) para fazê-la, responsabilizá-la da evangelização ad intra e ad gentes.

Seguindo as indicações desta encíclica missionária (*Redemptoris missio*), é possível ampliar o campo da missão “*ad gentes*” em três âmbitos: «por *território* – critério geográfico; por *novos fenômenos sociais* – critério sociológico e *áreas* ou *areópagos culturais* – critério

⁷⁰ Cf. Esquerda Bifet, 57–58.

cultural» (RMi 37-38). O primeiro âmbito é o admitido em toda a história da evangelização. O segundo e o terceiro, seriam missão “*ad gentes*” por equivalência, dadas as circunstâncias e mudanças atuais. A missão *ad gentes* pode e deve, portanto, realizar-se segundo estes três grandes âmbitos (de acordo com a terminologia da encíclica missionária), o que equivaleria a novas possibilidades e critérios:

Primeiro: Âmbito *geográfico* – povos, comunidades e Igrejas locais onde o Evangelho não se enraizou suficientemente e onde a Igreja não está enraizada.

Segundo: Âmbito *sociológico* – algumas grandes cidades ou megacidades (com multidões multirreligiosas), massas migratórias, situações especiais de pobreza, juventude, etc.

Terceiro: Âmbito *cultural* – centros culturais, educação, pesquisa científica, relações internacionais, busca atual (sociedade e religiões não cristãs) pela experiência de Deus, etc.

No próximo capítulo, trataremos de apresentar a atividade missionária *ad gentes*, realizada pelos missionários da Boa Nova, em Angola, ligada ao âmbito *geográfico*, visto que, nos situámos numa época histórica que, em Angola já o primeiro anúncio tinha chegado. Neste ambiente, os missionários da Boa Nova, como veremos posteriormente, procuraram em colaboração com os bispos das dioceses onde trabalharam, criar várias iniciativas de evangelização, com destaque ao catecumenato, formação do clero local e promoção da justiça e paz, com vista a enraizar o Evangelho.

CAPÍTULO 2: SOCIEDADE MISSIONÁRIA DA BOA NOVA – IDENTIDADE E AÇÃO MISSIONÁRIA EM ANGOLA (1970-2020)

O presente capítulo é um esboço da história da Sociedade Missionária da Boa Nova e da sua ação missionária em Angola. Está concebido e redigido em estilo narrativo simples, com o mínimo de discussão e aparato de fontes. Procurámos apresentar, com maior rigor sintético, simplesmente a identidade e a obra de evangelização da Sociedade Missionária da Boa Nova, dentro do contexto histórico, e o empenhamento dos seus membros na ação missionária da Igreja em Angola. Consta de quatro partes fundamentais que se completam entre si: a identidade da Sociedade Missionária da Boa Nova, a ação evangelizadora em Angola, as grandes linhas de ação pastoral em Angola e, por fim, a realidade da Sociedade Missionária da Boa Nova, intitulada “maturidade missionária”. Esperámos que esse esboço contribua para melhor conhecimento não só da história e identidade eclesial da Sociedade Missionária da Boa Nova, mas sobretudo, do contributo dos seus missionários na Igreja angolana, através da sua ação de evangelização realizada entre os anos 1970-2020.

1. *Identidade da Sociedade Missionária da Boa Nova*

1.1. *Missionários da Boa Nova: Quem são?*

Os missionários da Boa Nova são membros da Sociedade Missionária da Boa Nova.

Quase todas as instituições têm um nome oficial mais extenso e um outro nome popular mais breve. Por exemplo, os membros da Companhia de Jesus designam-se por “Jesuítas”, os da Ordem de São Francisco de Assis por “Franciscanos” e os da Ordem de Nossa Senhora do Carmo por “Carmelitas”. O mesmo acontece com a Sociedade Missionária Portuguesa cujo nome oficial registado é “*Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas*”. O nome popular pode vir da última palavra do nome oficial ou pode estar ligado a aspetos ou lugares relacionados com essa instituição. O nome popular, no caso,

“*Missionários da Boa Nova*” começou a ser dado aos membros da Sociedade Missionária Portuguesa por terem uma revista, muito conhecida, com o nome de Boa Nova, por terem o seu Seminário Maior com o nome de Boa Nova, por terem criado uma associação de missionárias leigas com o nome de Boa Nova e por eles próprios, os seus amigos, e o povo, primeiro em Angola e Brasil e depois em Portugal, começarem a olhar-se e a olhá-los como mensageiros da Boa Nova de Jesus Cristo.⁷¹

⁷¹ Cf. P. Manuel Castro Afonso, *Missionários da Boa Nova: 75 Anos de Memória - 1930-2005* (Cucujães: Escola Tipográfica das Missões, 2007), 12.

Este facto coincidiu, no tempo, com o fim do regime colonial português, quando certos sectores da opinião pública e o povo caíram na conta de que os missionários portugueses eram gente com missão diferente da dos funcionários coloniais. Visto que os Jesuítas tinham nome, os Franciscanos também, de igual forma os Padres Brancos, os Espiritanos e os Salesianos. E estes? E o nome veio. Mais que padres portugueses, são “*Missionários da Boa Nova*”. E assim, a Sociedade Missionária Portuguesa passou a chamar-se Sociedade Missionária da Boa Nova.

Quem são os Missionários da Boa Nova? «São uma Sociedade Missionária de padres e irmãos leigos, fundada em Portugal pelo Papa Pio XI, o Papa das missões, em 1930, e foi o Papa que lhe deu o seu primeiro nome de Sociedade Portuguesa das Missões Católicas».⁷² Foram necessários dois anos para preparar o primeiro grupo de cinco membros. E, por isso, os primeiros membros entraram oficialmente na Sociedade em 26 de Outubro de 1932.

Durante muitos anos os membros da Sociedade foram mais conhecidos como “Missionários de Cucujães”, do seu Seminário Maior, funções que passaram depois para o Seminário da Boa Nova, o qual viria a dar novo nome mais significativo aos membros.

O novo nome de Missionários da Boa Nova veio coincidir com a internacionalidade no recrutamento dos membros da Sociedade que hoje tem Seminários Maiores no Brasil, Angola e Moçambique.

Os Missionários da Boa Nova trabalham em África: em Moçambique desde 1937; em Angola desde 1970; na Zâmbia desde 1980 até 2016; e trabalham também na América Latina, isto é, no Brasil, desde 1970, desenvolvendo a sua ação evangelizadora a muitos milhares de quilómetros uns dos outros no Maranhão, no interior de Minas Gerais, no Oeste do Paraná e no Mato Grosso do Sul. Em 1998 começaram a trabalhar no Japão, na Ásia.

Contudo, os Missionários da Boa Nova «são uma Sociedade missionária de vida apostólica em comunidade, um projeto eclesial de consagração à atividade missionária para sacerdotes das dioceses e leigos não religiosos como irmãos ou como associados».⁷³

1.2 Natureza e Fim

1.2.1 Natureza

A Sociedade Missionária da Boa Nova é uma Sociedade Missionária de vida apostólica de clérigos e leigos, que por experiência da catolicidade da Igreja – sacramento universal de

⁷² Cf. P. Manuel Castro Afonso, 13.

⁷³ Cf. P. Manuel Castro Afonso, 13.

salvação – e por mandato de Cristo, se consagra comunitariamente à atividade missionária (Const. Art. 1).

Ereta inicialmente com o nome de “*Sociedade Portuguesa das Missões Católicas*”, adotou posteriormente os nomes de “*Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas*” e “*Sociedade Missionária Portuguesa*”. Estes nomes conservam valor apenas para efeitos jurídicos e legais civis. A Sociedade Missionária da Boa Nova, vulgarmente conhecida por Missionários da Boa Nova, é uma sociedade internacional na origem dos seus membros e no âmbito das suas atividades.

Por exigência da sua vocação específica, da sua inspiração original e da sua práxis, os membros da Sociedade, «como missionários “*Ad gentes*”, destinam-se à evangelização e pastoral missionária em povos de culturas diferentes da sua, como sinal da catolicidade e comunhão entre as Igrejas». ⁷⁴ A opção pelos povos e culturas diferentes, exclui, em princípio, a abertura de campos de trabalho em Portugal e na Europa, sem com isso negar que existam nesse continente verdadeiras situações missionárias, pois elas são hoje uma realidade em todos os países do mundo.

1.2.2 *Fim*

A Sociedade Missionária da Boa Nova tem como «fim próprio a evangelização e a fundação da Igreja nos povos ou grupos humanos em que ainda não está suficientemente radicada vivendo os seus membros em comunidades ao serviço das Igrejas locais» (Const. Art. 2). ⁷⁵ E, por exigência da sua vocação específica, da sua inspiração inicial e da sua prática apostólica, a Sociedade consagra-se à evangelização e pastoral missionária, optando por situações de primeiro anúncio e pela colaboração com as Igrejas mais necessitadas, em povos de outras culturas.

Para realizar a sua finalidade, a sociedade recebe os que tenham desejo e intenção de se consagrarem à vida missionária segundo as suas *Constituições*, ajudando-os a discernir a autenticidade da sua vocação, a cultivar as suas aptidões e a prepararem-se para o ministério apostólico. Em virtude disso, põe ao dispor dos seus membros os meios convenientes para lhes

⁷⁴ Cf. P. Manuel Castro Afonso, *A Sociedade Missionária da Boa Nova no seu Magistério: Assembleias Gerais*, vol. I (Cucujães: Editorial Missões, 2013), 58.

⁷⁵ Cf. P. Manuel Castro Afonso, I:59.

conservar e aperfeiçoar o espírito de apostolado e de união fraterna, e vela pelo seu maior bem espiritual e material.

Na cooperação com as Conferências Episcopais na obra da evangelização dos povos e na animação missionária das comunidades cristãs, será orientação predominante, em estreita comunhão com as Igrejas locais, as Obras Missionárias Pontifícias e os outros Institutos missionários, a formação de uma sólida e profunda consciência missionária do Povo de Deus, donde surgirão as vocações e os meios necessários à obra da evangelização.

Na fidelidade à sua inspiração inicial, a Sociedade Missionária da Boa Nova considera notas essenciais da sua identidade: «a plena dedicação à atividade missionária ad gentes; a vida comum, em comunidades apostólicas e a diocesaneidade, entendida como pertença à Igreja Diocesana, fonte do estatuto canónico próprio da Sociedade que a diferencia dos Institutos de Vida Consagrada» (Const. Art. 5). A diocesaneidade, parte integrante da identidade histórica dos Missionários da Boa Nova, será vivida por todos os membros, clérigos e leigos, através duma íntima ligação às suas Igrejas de origem. Para exprimir melhor esta ligação, os membros clérigos, ao receberem o diaconado, poderão optar pela incardinação na sua diocese, que os destinará definitivamente à missão ad gentes na Sociedade Missionária da Boa Nova.

O membro perpétuo, incardinado na diocese de origem, pertence plenamente ao presbitério diocesano, como seu missionário destinado definitivamente à missão ad gentes na Sociedade Missionária, a que está incorporado pelo juramento. O exercício desta pertença será regulamentado por um protocolo entre a Sociedade Missionária e a Igreja Diocesana. Igualmente, a relação da Sociedade Missionária com as Conferências Episcopais será objeto de um acordo específico.

É pertinente destacar que, como expressão peculiar da dimensão missionária das Dioceses, a Sociedade Missionária alarga, institucionalmente, a solicitude missionária diocesana a povos de outras culturas. Por isso, «a Sociedade é a via mais natural para o serviço missionário ad gentes, temporário ou perpétuo, dos padres diocesanos» (Const. Art. 6.3).

Em suma, a Sociedade é um Instituto de direito pontifício, depende da Congregação para a Evangelização dos Povos, e rege-se pelo direito universal das «*Sociedades de Vida Apostólica*» (Cân. 731-746) e pelas suas *Constituições*.

1.3 Membros: Vida e Espiritualidade

1.3.1 Os membros

Os membros da Sociedade Missionária da Boa Nova são clérigos e leigos que, sem impedimento canónico, nela se incorporam pelo seu Juramento, temporário ou perpétuo, em ordem à atividade missionária, pela comunhão e partilha das mesmas opções fundamentais de vida e de trabalho. E desde esse ponto de vista, todos os membros são solidariamente responsáveis pela vida comunitária e apostólica da Sociedade, cabendo a todos as mesmas obrigações e direitos fundamentais comuns. Para realizar a nobre tarefa da atividade missionária, «os membros têm direito a encontrar na Sociedade as condições de vida favoráveis à realização da sua vocação missionária, sem excluir, além da animação fraterna e apostólica, a conveniente sustentação, assistência na doença ou velhice, e em todas as necessidades, nos termos das *Constituições*» (Const. Art. 10).

Os membros, por sua vez, comprometem-se a servir inteira e gratuitamente o Reino de Deus na Sociedade, entregando à comunidade todos os rendimentos dos seus trabalhos. O exercício do direito de voz ativa e passiva dos membros, clérigos ou leigos, é regulado pelas normas do direito universal e pelas disposições das *Constituições*.

1.3.2 A sua vida

Em relação à vida dos membros, um elemento «fundamental e característico é a vida comunitária» (Const. Art. 13). A mesma é também direito e obrigação de cada membro, conforme se estabelece nas *Constituições*. A vida comunitária da Sociedade implica comunhão a vários níveis: preocupação apostólica, oração comunitária, subordinação dos interesses individuais aos do grupo e partilha de bens.

Toda a comunidade visa um duplo fim: fraterno e apostólico. Nela, cada um dos membros há de sentir-se corresponsável na vida e obra comum. O Superior, primeiro de entre os irmãos, será o natural animador da equipa de vida fraterna e de trabalho.

Sendo os membros da Sociedade, missionários que vivem a sua vocação num contexto comunitário, vivendo e trabalhando em comum, em cada casa não poderão residir, normalmente, menos de três membros. Neste sentido, na organização de cada comunidade, ter-se-á sempre em vista uma vida de família e a maior coordenação e eficiência da vida espiritual e apostólica dos membros.

Logo, cada comunidade deve dispor de tempos e meios para, periodicamente, programar, rever e avaliar as suas atividades, contanto que, todos terão presente que nada substitui o esforço pessoal. Ainda, haverá reuniões periódicas de oração, reflexão, programação de vida, trabalho e são convívio, como meios de criar um clima de maior entendimento, relacionamento e amizade. Reuniões deste tipo sejam incrementadas a nível comunitário e regional. Ficará, porém, ao critério de cada comunidade a concretização do calendário e ritmo destas reuniões. Por fim, «a formação das comunidades locais compete ao Superior Geral ou Regional, que terá em conta as necessidades apostólicas e o melhor ambiente fraterno» (Const. Art. 18).

1.3.3 A sua espiritualidade

Os membros da Sociedade, movidos pelo mesmo impulso de amor que trouxe o Verbo a habitar entre nós, e o Espírito a encher o universo, consagram-se inteiramente e por toda a vida a colaborar no desígnio salvífico de Deus. Terão, por isso, uma «espiritualidade totalmente orientada para a vida apostólica» (Const. Art. 19). Isto significa que, os apóstolos são para o missionário, modelos de vida no seguimento radical de Jesus Cristo, a fim de melhor anunciar o Evangelho a todos os povos. Por isso, as suas festas proporcionarão momentos fortes de oração e reflexão sobre os ensinamentos e testemunhos das suas vidas.

Neste sentido, a vida espiritual do membro da Sociedade Missionária seja a sua própria existência apostólica, na medida em que é movido pelo Espírito Santo e em que entra no movimento do amor de Deus, que salva os homens. Manifeste-se pelo serviço apostólico, pela oração e pela comunhão fraterna. Outrossim,

«participar nas alegrias e sofrimentos do povo, conhecer as suas aspirações e problemas, trabalhar com ele em ordem ao estabelecimento de uma vida mais humana para todos, ou colaborar com ele para a solução dos seus problemas humanos e sociais é para o missionário viver a caridade apostólica, sincera, humilde e alegre, e fazer experiência do Mistério Pascal, que, unindo a cruz e a glória, salva o mundo» (Const. Art. 19.2).

Sendo a pregação de Jesus Cristo um modo privilegiado de estar na sua presença, o missionário considere uma necessidade vital ser não só arauto, mas também ouvinte assíduo da Palavra de Deus. Assim, «a ação pastoral, a celebração dos sacramentos, especialmente da “Eucaristia, centro e máxima expressão de toda a evangelização” (AG 9), e a vida litúrgica, vivida na sua dimensão comunitária, devem animar e informar toda a vida espiritual» (Const. Art. 20.1).

A celebração diária da Liturgia das Horas, na qual se exprime em nome da Igreja a oração do mundo inteiro, «é dever de todos os membros» (Cân. 1174) e deve ser um momento privilegiado de oração pessoal e comunitária.

Não obstante ao que já foi dito, a respeito da espiritualidade dos missionários da Boa Nova, vale acrescentar que, «estes, devem ter para com Maria, Rainha dos Apóstolos, uma verdadeira devoção, traduzida na veneração, no amor filial e, sobretudo, na imitação de suas virtudes» (Const. Art. 22). Deste modo, sendo os seus membros Missionários da Boa Nova, a Sociedade promove, com particular afeto, a devoção a Maria Santíssima sob a invocação de Nossa Senhora da Boa Nova, cuja festa celebra-se no dia 31 de Maio, dia da Visitação de Nossa Senhora.

Portanto, o apelo à liberdade pessoal e à responsabilidade comunitária são dois meios que devem ajudar a ter uma vivência espiritual mais profunda. Uma e outra se devem exprimir no ritmo de oração de cada comunidade.

2. *A chegada dos primeiros missionários à missão de Angola*

Em 1970 chegaram a Angola os primeiros padres da Sociedade Missionária da Boa Nova (SMBN), aos quais o arcebispo de Luanda «confiou a nova paróquia de Viana, centro industrial que estava a desenvolver-se rapidamente a dez quilómetros da capital».⁷⁶

A missão destes em Angola, «começou a 21 de Setembro de 1970, com a chegada do P. Albano Mendes Pedro».⁷⁷ Inicia a Paróquia de S. Francisco de Assis em Viana, arredores de Luanda, a maior zona industrial do país, onde diariamente chegavam centenas de pessoas de todo o país em busca de trabalho. Era um «desafio pastoral de grande envergadura num tempo de grande convulsão social e de confronto étnico».⁷⁸ Passado pouco tempo assume também o Secretariado Geral da CEAST em Luanda. Só em Julho de 1971 é coadjuvado pelo P. António Tavares Martins que, a par do trabalho pastoral numa paróquia sem estruturas e sem lugares de culto, «dão também a sua colaboração como professores no Seminário diocesano de Luanda, em algumas Comissões Pastorais diocesanas e nas Cúrias».⁷⁹ A presença da Sociedade

⁷⁶ Cf. Manuel Nunes Gabriel, *Angola: Cinco séculos de cristianismo* (Braga - Portugal: Literal, 1978), 579.

⁷⁷ Cf. P. Manuel Castro Afonso, *Missionários da Boa Nova: 75 Anos de Memória - 1930-2005*, 115.

⁷⁸ Cf. P. Augusto Farias, «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola», *BOA NOVA: Actualidade missionária*, Junho de 2020, 22.

⁷⁹ Cf. CEAST, *Anuário Católico de Angola e São Tomé* (Luanda-Angola: CEAST, 1988), 234.

Missionária nos arredores de Luanda tinha como objetivo apoiar a Missão no Kwanza-Sul onde o arcebispo desejava fazer maior investimento pastoral.

Assim, aos novos grupos de padres que vieram nos anos seguintes «foram entregues duas missões no Kwanza-Sul, até ali servidas pelo clero secular diocesano: Dúmbi, a missão mais antiga (1933), com sede no concelho de Cassongue, na parte meridional do distrito, e a paróquia-missão do Seles (1945)». ⁸⁰ Ambas passaram à nova diocese de Novo Redondo (hoje, Sumbe) em 1975.

Em Janeiro de 1971 chega a Luanda o P. Francisco Fernando Martins das Eiras com o destino à Missão de Santo António do Dúmbi em Casongue, Kwanza-Sul. Com a sua chegada começa a entrega da Missão por parte do Cónego Moura que aí estava mais de trinta anos e com a saúde muito abalada. A Missão é assumida a 25 de Março desse ano com a chegada do P. Manuel Fernandes, vindo de Moçambique para Superior dessa Missão e responsável pelo grupo de Angola. A 13 de Outubro chega ao Dúmbi o P. Augusto Farias para integrar esta equipa missionária. Era uma Missão com mais de 6000 km² e uma grande população maioritariamente camponesa situada no planalto central com uma altitude superior a 1800 metros, com clima propício para a agricultura. Tratava-se dum povo muito trabalhador e com o desejo de progredir a todos os níveis, mas, bastante abandonado pastoralmente devido à saúde do seu pastor.

O primeiro trabalho desta equipa foi conhecer o terreno através da visita às mais de 350 aldeias. Feito o diagnóstico com os quatro catequistas gerais foi definida a primeira prioridade: «dar formação aos catequistas locais em ordem a criar outros ministérios para o serviço das comunidades. Dá-se ainda prioridade à evangelização sobre a sacramentalização, devido à fraca formação dos cristãos». ⁸¹ Eram cursos de uma semana inteira dados em três áreas da Missão devido à sua extensão. A partir daí foi implementado o culto dominical nas aldeias presidido pelos catequistas gerais, organizado o catecumenato e a catequese diversificada, regularizada a vida matrimonial de muitos casais e batismo dos seus filhos, formação feminina com apoio das irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, que já aí se encontravam, e ampliada a rede escolar rural, nessa altura entregue só aos cuidados da Missão.

⁸⁰ Cf. Gabriel, Angola: Cinco séculos de cristianismo, 579.

⁸¹ Cf. P. Manuel Castro Afonso, Missionários da Boa Nova: 75 Anos de Memória - 1930-2005, 116.

2.1. Ação evangelizadora: Ao serviço das Igrejas locais

Em todos estes anos, estes missionários trabalharam sob a orientação e com os programas de pastoral dos bispos que a Igreja colocou nestas dioceses. Foram chamados por Dom Manuel Nunes Gabriel, Arcebispo de Luanda, que tinha como seu bispo auxiliar, Dom Eduardo André Muaca. Este foi nomeado Arcebispo de Luanda em 1977. É o primeiro bispo Angolano. Seguiram-se em Luanda: Dom Alexandre do Nascimento, Dom Damião António Franklin, Dom Filomeno do Nascimento Vieira Dias, atual Arcebispo metropolitano, e vários bispos auxiliares.

Na Província do Kuanza-Sul, foi criada a Diocese de Novo Redondo em 10 de Agosto de 1975, a qual, mais tarde, recebeu o nome de Sumbe. Também aí, os missionários da Boa Nova trabalharam sob a orientação de Dom Zacarias Kamwenho, primeiro Bispo, de Dom Benedito Roberto e, atualmente, com Dom Luzizila Kiala. É de realçar que, nesta diocese, os missionários da Boa Nova tiveram um papel preponderante, e atesta esse papel ao olharmos para o seu «Conselho Presbiteral nos seus primeiros anos, onde dos 12 membros que constituíam o Conselho, 6 deles eram missionários da Boa Nova, nomeadamente: “Padres Aníbal Morgado, António Ramos Martins, António Pereira, Artur Bastos, Delfim Pires (associado) e Manuel Fernandes”». ⁸²

2.1.1 Paróquia de S. Francisco de Assis, Viana -1971 a 1994

À semelhança das outras dioceses, aconteceu em Viana, Diocese desde 2007. Foi seu primeiro Bispo Dom Joaquim Ferreira Lopes e, atualmente, Dom Emílio Sumbelelo.

Esta Paróquia foi criada em 1971, desmembrada da Paróquia de Cristo Rei, Terra Nova, e entregue ao P. Albano Mendes Pedro, «primeiro pároco, chegado a Luanda a 21 de Setembro de 1970». ⁸³ Encontrou a Igreja paroquial já feita, mas construiu mais o salão paroquial. Exerceu também os cargos de Secretário da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST) e Vigário Geral da Arquidiocese.

Em 1971 chegou o P. António Tavares Martins, que regressou a Moçambique em 1975. Em 1974 veio juntar-se ao grupo o «P. Adelino Simões, que aí foi pároco» ⁸⁴ e trabalhou sobretudo na catequese, deixando catecismos para a catequese de crianças e Catecumenado.

⁸² Cf. CEAST, *Anuário Católico de Angola e São Tomé*, 138–39.

⁸³ Cf. CEAST, 234.

⁸⁴ Cf. CEAST, 83.

Assumi as funções de Pároco, a partir de 1977 até a sua saída em Angola, a «20 de Agosto de 1993, para fazer exames médicos e estabilização em Portugal, depois de ter sofrido um grave acidente em Luanda, sem hipótese de ir a Viana cumprimentar a comunidade paroquial e agradecer».⁸⁵

2.1.2 *Paróquia de Santa Ana: desde 1977*

Sem pároco desde 1975, foi entregue aos missionários da Boa Nova em Maio de 1977, por Dom André Muaca, que nomeou como Pároco o P. Albano Mendes Pedro, «Superior Regional da SMBN em Angola, em 1988».⁸⁶ Trabalhou na Cúria e nos diversos organismos diocesanos, nomeadamente: «um dos vigários gerais da Arquidiocese de Luanda, membro do Conselho Presbiteral e do Colégio de Consultores, Conselho para assuntos Económicos e no Tribunal Eclesiástico como Vigário Judicial».⁸⁷ Em 1977 vieram os Padres António Valente Pereira e José da Silva Mendes. Este ficou em Santa Ana e o P. António Valente foi para Seles. O P. José Mendes dedicou-se de um modo especial à juventude, juntamente o P. Casimiro da Silva Gaspar (Sacerdote Jesuíta), naquela época muito difícil do mono partidarismo marxista. Trabalharam ainda nesta paróquia «o P. Viriato Augusto de Matos, que também com o P. Casimiro Gaspar coordenaram a Comissão da Juventude da Arquidiocese de Luanda»,⁸⁸ o P. Agostinho Alberto Rodrigues, o P. José Manuel, o P. António Couto, hoje bispo de Lamego, o P. Orlando Augusto Martins, o P. António Frazão, o P. Augusto Farias e o P. José Pedro Carlos. Em 1989 veio o Ir. Macário Oliveira Guedes, que ficou na quinta do Seminário. O P. António Sebastião Kusseta é o atual Pároco e o P. Aníbal Morgado, vigário.

2.1.3 *Missão de Santo António de Dúmbi*

Cita no município de Cassongue, Kwanza-Sul, assumiu esta Missão o «P. Francisco Fernando Martins das Eiras, segundo membro da Boa Nova a chegar em Angola, em Janeiro de 1971, que tendo sido iniciado pelo Cónego Francisco José de Moura, assume efetivamente a Missão em Março desse mesmo ano».⁸⁹ Este fora aluno de Cernache do Bonjardim e acabou

⁸⁵ Cf. P. Adelino Fernandes Simões, *Paróquia / Missão de Viana* (Maia-Portugal: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda, 2021), 91–92.

⁸⁶ Cf. CEAST, *Anuário Católico de Angola e São Tomé*, 235.

⁸⁷ Cf. CEAST, 78–79.

⁸⁸ Cf. CEAST, 81.

⁸⁹ Cf. Virgílio Joaquim Canário, *Traços de História «Cristianismo» Entre os Povos do Kwanza-Sul e Kalucinga* (Sumbe (Kwanza-Sul, Angola): ATF - Edições Técnicas, 2019), 235–36.

por trabalhar nesta missão cerca de 30 anos. Em Março de 1971, chegou P. Manuel Fernandes, como superior da Missão, e em Outubro, o P. Augusto Farias. Em Outubro de 1972 chegaram o P. Laurindo Neto e o «P. Aníbal Fernandes Martins Morgado, que veio a tornar-se o responsável por essa Missão».⁹⁰ O P. Augusto Farias foi estudar em Espanha em Junho de 1975. Em 1976, como a situação política se complicava com a guerrilha a aproximar-se desta área, os padres foram forçados a deixar a Missão em Janeiro de 1977. O P. Aníbal Morgado ficou na Paróquia de Seles e a acompanhar os cristãos de Dúmbi. O P. Manuel Fernandes, a pedido do Bispo, ficou no Sumbe, na Secretaria da Diocese, criada a 10 de Agosto de 1975.

2.1.4 Paróquia de Nossa Senhora de Fátima – Seles

Em 1972, reforçada a equipa com os Padres Laurindo Neto e Aníbal Morgado, foi a ocasião de «assumir esta Paróquia, a 12 de Novembro de 1972, a pedido do Arcebispo D. Manuel Nunes Gabriel».⁹¹ Era constituída por dois Municípios: Seles e Conda. Este último era um Centro Missionário. Foi criada a Paróquia após a saída dos missionários da Boa Nova. O P. Fernando Eiras foi Pároco e professor no colégio das Irmãs do Amor de Deus e na escola secundária, existentes na Vila. O P. Laurindo Neto era o Vigário paroquial. Em 1973 chegou o P. Armindo Alberto Henriques. A pedido das Irmãs, ficou no Seles, como professor. Acabou por sair quando a situação político-militar se complicou, em 1975.

Por razões de instabilidade criada pelas convulsões para a independência de Angola, «a Paróquia ficou sem missionários entre os anos 1975-1976, sendo assistida à distância pelo padre Aníbal Morgado que se deslocava ao Seles para a administração dos sacramentos».⁹² Em Janeiro de 1977, com a saída forçada dos missionários do Dúmbi, o «P. Aníbal Morgado veio reforçar a equipa de Seles e aí foi pároco».⁹³ Dali acompanhava os cristãos de Dúmbi, também a serem dispersos pela guerra. Em 1977 chegou de Portugal o P. António Valente Pereira, que depois de dois meses na Missão da Hanha, em aprendizagem da língua Umbundo⁹⁴, veio trabalhar no Seles. O P. Fernando Eiras regressou a Portugal. Em 1982 veio o Irmão Artur Augusto Paredes e foi colocado no Seles.

⁹⁰ Cf. CEAST, *Anuário Católico de Angola e São Tomé*, 141.

⁹¹ Cf. Virgílio Joaquim Canário, *Diocese do Sumbe - quatro décadas construindo comunidades*, 249.

⁹² Cf. Virgílio Joaquim Canário, 249.

⁹³ Cf. CEAST, *Anuário Católico de Angola e São Tomé*, 140.

⁹⁴ É a língua falada pelo grupo étnico dos ovimbundos, que se concentra no centro-sul de Angola. É a língua mais falada em Angola.

2.1.5 Paróquia de Nossa Senhora da Assunção, Waku Kungo: 1978 a 1982

Os Padres e Irmãs desta Paróquia saíram em 1975. Mas as Irmãs Dominicanas do Rosário, que já lá tinham trabalhado antes, regressaram após a ocupação cubana em 1976 e assumiram a pastoral. O P. António Van Der Hurk, espiritano, da Kibala, assistia com a Eucaristia dominical. O Bispo, Dom Zacarias pediu aos missionários da Boa Nova para assumirem a Paróquia. Assim, com a vinda dos Padres David Ribas e Delfim Pires – o primeiro é associado, da diocese da Guarda – foram colocados nesta Paróquia em 1978. Porém, o P. David Ribas decidiu abandonar o sacerdócio e, para que o P. Delfim Pires não ficasse sozinho, o P. Aníbal Morgado foi enviado a fazer-lhe companhia, em 1980. Permaneceu com ele durante seis meses. Entretanto, em Agosto, foi nomeado o P. António Valente Pereira para trabalhar ali.

2.1.6 Paróquia da Rainha Santa Isabel: desde 1982

A pedido de D. Zacarias Kamwenho, que recebera «os Padres Dominicanos que pediram para trabalhar no Waku Kungo»,⁹⁵ a equipa, constituída pelos Padres Delfim Pires e António Valente Pereira tomaram posse da Paróquia da Rainha Santa Isabel da Gabela, em 27 de Dezembro de 1982, «sendo pároco, o P. António Valente Pereira, até 1995».⁹⁶ Depois, vieram: P. Aníbal Morgado e Irmão Artur Paredes, expulsos do Seles pela guerra; P. Augusto Farias, «pároco de 1995-2009»,⁹⁷ P. António Frazão, P. António Ramos Martins, P. Paulo Jorge, P. António Kusseta, «pároco de 2009-2018».⁹⁸ Esta Paróquia continua até aos dias de hoje assistida pelos missionários da Boa Nova. Agora, o Pároco é o P. Laurindo Visele e os vigários são P. Laurindo Neto e P. José Pedro Carlos. Em 1984 e 1985 esteve também um leigo, o Dr. Francisco Camello, médico, de nacionalidade portuguesa.

2.1.7 Paróquia Nossa Senhora da Graça, Porto Amboim: de 1978 a 1988

A Paróquia de Nossa Senhora da Graça, em Porto Amboim, «esteve em sede vacante, desde o período das conturbações de 1975 até que, em 13 de Janeiro de 1978, D. Zacarias Kamwenho, nomeou o novo pároco, sem obrigação de residência permanente, por acumular as funções de Diretor do Secretariado Diocesano de Pastoral, o P. Augusto Farias, dos

⁹⁵ Cf. CEAST, *Anuário Católico de Angola e São Tomé*, 141.

⁹⁶ Cf. CEAST, 140.

⁹⁷ Cf. Virgílio Joaquim Canário, *Diocese do Sumbe - quatro décadas construindo comunidades*, 243.

⁹⁸ Cf. Virgílio Joaquim Canário, 243.

Missionários da Boa Nova»,⁹⁹ que regressava dos estudos em Espanha, ficando a residir com o P. Manuel Fernandes no Sumbe. Trabalharam também os Padres Delfim Pires, Artur Paredes, António Ramos Martins e o Ir. João Balau. Salientamos que, o período em que esta paróquia esteve em sede vacante, tal como aconteceu noutras realidades eclesiais, é nas dificuldades que o laicado tem a possibilidade de revelar o seu precioso valor. Assim, com a paróquia em sede vacante, um grupo de leigos, pondo à prova a sua maturidade cristã, responsabilizou-se por ela, mas sempre apoiados pelos sacerdotes de Novo Redondo, hoje Sumbe.

2.1.8 Paróquia da Imaculada Conceição – Sé Catedral – Sumbe: 1987 a 1996

A Diocese ficou reforçada com os Padres Xaverianos e Colombianos. Então o Bispo pediu «aos missionários da Boa Nova que mudassem para a Sé Catedral, no Sumbe, para começarem a partilhar com o laicado local, a sua experiência missionária»,¹⁰⁰ e entregou Porto Amboim aos Padres Xaverianos. Assim, o P. Artur de Matos assumiu como Pároco e os Padres Delfim Pires e António Ramos Martins como Vigários. O P. António Valente passou alguns meses ali, antes de ser nomeado para a paróquia da Boa Nova, em Viana, província de Luanda. E também o P. António Manuel Frazão trabalhou ali alguns anos.

2.1.9. Paróquia de Nossa Senhora da Boa Nova: 1995 a 2016

Fundada para celebrar os 25 anos da presença da Sociedade Missionária da Boa Nova (SMBN) em Angola, em 1995. Decidiu-se pedir ao cardeal, D. Alexandre do Nascimento, que, «como marco histórico da presença, fundasse a Paróquia da Boa Nova, no Km 12, Viana. Assim aconteceu e o P. António Valente foi nomeado Pároco».¹⁰¹ Residia no seminário, porque no local só havia uma capela de chapas. Construiu um posto médico, algumas salas para atender o povo, a igreja e uma escola com 12 salas. Por ali passaram os seminaristas e diáconos da Sociedade Missionária. Trabalharam ali os Padres Fernando Matapalo (Hoje, diocesano de Viana), José Pedro Carlos, Cesário Francisco Calei, Laurindo Neto e, por fim, o P. Aníbal Morgado, que a entregou ao Bispo a 16 de Abril de 2016.

⁹⁹ Cf. Virgílio Joaquim Canário, 258.

¹⁰⁰ Cf. Virgílio Joaquim Canário, 195.

¹⁰¹ Cf. P. Aníbal Fernandes Martins Morgado, «Missionários da Boa Nova: 1970-2020 / 50 Anos de Presença Evangelizadora em Angola», *Boletim Familiar*, 2020, 34.

2.2. Tempo de provação: Novos campos, novos desafios

Os primeiros anos de missão em Angola foram tempos de juventude, de sonho, de projetos. Havia muitas ambições pastorais em todos os domínios da ação levada a cabo pela SMBN. Foi com alegria que os membros da Sociedade se associaram às esperanças do povo angolano nos tempos que precederam a independência.

Com a vinda dos padres Aníbal Morgado e Laurindo Neto, o arcebispo de Luanda pede a «formação duma nova equipa para assumir a Paróquia de Vila Nova do Seles também a precisar duma nova presença missionária».¹⁰² Para aí são destacados os padres Fernando Eiras e o P. Laurindo Neto, ficando no Dúmbi os padres Manuel Fernandes, Augusto Farias e Aníbal Morgado. A experiência desta missão ajudou a nova equipa a encontrar caminho para o imenso trabalho que a esperava. A este grupo veio juntar-se o P. Armindo Henriques. Foram três anos de imenso trabalho e de partilha de experiências entre duas equipas que reuniam uma vez por mês para reflexão, partilha, oração e convívio. Mais de metade da equipa era constituída por jovens formados a partir do espírito do Concílio.

Porém, com o «início dos conflitos armados entre os três movimentos de libertação colonial, e a disputa pelo poder começou a desestabilização generalizada, e para os missionários da Boa Nova e tantos os outros, foi o tempo da provação».¹⁰³ Foi durante os conflitos que se deu o grande êxodo dos europeus, e com isto começou uma nova fase de presença missionária. Ou seja, os europeus fogem, há aldeias abandonadas e deixa de haver comunicação entre estas duas comunidades quase meio ano.

Foi, entretanto, «“criada, a 10 de Agosto de 1975, a nova Diocese de Novo Redondo”»,¹⁰⁴ hoje, diocese do Sumbe; na entrada do seu Bispo as comunidades não puderam participar. Foi um tempo difícil. Dos 22 padres que havia na diocese ficaram apenas sete, e também muitas irmãs foram obrigadas a sair».¹⁰⁵ Nessa altura, na Missão do Dúmbi estavam apenas dois padres. Estes puseram-se a questão:

«sair... ficar... Viemos para Angola como missionários. Entregámo-nos ao serviço de Jesus Cristo pelos irmãos. A política mudou. Os comerciantes achavam-se inseguros, regressaram aos seus países. Viemos para a Evangelização. A Evangelização ainda não acabou. A situação era muito insegura, com mortes, ataques, violências, roubos, boatos... ficar... sair... ir embora... o perigo de morte espreitava em qualquer esquina das ruas, em

¹⁰² Cf. Virgílio Joaquim Canário, *Diocese do Sumbe - quatro décadas construindo comunidades*, 249.

¹⁰³ Cf. Equipa Vocacional de Angola, *Missionários da Boa Nova: De Angola para o Mundo* (Cucujães: Escola Tipográfica das Missões, 2009), 28.

¹⁰⁴ Cf. Virgílio Joaquim Canário, *Diocese do Sumbe - quatro décadas construindo comunidades*, 249.

¹⁰⁵ Cf. Farias, «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola», 24.

qualquer curva da estrada. Mas nós viemos por causa de Cristo. Ele morreu por nós. Se morrermos, morremos por Ele. Ficámos».¹⁰⁶

O P. Tavares Martins, que tinha ido a Portugal de férias, já não pôde regressar. Chegou a Angola em Dezembro de 1974 o P. Adelino Simões, que passou a viver em Viana com o P. Albano Mendes Pedro. Com a saída de muito clero, as paróquias de Luanda ficaram desprovidas. O Arcebispo de Luanda «pediu à Sociedade Missionária a presença do P. Albano Pedro para ir tomar conta da Paróquia de Santa Ana, naquela cidade»,¹⁰⁷ ficando P. Adelino Simões sozinho em Viana.

Com o crescimento da onda marxista e a apetência aos bens da Igreja, o «P. Adelino Simões teve de enfrentar alguns responsáveis locais que lhe tiraram a residência e o obrigaram a passar por várias casas, acabando por residir no salão paroquial, em péssimas condições de alojamento, até à compra, mais tarde, duma casa onde passou a residir».^{108 109}

Mas, se por um lado havia essa perseguição à Igreja, que foi dura e tempo de grande prova, surgiu em contrapartida um novo estilo de ação pastoral com base na proximidade, «através do surgimento de pequenas comunidades de oração em casa das pessoas espalhadas pelos bairros. Aí era lida e meditada a Palavra de Deus».¹¹⁰ Foi a partir dessa força evangelizadora que foram surgindo cristãos, alguns deles ainda jovens, que se comprometeram na evangelização às novas comunidades que começavam a surgir nas periferias da vila com a chegada de grande número de refugiados.

O P. Adelino Simões formou várias equipas que semanalmente iam com ele visitar esses novos grupos de oração. Essas pequenas comunidades vieram a dar origem às atuais paróquias que surgiram na futura diocese de Viana. Este movimento catecumenal foi acompanhado pelo lançamento de «vários catecismos que o P. Adelino Simões elaborou, primeiro para a catequese de crianças, e depois para a catequese de adultos, de acordo com o itinerário catecumenal».¹¹¹ Estes catecismos acabaram por ser adotados por quase todas as dioceses de Angola.

¹⁰⁶ Cf. P. Aníbal Fernandes Martins Morgado, «Missionários da Boa Nova: 1970-2020 / 50 Anos de Presença Evangelizadora em Angola», 39.

¹⁰⁷ Cf. P. Augusto Farias, «Angola: 50 Anos de Presença», Boletim Familiar, 2020, 10, Arquivo Geral da SMBN.

¹⁰⁸ Cf. P. Augusto Farias, 10.

¹⁰⁹ Cf. P. Adelino Fernandes Simões, Paróquia / Missão de Viana, 13.

¹¹⁰ Cf. P. Augusto Farias, «Angola: 50 Anos de Presença», 10–11.

¹¹¹ Cf. P. Adelino Fernandes Simões, Paróquia / Missão de Viana, 68–74.

2.3. *A experiência do martírio: Uma opção pelo povo*

Em Angola, tal como noutros lugares, a Sociedade Missionária foi também atingida por horas de sacrifícios e dor. Foi nesse contexto de rejeição que, «em 3 de Fevereiro de 1982 foi morto o P. Manuel Armindo de Lima»,¹¹² chegado a Luanda em Novembro de 1981 com o Irmão João Balau. O P. Manuel de Lima, quando se deslocava com uma equipa de evangelizadores para uma comunidade de deslocados «nas margens do Rio Kwanza foi assassinado a tiro, bem como a senhora Maria Adriana (cristã casada), a aspirante religiosa Carmita e João Veta (um jovem evangelizador), no dia 3 de Fevereiro de 1982».¹¹³ Outro jovem e uma Irmã ficaram também feridos, escapando apenas uma senhora que foi anunciar o sucedido. Era a Igreja que ia toda em missão. Por isso, este acontecimento foi lido, e ainda hoje é considerado, como um verdadeiro martírio. No lugar onde foram encontrados os seus corpos está a ser levantada uma enorme Igreja, em honra dos mártires de Angola, onde cada ano se juntam milhares de pessoas no dia “4 de Fevereiro”¹¹⁴ para evocar a sua memória. E também para os missionários da Boa Nova, a morte do P. Manuel de Lima é um acontecimento significativo, pois o têm como o primeiro mártir.

Outrossim, já antes, em Fevereiro de 1976, os padres Manuel Fernandes, Aníbal Morgado e Fernando Eiras, este vindo do Seles para visitar estes companheiros isolados, foram interceptados pelos cubanos que passavam pelo Dúmbi a caminho do Huambo, os padres estiveram no chão para serem fuzilados. Felizmente, foram salvos quando já ninguém julgava que fosse possível. Foi mais um acontecimento doloroso que mais vinculou os missionários da Boa Nova, à terra e ao povo angolano.

Estas provas continuaram com o «rpto do P. Laurindo Neto, quando a 27 de Abril de 1982 se deslocava para o Lobito, na busca de materiais de construção para apoio aos deslocados chegados ao Seles».¹¹⁵ Foi levado a pé por mais de 1600 km. Mais tarde, seria o P. José da Silva Mendes, também ele apanhado no Seles com mais duas Irmãs do Amor de Deus, no dia 9 de Agosto de 1984 a ter de andar cerca de 1500 km até chegarem à base da UNITA¹¹⁶, na Jamba.

¹¹² Cf. Manuel Castro Afonso, *Sociedade Missionária da Boa Nova: 150 anos em missão : 1855-2005* (Cucujães: Editorial Missões, 2011), 145.

¹¹³Cf. Farias, «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola», 24.

¹¹⁴ Data em que se comemora, em Angola, o início da Luta Armada de Libertação Nacional, iniciada em 1961, terminada em Outubro de 1974. A independência de Angola foi estabelecida a 15 de janeiro de 1975, com a assinatura de Acordo do Alvor entre os quatro intervenientes no conflito: Governo português, FNLA, MPLA e UNITA. A independência e a passagem da soberania ficou marcada para o dia 11 de Novembro desse mesmo ano (1975).

¹¹⁵ Cf. Afonso, *Sociedade Missionária da Boa Nova*, 145.

¹¹⁶ União Nacional para a Independência Total de Angola – é um partido político angolano, fundado a 13 de Março de 1966 e orientado no espectro do centro à direita, sendo a maior e mais organizada agremiação nacional de oposição desde 1976.

No final dessa caminhada o «P. José Mendes optou por ficar, e aí iniciar um novo tipo de missão, dando origem à Paróquia de Santa Maria Mãe de Deus. Foi uma atitude ousada que mostrou à UNITA e a toda a população, cristã e não só, o que é ser missionário». ¹¹⁷ Daí o grande prestígio evangelizador do P. José Mendes e das Irmãs que livremente optaram por ficar na base da UNITA. Em 1989, o P. José Mendes regressou a Portugal, e apareceu morto misteriosamente em Valladolid, Espanha, quando ia para um curso de formação.

O martírio continuou, quando a 6 de Janeiro de 1985 foi morto o Irmão Artur Augusto Paredes, em visita ao Centro Missionário da Conda, na companhia do P. Aníbal Morgado. Um cenário que «ele já previa quando dias antes escreveu à sua irmã Maria Rosa advertindo-a de que poderia cair antes de receber a carta. Mas dizia-lhe que não tinha medo porque sabia em que mãos havia entregue a sua vida». ¹¹⁸ Aos missionários mortos parafraseamos como disseram os Bispos católicos de Angola, aquando da exortação pela busca da paz e confiança: «a morte do missionário simboliza o amor rejeitado pelo ódio, a paz confrontada com a violência, com a alienação do angolano, que vê no irmão um inimigo a liquidar, o que não aproveita senão a terceiros, com a ruína e destruição do País». ¹¹⁹

O risco da missão tornou-se mais uma vez presente quando o P. António Valente Pereira, a 11 de Fevereiro de 1991 foi com as Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus à Missão do Ebo e «foi emboscado no caminho pelos guerrilheiros que o deixaram cravado de balas no ombro esquerdo. Depois de socorrido por um catequista foi milagrosamente curado no Hospital Militar de Luanda». ¹²⁰

Enfim, muitos outros episódios de verdadeira heroicidade cristã ficam registados nos anais da vida da Sociedade Missionária nestes 50 anos de missão em Angola, tal como escreveu o P. Augusto Farias, ao concluir o seu artigo na Revista *Boa Nova*, ao falar da experiência do martírio:

«Se estes acontecimentos foram dolorosos para todo o pequeno grupo dos missionários da Boa Nova em Angola, geraram, no entanto, grande criatividade e a capacidade de resposta. Esta é a página mais dolorosa da missão da SMBN em Angola, durante os 50 anos de sua presença». ¹²¹

¹¹⁷ Cf. Farias, «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola», 25.

¹¹⁸ Cf. Farias, 25.

¹¹⁹ Cf. CEAST, «A Igreja em Angola entre a guerra e a paz - Documentos Episcopais / 1974-1998» (CEAST, 1998), 123.

¹²⁰ Cf. Afonso, *Sociedade Missionária da Boa Nova*, 146.

¹²¹ Cf. Farias, «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola», 25.

3. *As grandes linhas de ação pastoral da SMBN em Angola*

Neste tema apresentámos as iniciativas pastorais, em que mais se destacaram os missionários da Boa Nova, durante a ação missionária em Angola, nos diferentes lugares onde trabalharam, em estreita colaboração com a Igreja local.

3.1. *A experiência do “ondjango”,¹²² como o novo paradigma pastoral*

Ora, no Kwanza-Sul, com a entrada de D. Zacarias Kamuenho para seu primeiro bispo, e depois dum tempo de isolamento, «todos os missionários assumem o “*Ondjango*” como o novo paradigma pastoral numa linha de organização da vida cristã a partir das pequenas comunidades onde todos se corresponsabilizam pela vida comunitária através dos diversos ministérios».¹²³ Este paradigma, levado a cabo na diocese do Sumbe, «foi um exemplo da adaptação da Igreja Católica à cultura angolana».¹²⁴ Nessa diocese, as comunidades religiosas locais encontravam-se organizadas segundo os moldes tradicionais. O seu objetivo «era sublinhar o papel e a responsabilidade de cada cristão na comunidade».¹²⁵ Assim, neste tempo de guerra surgem as comunidades ministeriais assentes em pessoas que passam por tempos de formação a todos os níveis. Estes são os catequistas.

O *Ondjango*, «é uma tradição bantu que exprime a eclesiologia de comunhão, na medida em que, nele há o ambiente de diálogo fé-cultura, que ganhou incentivos no Concílio Vaticano II»,¹²⁶ unido ao novo paradigma eclesiológico que exaltava a comunhão, colocou a Igreja numa perspetiva mais bíblica e fundou uma corrente de participação e responsabilização de todos os seus membros.

Os missionários sentiram a grande importância dos catequistas: líderes no seu exercício da evangelização e a necessidade da sua formação. Os catequistas, na categoria de líderes da comunidade enquanto dinamizadores e como anunciadores da Palavra são o braço direito do Missionário, e a sua tarefa é de suma importância no campo da Evangelização. Sem eles o Missionário seria extremamente limitado e a sua ação evangelizadora seria muito reduzida ou

¹²² Esta palavra significa em Umbundu «*lugar, sala de conversa*». Em todas as aldeias Umdundu existe esta estrutura: um alpendre de forma circular, do tamanho duma cozinha, com muro a meia altura, permitindo olhar-se lá para dentro. Era ali que os anciãos da aldeia se juntavam para conversar ou tomar decisões em assuntos e questões sobre que tinham jurisdição. Esta “*sala de conversa*” era, pois, o centro social e jurídico de toda a comunidade» (Henderson, Lawrence. *A Igreja em Angola*, 1ª ed. Além-Mar, Lisboa, 1990).

¹²³ Cf. Farias, «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola», 25–26.

¹²⁴ Cf. Lawrence W. Henderson, *A Igreja em Angola: um rio com várias correntes* (Lisboa: Além-mar, 1990), 421.

¹²⁵ Cf. Henderson, 421.

¹²⁶ Cf. Virgílio Joaquim Canário, *Diocese do Sumbe - quatro décadas construindo comunidades*, 128–29.

quase nula. Por isso desde o princípio os missionários viram e sentiram a necessidade absoluta da sua formação humana, intelectual, doutrinal e cristã. Por isso, «os missionários da Boa Nova dedicaram tempo à sua formação. Organizaram três cursos com a duração de uma semana ao longo do ano, aproveitando o tempo seco».¹²⁷ Mais tarde viu-se também a necessidade de textos de base para a sua formação. Foi possível com o empenho de alguns missionários que se dedicaram à edição de catecismos, com destaque, aos padres Adelino Simões, Augusto Farias e Delfim Pires.

O *Ondjango*, «do ponto de vista de inculturação do Evangelho entre os bantu de Angola, aparece como um dos resultados felizes do diálogo fé-cultura, sendo reproposto pelo magistério já na perspetiva de “*ondjango cristão*”»,¹²⁸ nem sempre com a mesma nomenclatura, mas partindo da mesma mística – que é a vida em comunhão ao serviço da liturgia e de toda pastoral.

Foi esse o grande investimento tanto no Kwanza-Sul como em Luanda. Os novos missionários, entretanto, chegados, inserem-se nesta dinâmica. Foi o tempo de grande produção catequética quer em Viana, pelo P. Adelino Simões, quer no Sumbe pelo Secretariado de Pastoral, liderado pelo P. Augusto Farias, e depois continuado pelo P. Delfim Pires.

Com o descrédito do marxismo, embora ainda em situação de guerra, «começa uma nova etapa de testemunho cristão por parte dos grupos e movimentos apostólicos: a ação dos novos ministérios».¹²⁹ Os missionários da Boa Nova, «obrigados a sair do Dúmbi abrem novas frentes: Paróquia de Porto Amboim, Waku Kungo, e depois Gabela com a entrega desta paróquia aos dominicanos e o Sumbe, em 1998».¹³⁰ Também em Luanda, com a chegada de novos missionários se abrem novas frentes de ação pastoral: presença na academia de música pelo P. Viriato, no Seminário Maior pelo P. Agostinho Rodrigues, P. José Manel, P. Augusto Farias, a abertura da Paróquia da Boa Nova em Viana, onde o P. Valente Pereira foi o primeiro pároco, vindo da Gabela, e, sobretudo, a proliferação de grupos e pequenas comunidades de oração em todo o lado. Foi a «sementeira do Evangelho levado pelos grupos animados pelos missionários da Boa Nova, e acompanhados em todos os bairros das grandes cidades onde estavam: Luanda, Viana, Porto Amboim, Sumbe, Seles, Waku Kungo e depois Gabela».¹³¹

¹²⁷ Cf. Virgílio Joaquim Canário, 130.

¹²⁸ Cf. Virgílio Joaquim Canário, 129.

¹²⁹ Cf. Farias, «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola», 26.

¹³⁰ Cf. Farias, 26.

¹³¹ Cf. Farias, 26–27.

3.2. *A experiência do catecumenado, como forma evangelizadora*

Com a independência revolucionária, marxista-leninista, gerou-se em Angola um ambiente pouco favorável à Igreja católica. Depois, com a proliferação das seitas, muitos sentiam-se indefesos e inseguros. Foi neste ambiente que, a Sociedade Missionária, por iniciativa do P. Adelino Simões «apostou em prover os cristãos do necessário para a defesa da sua fé e preparar, com uma boa Iniciação Cristã, os que pareciam com vontade de serem cristãos».¹³²

3.2.1. *Os cristãos perguntam: Uma primeira iniciativa catequética de evangelização*

Logo no princípio, em 1975, o P. Adelino Simões, coadjutor do P. Albano Pedro, saía, ao cair da noite, pelas ruas de Viana para conversar com as pessoas. Na conversa que foi tendo com as pessoas, apercebeu-se da confusão reinante por causa das Testemunhas de Jeová. Por essa razão, imediatamente organizou uma *Escola de Bíblia* com encontros semanais. Para cada encontro escolhia um assunto que era apresentado numa folha A5, com perguntas e respostas. As respostas eram passagens textuais da Bíblia.

Tomando conhecimento deste trabalho, um padre capuchinho italiano, missionário em Samba-Cajú, apareceu a pedir estas folhas para a sua missão. Certo dia, perguntou e sugeriu: «Porque não fazes um livro com tudo isto?».¹³³ Desde aí ficou decidido. O P. Adelino Simões preparou o texto, foi às missões do Dúmbi e Vila Nova do Seles apresentá-lo aos colegas (P. Fernando Eiras, Laurindo Neto e Aníbal Morgado) que deram as suas achegas. Depois disso, a 1ª edição de 15.000 exemplares foi impressa numa tipografia, em Luanda.

As edições sucederam-se em Portugal (e no Brasil, pela editora Raboni) até aos dias de hoje. Neste clima, o P. António Pires Prata, por iniciativa própria, fez, em Cucujães, uma revisão do livro, conferindo todas as citações bíblicas.

¹³² Cf. P. Adelino Fernandes Simões, *Paróquia / Missão de Viana*, 68.

¹³³ Cf. P. Adelino Fernandes Simões, 68.

3.2.2. *Jesus é meu amigo: Uma segunda iniciativa catequética de evangelização*

Para a catequese das crianças, o P. Adelino Simões elaborou *Jesus é meu amigo*¹³⁴ e a primeira edição, impressa em Luanda, foi de 30.000 exemplares.

O livro catequético, destinado às crianças, *Jesus é meu amigo* foi alvo de evoluções e tiragens em duplicador manual, feitas pelos padres José da Silva Mendes e António Valente Pereira.

O P. Adelino Simões preparou também outros catecismos para satisfazer as necessidades dos diversos anos da catequese, fazendo, ele mesmo, tiragens de 3.000 exemplares em duplicador manual.

3.2.3. *Jesus: Uma terceira iniciativa catequética de evangelização*

Jesus é mais uma iniciativa catequética de evangelização, para as crianças, «que veio substituir “*Jesus é meu amigo*”». ¹³⁵ É uma narração da vida de Jesus para as crianças em quatro fascículos: *Infância, Vida Pública, Paixão e Morte, Ressurreição e Pentecostes*. Foi feito a pensar na “pré-catequese” das crianças. Num primeiro momento, fez-se uma composição na *IBM Composer* e uma tiragem, no duplicador manual, de 1.000 exemplares cada fascículo, com desenhos.

Num segundo momento, no Ano Internacional da Criança, em 1979, D. Eduardo André Muaca encomendou para a Arquidiocese de Luanda uma edição de 3.000 exemplares de cada fascículo e mais 10.000 exemplares “volume único”. Esta edição foi feita em Cucujães, na escola das Tipográfica das Missões, com desenhos de Higinio Abreu, encomendados e pagos pelo autor. Depois desta edição, o Secretariado Arquidiocesano da Catequese de Luanda foi fazendo tiragens sucessivas. Em Portugal, a Editorial Missões mantém no mercado o material *Jesus*, num único volume.

3.2.4. *O catecumenado na Paróquia de Viana*

Em 1975, logo a seguir à Independência, o P. Adelino, ao ver o esforço que algumas crianças e adolescentes faziam para terem catequese, logo concluiu: «Estas crianças e

¹³⁴ Cf. P. Adelino Fernandes Simões, 69.

¹³⁵ Cf. P. Adelino Fernandes Simões, 69.

adolescentes precisam de ser bem preparadas para poderem defender a sua fé. E assim começou o esforço pela implementação do catecumenado». ¹³⁶ Foi um processo longo.

O catecumenado, segundo o *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos* (RICA), se for levado a sério, é apaixonante e frutuoso. É toda a comunidade ocupada e empenhada na “geração” de novos filhos.

Ora, o primeiro anúncio por meio da catequese surge da compreensão de que, na Iniciação Cristã, tudo se tornará mais fácil, quando os agentes da pastoral se aperceberem da importância fundamental do “Primeiro Anúncio cheio de ardor que a dada altura transforma uma pessoa e a leva à decisão de entregar-se a Jesus Cristo pela fé” (AG, 13; CT, 21). Tempo fundamental para a descoberta e adesão a Cristo *Caminho, Verdade e Vida*.

Não foi fácil para o P. Adelino Simões levar os agentes da pastoral a aperceberem-se da identidade e importância deste tempo. Só depois de uma semana de “evangelização” orientada pelo P. Ézio, capuchinho italiano, se aperceberam. Foi a partir daí que, em Viana, a “evangelização” e a “catequese” passaram a ter tempos próprios, com identidade própria, dinamismo próprio e agentes próprios. A “evangelização” para a “conversão” a Cristo passou para os sábados à tarde; e a “catequese” para o ensino “sistemático” dos convertidos passou para os dias de semana.

Isto obrigou a novos textos de apoio. Assim surgiu a última geração de textos (como ensaio de catecismos), já a pedido da Comissão Nacional de Evangelização e Catequese de que o P. Adelino Simões fazia parte há bastantes anos; catecismos que ajudassem a implementar o *RICA* e o *Diretório Nacional da Iniciação Cristã*, elaborado também pelo P. Adelino Simões para a Conferência Episcopal, a pedido de D. Zacarias Kamwenho, em 1990. Deste modo, para o tempo da evangelização apareceu, com a data de 12 de Fevereiro de 1992, *A Boa Nova de Deus Para Ti*, editada em 15.000 exemplares.

Para o tempo do catecumenado, preparou os seguintes “ensaios”: Iniciação Cristã 1 (Para a iniciação na História da Salvação e na fé cristã); Iniciação Cristã 2 (Para a iniciação na oração, no apostolado, na caridade e na moral cristã); Iniciação Cristã 3 (Para a iniciação na celebração da fé, por meio da preparação e celebração dos sacramentos). Teve a colaboração da Irmã Conceição Sousa (das Irmãs Espiritanas, na altura catequista em Viana).

Em Julho de 1993, o P. Adelino Simões foi obrigado a deixar Angola. Passados anos, seus colegas em Angola, pediram-lhe para preparar uma nova edição; o que veio a acontecer

¹³⁶ Cf. P. Adelino Fernandes Simões, 71.

em 2010. Esta edição e tiragens estão na responsabilidade dos padres da Boa Nova, no Seminário, em Viana (Km 12).

3.3. *Pastoral social: educação e saúde*

A Sociedade Missionária da Boa Nova teve sempre uma preocupação na formação humana e cristã. Na área da formação escolar, houve sempre um grande esforço. Os missionários da Boa Nova, no exercício das suas atividades missionárias em Angola, tiveram em conta o homem em todas as suas dimensões.

A Missão católica de Santo António, Dúmbi, «tinha cerca de setenta escolas primárias orientadas e dinamizadas por professores que a Missão apresentava ao Ministério da Educação, normalmente com a 4ª Classe».¹³⁷ O Ministério da Educação dava-lhes formação, nas férias, e, se aprovados, recebiam o título de Monitores escolares e eram entregues à Missão que os colocava nas suas escolas. Eram pagos pelo governo.

A tarefa da Missão era acompanhá-los no seu trabalho local, em coordenação com os *sobas*¹³⁸ das aldeias. Mas esta tarefa, não se limitava à fiscalização. Mensalmente, tinham uma reunião na Missão onde havia formação moral, cívica e económica. A Missão tinha uma equipa de professores de Posto que orientavam estas reuniões mensais. O Curso de professores de Posto era ministrado por escolas católicas. Dentre muitas escolas, «sublinham-se duas: uma para rapazes no Kuima, Huambo – sob a orientação dos Padres Espiritanos – e outra para meninas, em Kunhinga (Vouga), Bié – sob a direção das Irmãs Teresianas».¹³⁹

Além das escolas, espalhadas por toda a área da Missão, havia também dois internatos: um masculino – orientado pelos padres – e outro feminino – orientado pelas Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, fundadas por D. Moisés Alves de Pinho, primeiro Arcebispo de Luanda. No Waku Kungo e Gabela, o P. Delfim Pires foi professor, bem apreciado nas escolas estatais.

Em Santa Ana, o P. Orlando Martins e na Paróquia de Nossa Senhora da Boa Nova, o P. António Valente Pereira construíram salas de aula, em volta da Igreja.

¹³⁷ Cf. P. Aníbal Fernandes Martins Morgado, «Missionários da Boa Nova: 1970-2020 / 50 Anos de Presença Evangelizadora em Angola», 36.

¹³⁸ Em Angola, é um título que se atribui ao chefe nas aldeias, desde o tempo pré-colonial até hoje. Existem dois tipos de sobas: o soba grande (regedor-coordenador dos outros sobas) e o soba.

¹³⁹ Cf. P. Aníbal Fernandes Martins Morgado, «Missionários da Boa Nova: 1970-2020 / 50 Anos de Presença Evangelizadora em Angola», 36.

No campo da saúde, a Missão de Dúmbi «tinha um hospital com 2 enfermarias (24 camas) e um consultório orientado pelas Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus. O médico residia no Seles, e visitava mensalmente o posto».¹⁴⁰ Hoje esta Missão, que fora destruída pela guerra, reabriu e o governo reabilitou o hospital, construiu uma casa para o enfermeiro e reabilitou duas salas.

Na Paróquia da Boa Nova, o P. António Valente Pereira começou a sua atividade, priorizando um posto médico, que o entregou ao cuidado das Irmãs Salesianas. Só mais tarde é que pensou na casa paroquial e na Igreja.

Na Gabela, construiu-se um posto médico mais orientado para a medicina tradicional, à base de chás e produtos ervanários. E mais tarde construiu-se outro posto médico para a assistência da pastoral da criança, na comunidade da Aricanga. Esta pastoral, «vinda do Brasil, acompanha a mãe desde a gestação até a criança completar 5 anos».¹⁴¹

3.3.1 O “Kiandala”: luta contra a fome

A guerra civil trouxe penúria e fome. Se uns cruzavam os braços esperando que a salvação caísse do céu ou viesse pelo mar, outros iam à luta, com a enxada na mão, na busca do seu sustento. Assim surgiu o «“Kiandala”, que quer dizer, o lugar dos que lutam, dos que não desistem».¹⁴²

O caminho para o Kiandala foi aberto em 1986, pela Dona Maria Domingos Bernardo, logo seguida pela Dona Teresa Mussungo e fortemente apoiada e dinamizada pela Sociedade Missionária, na pessoa do padre Adelino Simões.

Numa reunião dos missionários, em Luanda, o P. Adelino Simões lançou um pedido de ajuda para quem lutava para tirar o seu sustento da terra. Logo a Cáritas de Luanda, com os bons ofícios do cardeal Alexandre Nascimento, (na altura, Presidente da Cáritas Internacional) garantiu um trator. E o trator foi entregue. Por sua vez, a Irmã Alete, superiora das Irmãs Espiritanas em Viana, conseguiu na sua terra natal (em França) sementes e dinheiro. O delegado Apostólico, «Fortunato Baldelli, Arcebispo Titular de Bevagna»,¹⁴³ ao tomar conhecimento disto, visitou o Kiandala, levando consigo o embaixador da Inglaterra e o representante da CEE (Comunidade Económica Europeia), que fizeram o seu donativo.

¹⁴⁰ Cf. P. Aníbal Fernandes Martins Morgado, 37.

¹⁴¹ Cf. P. Aníbal Fernandes Martins Morgado, 37.

¹⁴² Cf. P. Adelino Fernandes Simões, *Paróquia / Missão de Viana*, 78.

¹⁴³ Cf. CEAST, *Anuário Católico de Angola e São Tomé*, 15.

O terreno foi preparado com máquinas pesadas da ENAMA¹⁴⁴ e fizeram-se represas. Algum tempo depois, a “Cáritas diocesana” ofereceu seis contentores e a ENAMA transportou-os. Os contentores tinham como finalidade guardar as alfaías e produtos agrícolas.

O “Kiandala”, localizado no Calumbo, diocese e município de Viana, era um espaço aberto a todos (católicos, evangélicos e não cristãos). Era a «luta dos pobres contra a fome. Uma luta totalmente dependente das águas das chuvas e por isso precária».¹⁴⁵

3.4. *A pastoral vocacional*

Na formação dos ministérios, a formação dos futuros padres e consagrados foi o sector que maior cuidado mereceu para os missionários da Boa Nova, desde a chegada a Angola. Toda a «atenção estava voltada para a formação de padres para a Igreja local. Já no Dúmbi foram enviados os primeiros candidatos para o Seminário de Luanda e também para os Capuchinhos».¹⁴⁶ Depois da independência foi a pastoral vocacional organizada em todas as paróquias da Diocese do Sumbe como alternativa ao Seminário Menor onde os jovens eram “rusgados” para a tropa. Os que saíam dos grupos paroquiais dos missionários da Boa Nova, seguiam já para o Seminário Maior e para os aspirantados. Mesmo em Viana surgem as primeiras vocações e igualmente em Santa Ana. Desses jovens, «acompanhados pelos missionários da Boa Nova já há bispos, padres, religiosos e religiosas, alguns dos quais com muita responsabilidade na Igreja de Angola».¹⁴⁷ Esses são, como diz o P. Augusto Farias “*a coroa e a glória da Sociedade Missionária em Angola*”.

O objetivo primário da Sociedade «era fundar a Igreja local, e por isso não se aceitavam membros angolanos».¹⁴⁸ Porém, surgiam jovens seminaristas que, com insistência, «pediam para serem também “como os missionários da Boa Nova”».¹⁴⁹ Estudado o assunto a nível da Assembleia Geral, a Sociedade abriu-se a esses membros. Assim, em Luanda, no ano de 1988-1889 foram aceites dois seminaristas que já estudavam filosofia. Residiam nos anexos da casa paroquial de Santa Ana, e eram acompanhados pelo P. Albano Pedro. Iam às aulas ao Seminário Maior de Luanda. São os primeiros padres angolanos da Sociedade Missionária da Boa Nova.

¹⁴⁴ Empresa Nacional de Mecanização Agrícola. Uma empresa angola.

¹⁴⁵ Cf. P. Adelino Fernandes Simões, *Paróquia / Missão de Viana*, 80.

¹⁴⁶ Cf. Farias, «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola», 27.

¹⁴⁷ Cf. Farias, 27.

¹⁴⁸ Cf. P. Aníbal Fernandes Martins Morgado, «Missionários da Boa Nova: 1970-2020 / 50 Anos de Presença Evangelizadora em Angola», 37.

¹⁴⁹ Cf. P. Augusto Farias, «Angola: 50 Anos de Presença», 22.

Mais tarde, em 1990, comprou-se uma quinta em Viana, no Km 12, onde foi construído o Seminário da Boa Nova, donde já saiu mais de uma dúzia de padres que em Angola já assumem a condução da missão e outros estão no Brasil, Portugal e Moçambique em tarefas importantes confiadas pela SMBN. Alguns jovens estão a terminar os estudos teológicos em Portugal, e outros a estudar filosofia em Angola.

São 13 os padres já formados da região de Angola, alguns a trabalhar nas suas dioceses, e muitas dezenas de jovens que hoje ocupam lugares de grande relevo a nível nacional e que mantêm com a Sociedade Missionária relações de grande estima e apreço. Foi também grande a colaboração da SMBN nos diversos seminários diocesanos, quer no Sumbe e atualmente na Gabela, quer no Seminário Maior de Luanda, onde deram aulas quase todos os missionários que passaram pela paróquia de Santa Ana. Pode-se dizer que a promoção, a formação e o acompanhamento vocacional de rapazes e meninas ao longo destes 50 anos ficam como nota de relevo na celebração do jubileu dos 50 anos.

Passados 50 anos de missão em Angola, já poucos restam dos primeiros missionários, e destes alguns estão já cansados. Mas, ainda assim constitui uma grande alegria para os primeiros missionários da SMBN em Angola «verem que a missão continua naqueles que eles formaram e que se preparam para ser presença missionária noutros contextos da Igreja»;¹⁵⁰ P. Farias caracteriza-os como “*o fruto maduro da missão*”. E diz mais: «Todavia, este jubileu que é de alegria e de festa, para Angola, também o deveria ser para a Igreja em Portugal, se entre nós surgissem outros “*loucos do Evangelho*” para dar continuidade a esta aventura que nos encheu a vida de imensa alegria. Aqui fica o desafio».¹⁵¹

4. *A maturidade missionária*

O falecimento do P. Albano Mendes Pedro e o regresso a Portugal por doença ou idade dos Padres António Ramos Martins, Manuel Fernandes, António Frazão, do Ir. João Balau e, ultimamente, do P. António Valente Pereira, «obrigou o grupo de Angola a redimensionar os seus campos de ação».¹⁵² Já há muito se havia entregue a paróquia da Sé do Sumbe ao clero diocesano. Depois foi a vez da entrega da paróquia da Boa Nova em Viana, iniciada de raiz pelos missionários da SMBN.

¹⁵⁰ Cf. Farias, «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola», 27.

¹⁵¹ Cf. Farias, 27.

¹⁵² Cf. P. Augusto Farias, «Angola: 50 Anos de Presença», 27.

Se esta situação é dolorosa por falta de membros, por outro lado «é sinal de maturidade da Sociedade Missionária que, no decurso de poucos anos, colaborou para que essas paróquias fossem entregues ao clero que foi formando».¹⁵³ Por outro lado, as três unidades que ainda é acompanhada pelos missionários da SMBN – Seminário da Sociedade em Viana, Paróquias de Santa Ana e Gabela – estão nas mãos de companheiros angolanos que ela formou nos últimos vinte e cinco anos. Esta é uma bênção que tem de celebrar neste jubileu de 50 anos de presença em Angola e de 90 anos da Sociedade.

Este é sem dúvida o maior desafio que hoje se coloca a esta região. A Sociedade Missionária da Boa Nova «está muito reduzida em número de membros, mas pode ser grande se for capaz de suscitar novos membros e formá-los para assumirem, talvez, novos desafios pastorais em Angola ou noutro contexto, eventualmente ainda mais carenciado de missionários».¹⁵⁴ Mesmo em Angola, a Sociedade Missionária é chamada hoje a ser uma presença significativa, não se limitando a fazer o que todos fazem e a gerir uma simples pastoral de manutenção. Para além de ajudarem a criar comunidades, também elas missionárias e evangelizadoras entre os ainda não cristãos ou noutros contextos em que já questionam a presença cristã, é necessário investir noutras estruturas pastorais que possam contribuir para uma renovação da pastoral em Angola.

A criação de pequenas comunidades evangelizadoras centradas na Palavra de Deus, talvez relançando o *ondjango*, a dinamização do catecumenado, a formação de novas lideranças eclesiais, enfim, talvez possam ser novos desafios em que valha a pena investir, começando por preparar membros para esses desafios, para que o grupo de Angola, que sempre foi pequeno, possa continuar a ser sempre uma referência.

A Sociedade Missionária da Boa Nova, «não está para ser protagonista em nada. Mas deve estar para ser uma verdadeira presença missionária que deve caracterizar os seus membros».¹⁵⁵ Essa deve ser a vocação dos seus membros, como pequeno Instituto.

50 anos de vida não cabem numa dúzia de folhas por mais densas que sejam. Até se pode correr o risco de deixar por narrar o melhor. Mais que obras e estruturas, e foram muitas, fica o testemunho de muitos dos companheiros da Sociedade Missionária que por ali passaram e deixaram marcas de vida e de entrega. É uma história de amor escrita com letras de sangue e regada com imenso suor, trabalho, dedicação.

¹⁵³ Cf. P. Augusto Farias, 27.

¹⁵⁴ Cf. P. Augusto Farias, 27.

¹⁵⁵ Cf. P. Augusto Farias, 28.

A celebração deste jubileu «deve merecer por parte dos membros da região de Angola, e até com a colaboração da Direção Geral, uma grande reflexão, de modo a que esta efeméride seja uma rampa de lançamento pastoral em ordem à criação de novas e mais significativas formas de presença missionária. Estes são os meus votos».¹⁵⁶ Só vale a pena celebrar jubileus, quando se geram projetos de futuro.

Finalmente, depois de termos procurado, com bastante exercício de síntese, apresentar algumas marcas imprescindíveis da atividade missionária da Sociedade Missionária em Angola, durante os anos de 1970-2020, concluímos este capítulo com as palavras do P. Aníbal Morgado, quando falava do significado da comemoração dos 50 anos da presença da SMBN em Angola, da qual, maior parte dela vivida em clima de guerra:

«Apenas posso dizer: São as dores da maternidade. O Senhor salvou-nos pelo sofrimento. Passaram 50 anos. A história é orientada, guiada e comandada por Jesus Cristo. Somos servos inúteis. Só temos de agradecer ao Senhor que nos acompanhou sempre até hoje. A Ele seja dada a glória e o louvor para sempre».¹⁵⁷

¹⁵⁶ Cf. P. Augusto Farias, 28.

¹⁵⁷ Cf. P. Aníbal Fernandes Martins Morgado, 39.

CAPÍTULO 3: A AÇÃO MISSIONÁRIA DA BOA NOVA EM ANGOLA LIDA À LUZ DA MISSIOLOGIA DO DECRETO AD GENTES.

No presente capítulo, partindo da compreensão e das orientações do Concílio Vaticano II, sobre o que é e deve ser a missão Ad gentes, tomámos como exemplo a ação missionária realizada pelos missionários da Boa Nova em Angola, procurámos estabelecer relação, ou seja, até que ponto vai de acordo ou não, com as orientações do Concílio, no que diz respeito à missão Ad gentes. Tendo em conta a motivação a que nos propomos realizar esse trabalho, o nosso foco principal nesse capítulo cingiu-se a apresentar as ações realizadas pelos missionários da Boa Nova, que de certa forma sublinham as dimensões do anúncio, desafios e serviço, e respondem positivamente aos anseios do Concílio Vaticano II. Conquanto, nalguns momentos, apresentamos também algumas críticas, quando nos deparámos com ações às margens ou estranhas à missão Ad gentes, visto que também houve alguns erros na maneira de levar a cabo a missão de evangelização.

1. A missão no contexto do Vaticano II

O tema de debate do Concílio Vaticano II foi sem dúvida, a “*Missão aos povos*”. O papa João XXIII «convidou a Igreja a olhar os sinais dos tempos, a abrir-se a um novo Pentecostes, exigindo dela uma profunda compreensão, com sincera admiração e com franco propósito não de conquistar, mas de valorizar o mundo; não de condená-lo, mas de confortá-lo e salvá-lo».¹⁵⁸

O anúncio do Concílio Vaticano II pelo papa João XXIII fez com que houvesse uma grande movimentação em torno da práxis missionária, porquanto o momento estava permeado de crises e tensões que refletiam as práticas da missão católica da época. Pois, tratava-se de dar uma reviravolta no modo de levar por diante a atividade missionária naquele momento histórico, isto é, abandonar o modelo de missão colonialista, expansionista e eclesiocêntrica, que vigorava no contexto imediato anterior ao Concílio Vaticano II, e sobre o qual muitas vezes e ações se levantavam contra. A Igreja estava a viver um momento que clamava por mudanças radicais. O modelo antigo já não cabia no contexto moderno e o Papa e os padres conciliares estavam cientes da situação.

Diante deste acontecimento, a imagem da comunhão trinitária deveria ser a inspiração e o convite a uma missão pautada pelo diálogo, pela gratuidade e pelo testemunho. A missão da Igreja «ficava plenamente centrada na Santíssima Trindade como sua fonte original e seu

¹⁵⁸ Cf. Nadi Maria Almeida e Agenor Brighenti, «A Missão Ad Gentes em torno da renovação do Vaticano II», *Estudos teológicos* 60, n. 3 (Dezembro de 2020): 871.

termo final. Do Pai pelo Filho no Espírito Santo, a Igreja recebe a sua missão que não tem outra meta senão a de reunir todos os homens em Cristo e conduzi-los ao Pai, mediante a ação do Espírito Santo».¹⁵⁹ Assim, a corrente vital da Igreja nada mais é do que a vida divina trinitariamente possuída e doada. O conceito de missão não podia mais deixar de lado a relação intrínseca da missão da Igreja com o mundo.

Foi a partir desse ambiente eclesial que, a Sociedade Missionária da Boa Nova entusiasmada pelo ideal conciliar e de todo o trabalho realizado em Portugal para divulgar o Concílio, seus documentos e espírito, através das Semanas Missionárias, «assumiu o compromisso de sair dos seus contextos anteriores, Portugal e Moçambique, para se abrir a outros horizontes».¹⁶⁰ E no caso concreto, Angola. É o espírito conciliar que anima o grupo que foi enviado para Angola.

A missão de Angola vinha a ser pedida pelos Arcebispos de Luanda desde há muito tempo, começando por D. Moisés Alves de Pinho, que passava muitas vezes por Cucujães, e depois, D. Manuel Nunes Gabriel, também ele antigo aluno de teologia no Seminário de Cucujães, «a pedir a presença da SMBN em Angola para ser uma força evangelizadora numa linha de muita proximidade com o povo e para a formação de ministérios para os diversos serviços pastorais».¹⁶¹ Esse era o seu grande desejo para dar resposta ao que o Concílio pedia às novas Igrejas.

De facto, a saída da Sociedade Missionária da Boa Nova dos seus contextos anteriores para Angola é uma resposta à renovação que o Concílio Vaticano II traz para a missão, nas palavras do papa João XXIII, «foi abrir-se a um “*aggiornamento*”, que segundo Chia significa que a “Igreja precisava se atualizar e colocar-se em dia com a evolução da sociedade”. Para isso, era necessário abrir-se ao diálogo, “se a Igreja quisesse se relacionar e integrar-se com outras entidades e comunidades sociais”».¹⁶²

1.1 A missão na renovação do Vaticano II

O Vaticano II trouxe uma nova visão de missão, resgatando seu verdadeiro significado e a maneira de levá-la a cabo. Realçou de maneira específica «o tema da missão aos povos “*Ad gentes*”, colocando no seio do próprio ser da Igreja o carácter missionário. A Igreja está ao

¹⁵⁹ Cf. Daniel, «Encíclicas missionárias: estudo e avaliação teológica da evolução da missiologia pré-conciliar e pós-conciliar», 315.

¹⁶⁰ Cf. Farias, «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola», 22.

¹⁶¹ Cf. Farias, 22.

¹⁶² Almeida e Brighenti, «A Missão Ad Gentes em torno da renovação do Vaticano II», 872.

serviço da missão do Reino de Deus».¹⁶³ Esta é a visão de Igreja que permeia não somente o Decreto *Ad gentes*, mas também a maior parte dos documentos conciliares.

O Concílio Vaticano II, na sua denominada “volta às fontes” bíblicas e patrísticas, rompeu com o eclesiocentrismo, que caracterizou a autoconsciência da Igreja no largo período de cristandade, com consequências concretas para a missão. A superação do «eclesiocentrismo então reinante na Igreja há mais de um milênio, por meio do Reino de Deus na auto-compreensão da Igreja, marcou a mudança fundamental do Concílio».¹⁶⁴ Isto é, a Igreja, ao passar a ser compreendida como mediadora privilegiada, dado que dispõe dos sacramentos e da Palavra revelada, mas não a única, enquanto servidora do Reino, em consequência, o seu raio de atuação vai além de suas próprias fronteiras. Assim, ela existe para tornar presente o Reino de Deus no mundo, em diálogo com as demais igrejas, religiões e com todas pessoas de boa vontade.

Nessas linhas reformadoras sobre o modo de encarar a missão, encontramos claramente os ideais vividos pela Sociedade Missionária da Boa Nova, em Angola, tais como: «a opção pelas situações de missão mais carenciadas, comunhão com as igrejas locais de destino e seus pastores, ficar do lado dos mais pobres e esquecidos, colaborar na promoção e no desenvolvimento a favor da paz e da vida».¹⁶⁵ Estes ideais tornam, de alguma forma perceptível, a compreensão de que o Reino de Deus descentra a Igreja de si mesma, de suas questões internas, e leva-a a abraçar as grandes causas da humanidade, pois: «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo» (GS 1).

1.2 A nova teologia da missão

A imagem de Igreja que o Concílio apresenta na *Lumen gentium* é de uma Igreja povo de Deus, que caminha buscando a realização do Reino de Deus. Com a *Gaudium et spes*, o Concílio a chama a dialogar com a realidade global. Por sua vez, com o Decreto *Ad gentes* introduz um novo entendimento em relação às religiões, reconhecendo valores e elementos religiosos como a preparação para receber o Evangelho.

O tema da missão explicitamente abordado no Decreto *Ad gentes* «tem em conta as bases eclesiológicas lançadas pela *Lumen gentium*. Ou seja, a missiologia do *Ad gentes* assenta

¹⁶³ Cf. Almeida e Brighenti, 872.

¹⁶⁴ Cf. Almeida e Brighenti, 872.

¹⁶⁵ Cf. Equipa Vocacional de Angola, *Missionários da Boa Nova: De Angola para o Mundo*, 2.

sobre a eclesiologia da *Lumen gentium*». ¹⁶⁶ O Decreto começa por afirmar a missionaridade da Igreja enviada por Cristo a ser sacramento universal de salvação, estabelecendo como princípio incontestado que, «a Igreja é por natureza missionária, posto que tem a sua origem no amor fontal do Pai e na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o propósito de Deus Pai» (AG 2).

O Concílio ao apresentar essa fundamentação forte, profunda, nobre, urgente, dinâmica e fecunda da missão, «volta aos seus fundamentos bíblicos e teológicos, colocando a Igreja na própria fonte do mistério trinitário». ¹⁶⁷ De lembrar que, a missão como projeto ou obra da Santíssima Trindade «é o resultado de uma longa evolução e discussão em torno da própria Trindade, princípio da criação, salvação e santificação do cosmos e da humanidade». ¹⁶⁸ Esta noção resume-se, em última instância, às palavras de João: «Deus é amor» (1Jo 4,16). O amor divino não se restringe ao Ser de Deus de modo auto referido ou narcísico; contudo comunica-se do Pai para o Filho, no Espírito Santo, e transborda dos Três para fora, em caridade. Vai da Criação à Revelação que a Trindade faz de Si, anunciando uma boa nova de comunhão para a humanidade (cf. Gn 1,26-28; Êx 3,6-9; Jo 1,14; 3,16-17; Gl 4,6; 1Jo 4,9-10).

Também, através dessa fundamentação, inaugura um novo jeito de ser Igreja e de fazer missão. O desafio da globalização para o missionário «é trabalhar para que exista uma verdadeira comunhão com as pessoas e nações do mundo. Em outras palavras, o grande desafio é o de humanizar a globalização». ¹⁶⁹ Nesse sentido, num contexto globalizado, evangelizar tem a ver com a vida das pessoas, com a busca de paz, da justiça social, do respeito e diálogo com religiões. No Decreto *Ad gentes*, a missão é compreendida como testemunho de vida, diálogo e presença de caridade (Cf. AG 10-12).

A missão compreendida dessa maneira é a que impulsionou os primeiros missionários da Boa Nova a aceitarem o desafio de partir para Angola, que se encontrava em clima tenso de guerra, para serem testemunhos do amor de Deus, dialogando com culturas diferentes das deles, e ser, sobretudo, presença de caridade junto do povo angolano, que passava por momentos conturbantes da sua história. A chegada dos primeiros padres coincide com o início duma nova viragem histórica e política de Angola – independência nacional, consumada em 1975. Nessa atmosfera, sendo a Igreja «o Povo de Deus em marcha no tempo para a casa do Pai na

¹⁶⁶ Cf. Daniel, «Encíclicas missionárias: estudo e avaliação teológica da evolução da missiologia pré-conciliar e pós-conciliar», 314.

¹⁶⁷ Cf. Daniel, 315.

¹⁶⁸ Cf. Joachim Andrade, «Tradições, transições e transformações: missão além de ad gentes», *Revista Pistis Praxis* 10, n. 3 (18 de Dezembro de 2018): 480, <https://doi.org/10.7213/2175-1838.10.003.DS02>.

¹⁶⁹ Cf. Almeida e Brighenti, «A Missão Ad Gentes em torno da renovação do Vaticano II», 875.

eternidade, que tem por missão comunicar aos homens a doutrina revelada por Deus e contidas nas Escrituras Santas e na Tradição e, sobretudo, torná-los participantes da libertação trazida por Cristo e consumada no Calvário»¹⁷⁰, retoma-se o trabalho com a juventude iniciado pelo P. Albano Mendes. Os jovens começam a ser uma nova força no meio académico, mesmo na universidade, questionando o regime. O P. Viriato de Matos vai também dar aulas de música no Conservatório de Luanda e é convidado para dar aulas de música na TPA (Televisão Pública de Angola), para além de algumas aulas no Seminário Maior de Luanda. Por seu lado, o P. Agostinho Rodrigues dedica parte do seu tempo a dar aulas de filosofia no Seminário Maior e aulas de teologia e espiritualidade no inter-juniorado das religiosas de Luanda. Ambos se dedicam à construção de novas capelas e outras instalações para atividades pastorais em vários centros que depois se tornarão paróquias.

De facto, foi bastante o contributo dos missionários da SMBN na viragem histórica de Angola, na medida que ajudaram com os seus conhecimentos, a despertar no homem cristão angolano a sua dimensão política e levá-la a assumir as suas responsabilidades como cristão.

Portanto, a nova visão de “missão aos povos”, trazida pelo Concílio Vaticano II, convida a Igreja a olhar e ler os sinais dos tempos. O impulso à abertura missionária que o Concílio dá à Igreja ilumina e convida a tomar consciência de sua missão evangelizadora no mundo, como disse Paulo Suess: «o Concílio iniciou processos que livraram a missão da fixação a territórios geográficos e fizeram a Igreja descobrir sua natureza missionária».¹⁷¹

2. *O Vaticano II e a missão ad gentes*

A nova perspetiva missionária que o Concílio Vaticano II traz é de uma Igreja que nasce da missão, dado que sua essência brota da missão da Trindade, em particular de Jesus de Nazaré. Daí decorre que, a missão de cada cristão na Igreja não é diferente, é o prolongamento da vida e obra de Jesus Cristo. Uma missão que «não é obrigação somente de alguns consagrados, mas dever de todo batizado» (AG 11). E mais, «não se destina a converter, mas a dialogar e servir, a atrair e formar comunidades no seio do povo de Deus. Por essa razão, implica o respeito ao outro, ao diferente, à valorização das culturas, ao reconhecimento da presença e da ação do Verbo em toda a parte».¹⁷²

¹⁷⁰ Cf. CEAST, *A Igreja em Angola entre a Guerra e a Paz / Documentos Episcopais: 1974 - 1998* (Luanda-Angola: CEAST, 1998), 33.

¹⁷¹ Cf. Paulo Suess, *Introdução à Teologia da Missão* (Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2007), 118.

¹⁷² Cf. Almeida e Brighenti, «A Missão Ad Gentes em torno da renovação do Vaticano II», 877.

O objetivo da missão, como já foi aludido acima, «é tornar presente o Reino de Deus no mundo» (EG 176), e não, em primeiro lugar, implantar a Igreja, como muitos Institutos missionários e congregações tentaram fazer. Tendo em conta essa finalidade, a missão não é imposição, mas ir às “gentes” para testemunhar o amor de Deus em meio do seu povo espalhado pelo mundo inteiro.

Nessa temática do objetivo da missão, cabe-nos fazer uma crítica ao número 6 do Decreto *Ad gentes* que apresenta os “pregoeiros do Evangelho”, como aqueles que vão pelo mundo pregar o Evangelho e implantar a igreja, colocando essa atitude como fim primário e próprio da atividade missionária. Nessa ordem de ideias, também os missionários da Boa Nova não ficaram longe dessa pretensão, se olharmos para a preocupação pastoral dos seus primeiros missionários, sobretudo os que estiveram nas dioceses de Viana e Sumbe – fundaram comunidades e construíram inúmeras capelas, longe do lugar onde residiam, tornando-se escassas a assistência das mesmas.

Sabe-se que, na realidade, o fim próprio da missão é, tornar presente o Reino de Deus no mundo e que a Igreja cresce como consequência dessa missão e não como fim dela. No entanto, ao entendermos a Igreja como povo de Deus, que é a visão de Igreja do Vaticano II, o sentido e a conceção de implantação de Igreja mudam totalmente.

A missão *Ad gentes* é intrínseca ao ser da Igreja. Por isso, ainda que esteja se dedicando «com ardor aos seus trabalhos internos, sempre necessários, deixa de ser a Igreja de Jesus Cristo se estiver fechada à graça da renovação missionária que estende o seu amor até aos confins da terra. Os que estão “longe” de nossas fronteiras são também irmãos e irmãs, membros da mesma família, e não podem ser ignorados ou deixados em segundo plano, muito menos abandonados».¹⁷³

2.1 Missão *Ad gentes*

Decerto, o debate sobre a missão *Ad gentes* intensificou-se muito nas últimas décadas, a ponto de não ser mais possível referir-se a ela somente em termos de territórios e de primeiríssima evangelização. De igual modo, o contexto social e a dimensão cultural sobressaem como âmbitos nos quais é preciso «chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesses, as linhas de pensamentos, as fontes inspiradoras e os modelos de vida» (EN 19).

¹⁷³ Cf. Almeida e Brighenti, 878.

Ora, vários são «os desafios, como o mundo urbano, a juventude, os fenômenos sociais novos, as migrações, os areópagos das comunicações, da cultura, da política, da economia, que fazem parte do nosso cotidiano, estão debaixo dos nossos olhos e dizem respeito diretamente à missão *Ad gentes*» (RM 37). Porém, para respondermos a esses desafios, é necessário sermos essa Igreja em saída, de que tanto quer e por isso, apela o papa Francisco: «Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! (...) prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças» (EG 49).¹⁷⁴

Uma Igreja em saída é uma Igreja missionária que evangeliza. Atualmente com o fenômeno da globalização, o desafio de uma Igreja em saída é mais complexo, pois as distâncias físicas são superadas, no entanto vem o desafio de superar as diferenças culturais e sociais, esta nova realidade leva a repensar a ideia de missão e a figura do missionário.

Stefano Raschiatti, ao comentar a missão *Ad gentes* no documento de Aparecida, diz que,

«A Missão é para o Reino de Deus e para a humanidade inteira e seu futuro. Como a Igreja, a Missão é convocada dentre toda a humanidade e posta para toda ela; está marcada indelevelmente de universalidade. Na atual mudança de época e de paradigmas, entrega-se a realizar o Plano de Deus, anunciando Jesus, que foi revelado. A Missão abarca-O todo. Hoje a Missão “*Ad gentes*” é equivalente a “Missão para a humanidade”. A fim de que Jesus Cristo seja hoje “Luz da Nações” (Lc 2,32), abre-se com um sentido de comunhão, universalidade e abertura servidora, dialogadora; escuta os sinais da presença do Verbo em toda cultura no caminho geral dos povos».¹⁷⁵

O desafio da saída da Sociedade Missionária da Boa Nova para Angola foi uma bênção não só para ela, mas também para a Igreja angolana. Os primeiros missionários chegados a Angola, alguns já com larga experiência missionária, cedo se aperceberam que estavam perante uma nova realidade muito diferente daquelas que tinham vivido. A fonte inspiradora do Concílio que estava a dar os primeiros passos foi também decisiva para essa nova arrancada missionária: a centralidade da evangelização através do catecumenado, a formação de pequenas comunidades evangelizadas e evangelizadoras, a promoção e o lançamento dos diferentes ministérios laicais, o investimento na pastoral vocacional em ordem ao clero local e à vida consagrada, a promoção humana sobretudo no ensino, saúde e promoção da mulher.

¹⁷⁴ Cf. Rafael Lopez Villasenor, «Os desafios da Igreja diante da Missão Ad Gentes no mundo globalizado», *Revista de Cultura XXIV*, n. 87 (Junho de 2016): 301.

¹⁷⁵ Cf. Stefano Raschiatti, «A Missão Ad Gentes no Documento de Aparecida», *Revista Eclesiástica Brasileira* 69, n. 275 (2009): 670.

Com o desenrolar dos acontecimentos, concretamente com a descolonização, a independência e o alastramento da guerra civil, outros desafios surgiram e novas respostas tiveram de ser encontradas: assistência humanitária, direitos humanos. As realidades eram muito diferenciadas para os dois grupos: Enquanto na diocese de Viana, a poucos quilómetros de Luanda, estava situada no centro da maior zona industrial de Angola, com toda a problemática daí decorrente, o Dúmbi, na diocese do Sumbe, a 600 Km no interior do Kuanza-Sul, era chamado a responder as comunidades rurais com gente muito trabalhadora mas com difícil acesso ao ensino, à saúde, e até mesmo a alguns bens essenciais para uma melhor qualidade de vida. Foi a partir dessas realidades encontradas que cada grupo fez o seu caminho, mas sempre numa atitude de partilha e de encontros periódicos, apesar das distâncias.

2.2 Uma missão que comunica vida

Uma vida plena segundo o Evangelho é uma vida que se torna dom. A vida de Jesus foi um dom: «tomai todos e comei, isto é o meu corpo» (Mt 26,26). De modo análogo, foi a vida de boa parte dos missionários da Boa Nova, que não se abalaram com a realidade precária que encontraram em Angola, mas procuraram dar-se, servir os irmãos, quer na defesa da vida e dos campos dos pobres – projeto Kiandala, abordado no segundo capítulo – em Viana, e na procura de alimentos e materiais de reconstrução das casas destruídas, no Sumbe – razão pela qual, foi raptado o padre Laurindo Neto e morta a Irmã Celeste, das irmãs do Amor de Deus, que o acompanhava, quando se dirigiam ao Lobito, à procura dos produtos acima mencionados.

O encontro pessoal com Jesus Cristo, pode não resolver muita coisa, se esse encontro não leva logo a abraçar a prática da Palavra e a missão. O missionário, no encontro com Jesus, deve ser e ter atitude diferente, da do jovem rico com Jesus, que não aceita o seguimento que se caracteriza imediatamente na fundamental saída de si mesmo, em largar mão de seus bens, em favorecer os pobres e em entregar-se totalmente a Deus (Cf. Mc 10,17-22). Resulta que o encontro com Jesus é intenso, amoroso, cheio de reconhecimento recíproco, mas, no fim das contas, improdutivo.

Por meio de gestos concretos, realizados quer, sobretudo, em Viana e no Sumbe, boa parte dos missionários da Boa Nova fizeram eucaristicamente memória desse dom quando se entregaram inteiramente à doação e, muitas vezes, parecendo mesmo até coincidir rigorosamente com o Dom recebido. E, aplicado à vida do presbítero, isso tem um significado todo especial, como disse João Paulo II, na *Carta aos Presbíteros*, por ocasião da Quinta-feira Santa de 2005:

«a auto-doação de Cristo, que tem sua fonte na vida trinitária do Deus-Amor, atinge sua expressão mais alta no sacrifício da Cruz, cuja antecipação sacramental é a Última Ceia. Não é possível repetir as palavras da consagração sem sentir-se implicado neste movimento espiritual. Em certo sentido, o sacerdote deve aprender a dizer, com verdade e generosidade, também de si próprio: “tomai e comei”. De facto, sua vida tem sentido, se ele souber fazer-se dom, colocando-se à disposição da comunidade e a serviço de qualquer pessoa que necessite».¹⁷⁶

Todavia, a referência maior nessa doação é o Mestre e Senhor que lava os pés (Jo 13,1-17) e que recomenda: «Dei-vos o exemplo: vós deveis fazer a mesma coisa que Eu fiz» (Jo 13, 15), ou outras palavras: «fazei isto em memória de mim» (Lc 22,19).

2.3 *Evangelização e conversão*

Tendo em conta que, “missão” significa “envio”, então, todo envio pressupõe um deslocamento e uma saída: foi neste espírito de missão que, os missionários da Boa Nova, há 50 anos foram chamados e partiram, para navegar mar adentro para a pesca abundante nas terras de Angola. Tratou-se de sair da consciência isolada a que estavam habituados, para lançarem-se, com ousadia e confiança, à missão de toda a Igreja.

A conversão missionária requer «substancialmente uma saída. Na saída de si, do círculo da própria comunidade e dos confins da própria terra, se realiza para a Igreja essa conversão. De modo paradoxal, é nessa saída, que a Igreja encontra a sua razão de ser e sua própria identidade».¹⁷⁷ É desta maneira que,

«sempre que Deus abre a porta da palavra para anunciar o mistério de Cristo a todos os homens, com confiança e constância seja anunciado, o Deus vivo, e Aquele que Ele enviou para a salvação de todos, Jesus Cristo, para que os não-cristãos, sob a inspiração interior do Espírito Santo, se convertam livremente à fé no Senhor e adiram sinceramente Àquele que, sendo “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), cumula todas as suas esperanças espirituais, mais ainda, supera-as infinitamente» (AG 13).

A conversão de que falamos aqui, conforme diz o Decreto *Ad gentes*, «há de considerar-se como inicial, mas suficiente para o homem cair na conta de que, arrancado o pecado, é introduzido no mistério do amor de Deus, que o chama a entabular relações pessoais, consigo em Cristo» (AG 13). Assim, sob a ação da graça de Deus, o neo-convertido inicia o caminho espiritual pelo qual, comungando já pela fé no mistério da morte e ressurreição, «passa do homem velho ao homem novo que tem em Cristo a sua perfeita realização» (Col 3,5-10).

¹⁷⁶ Cf. João Paulo II, *Carta aos Presbíteros*, por ocasião da Quinta-feira Santa de 2005, disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/2005/documents/hf_jp-ii_let_20050313_priests-holy-thursday.html; acesso em 14 de Setembro de 2022.

¹⁷⁷ Cf. Raschiatti, «A Missão Ad Gentes no Documento de Aparecida», 651–52.

Portanto, o motivo da conversão missionária não é novo. Já a *Redemptoris missio* declara:

«A ação evangelizadora da comunidade cristã, primeiramente no próprio território, mais além, como participação na missão universal, é o sinal mais claro da maturidade da fé. impõe-se uma conversão da mentalidade para nos tornarmos missionários – e isto vale tanto para os indivíduos como para as comunidades» (RMi 49).

No entanto, relacionar a passagem acima, com o número 37 do Decreto *Ad gentes* pode ressoar um tanto intrigante e desafiador: «a graça da renovação não pode crescer nas comunidades, a não ser que cada um dilate o campo da sua caridade até os confins da terra e tenha igual solicitude pelos que são de longe como pelos que são seus próprios membros». Essa dimensão universal da missão «é apontada decididamente pelo Vaticano II como fator determinante para uma verdadeira conversão, entendida como saída de si».¹⁷⁸

3. *Missão Ad gentes: Resposta aos desafios de Deus*

Os missionários da Boa Nova, nos primeiros anos da sua atividade missionária em Angola, enfrentaram numerosos e complexos desafios. Destes, podemos destacar a situação dos pobres, a injustiça social, económica e política, os conflitos e a guerra nacional e as etnias e por vezes até em nome da religião, o encontro do cristão com pessoas de outras religiões e outros credos, o encontro do Evangelho com as culturas, as seitas e os novos movimentos religiosos e o fenómeno dos refugiados de guerra.

Todas estas situações se apresentaram com gravidade e urgência e cada uma delas requereram uma atenção e um empenho imediato por parte dos missionários. Porém, sem minimizar a pertinência destes problemas apontados, na missão dos missionários da Boa Nova, o desafio de Deus teve uma tónica bastante elevada, pois,

«vivemos hoje num mundo onde Deus se está manifestando com sinais inconfundíveis, como por exemplo, a presença de tantos novos mártires em todos os continentes, a coragem, a generosidade e a fidelidade a Cristo e ao seu Evangelho de tantos cristãos, não obstante os perigos e humilhações sob regimes políticos hostis ao Evangelho».¹⁷⁹

Certamente, as manifestações de Deus são ainda evidentes através da abertura e do acolhimento do Evangelho por parte de tantos irmãos não cristãos, mesmo em lugares e em momentos donde parece que Deus se ausentou.

¹⁷⁸ Cf. Raschiatti, 653.

¹⁷⁹ Cf. Jose Dinh Duc Dao, «Missão ad gentes: desafios espirituais da missão do terceiro milénio», *IGREJA E MISSÃO*, Agosto de 1999, 201.

Muitos factos vividos pelos missionários da Boa Nova, testemunharam eloquentemente a presença de Deus. Pode-se mesmo dizer que, tocaram em Deus com as suas mãos e O viram com os seus próprios olhos, porque, Deus não se deixa condicionar pelas situações ou pelos sistemas sociopolíticos e está presente e operando no íntimo do coração de cada pessoa. Deus oferece-se ao mundo para o salvar dando-lhe a sua vida. A título de exemplo, apresentámos o significativo testemunho do P. Manuel Armindo de Lima que o levou ao martírio, a que já fizemos referência no capítulo anterior. Ele caiu com os seus companheiros ao serviço do anúncio do evangelho. Era a Igreja toda – padre, leigos e consagradas – que ia em Missão.

Esta visão que acabamos de partilhar, encontramos claramente exposta na Encíclica Missionária *Redemptoris missio*, ao falar da missão da Igreja no mundo contemporâneo, muitos se apressam a chamar atenção para os muitos problemas a resolver. A Encíclica em menção, sem ignorar os graves problemas que a Igreja deve enfrentar na sua missão, vê no mundo sobretudo a presença amorosa de Deus e insiste nesta sua visão: «Deus abre à Igreja os horizontes de uma humanidade mais preparada para as sementes evangélicas» (RMi 3); «na proximidade do Terceiro Milénio da Redenção, Deus está preparando uma grande primavera cristã, de que já se antevê o começo» (RMi 86); enfim, «vejo alvorecer uma nova época missionária, que se tornará dia radioso e rico de frutos, se todos os cristãos e em particular os missionários e as jovens igrejas responderem com generosidade e santidade aos apelos e aos desafios do nosso tempo» (RMi 92).

Sem qualquer pretensão de ignorar os problemas que se agravam no mundo, a Encíclica convida-nos a ir à raiz da missão para, à sua luz, vermos as situações e agir em conformidade. Pois, «a verdadeira e mais profunda razão da missão da Igreja não são os problemas do mundo, mas o coração de Deus que procura a humanidade nos seus problemas para a salvar e oferecer-lhe a Sua vida, mesmo quando a humanidade a recusa».¹⁸⁰ Por isso, a missão da Igreja é antes de mais nada, «a resposta ao desejo de Deus ou seja, uma resposta aos desafios de Deus».¹⁸¹

¹⁸⁰ Cf. Dao, 203.

¹⁸¹ Cf. Dao, 203.

3.1 Reconhecer a imensa dignidade dos pobres aos olhos de Cristo

A reflexão teológica e a prática missionária partem da convicção de que Cristo e a Igreja permanecem um mistério da fé, participamos deste mistério na medida em que dele nos aproximamos sempre mais, através da nossa compreensão, prática e missão.

Desde esse prisma, «compreender a missão não como atividade ou território, mas como “essência” de Deus e da Igreja, significa adoção de uma prática jesuana de proximidade aos outros e aos pobres, para comunicar vida em termos de humanidade, compaixão, gratuidade, fraternidade sem fronteiras como caminho de salvação».¹⁸² Pelo dom da vida (acolhida e oferecida) e da fraternidade passa a salvação.

A Sociedade Missionária da Boa Nova em Angola, aproximou-se aos outros e aos pobres, de várias formas, dentre elas, pela educação. Diante de um nível social muito baixo, com a escolaridade quase inexistente, os missionários tiveram como grande preocupação a educação destes povos, pois as escolas do governo estavam concentradas nas vilas. E por essa razão, mensalmente havia uma reunião com todos os professores, com formação moral, intelectual e económica. E nessas visitas às comunidades era um ponto assento no diálogo com o povo.

A Missão do Dúmbi era servida pelos Padres, pertencentes aos Missionários da Boa Nova e por uma comunidade de Irmãs, membros da Congregação Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, fundadas por Dom Moisés Alves de Pinho. Os padres orientavam o internato masculino e as Irmãs o internato feminino. Com a chegada dos missionários da Boa Nova, nasceu a preocupação de melhorar a situação habitacional, que era muito precária. Assim, houve melhoria no edifício e diminuiu-se o número dos alunos. Incentivou-se a criação de escolas nas aldeias da primeira e segunda classe (Primeiro e segundo ano de escolaridade). Para a Missão só vinham alunos para a terceira e quarta classes. Havia também quatro salas de aulas da primeira à quarta classe.

Certamente, esse anúncio para todos os povos, ao lidar com o mistério de Deus, também deve lidar com o mistério da pessoa humana, que se torna interlocutora e destinatária dessa missão. Humanidade e compaixão se traduzem testemunhalmente em proximidade e reconhecimento. Para a missão, isso foi sempre «um problema que se expressou nas definições severas dos *outros* como *gentes, pagani, infiéis*».¹⁸³ Isso, deu origem à questão do outro na

¹⁸² Cf. Raschiatti, «A Missão Ad Gentes no Documento de Aparecida», 659.

¹⁸³ Cf. Raschiatti, 659.

temática da atividade missionária: quem é, afinal o outro? Para aliviar todo sentido de superioridade e de exclusivismo começou-se a falar em não-cristãos.

3.2 Testemunhar o amor de Deus em Cristo Jesus

Para a missão da Igreja, a situação principal que requer um empenho renovado de toda a Igreja é a perspectiva de um mundo que está ainda longe e é alheio a Cristo e a Seu Evangelho e tende a sê-lo cada vez mais. Diante da grave situação, encontrada pelos missionários da Boa Nova, em Angola, com destaque nas dioceses do Sumbe e de Viana, referente ao número exorbitante das populações que não conheciam a Cristo, empenharam-se arduamente e com variadíssimas iniciativas pastorais, com o intuito de suscitar no povo um novo fervor para tornar conhecido Cristo e o Seu Evangelho, como forma de realização do «dever supremo de anunciar Cristo a todos os povos».¹⁸⁴

Se por um lado, os primeiros missionários da Boa Nova foram muitas vezes chamados a substituírem e dar continuidade às atividades começadas por outros padres, como foram os casos das paróquias do Dúmbi, Santa Ana, Gabela e Waco Kungo, por outro lado, a imensidade do número daqueles que não conheciam a Cristo fê-los sentir com mais evidência a necessidade e a urgência da missão. Porém, a verdadeira razão do empenho destes em tornar Cristo conhecido no mundo, e no caso concreto em Angola, é a própria fé.

A fé não é um privilégio exclusivo a cultivar por si mesmo, mas é uma graça recebida para partilhar. Com essa percepção da fé, ligada ao sentimento de partilha, os missionários da Boa Nova procuraram transmitir nas suas catequeses e nos encontros com as comunidades que, Cristo é a fonte da vida (Jo 1,2-4; 17,3; Col 1,15-17) e o Salvador da humanidade prometido desde a eternidade (Gn 3,14-15; Act 11-12) e, portanto, a vida com Cristo e sem Cristo é totalmente diferente. A partir daí, procuraram incutir nos catequistas por eles formados, a corresponsabilidade de tornar Cristo conhecido aos outros, nos lugares onde os missionários não conseguiam chegar facilmente ou mesmo sempre, com a convicção de que, «a novidade da mensagem cristã não consiste, pois, em apresentar um novo sistema de valores ou uma doutrina, mas em apresentar uma Pessoa, Deus feito homem. Tudo o resto é condição ou fruto de tal mensagem».¹⁸⁵

¹⁸⁴ Cf. Dao, «Missão ad gentes: desafios espirituais da missão do terceiro milénio», 205.

¹⁸⁵ Cf. Dao, 206.

3.3 Testemunhar o amor de Cristo Jesus para com os mais fracos

A resposta ao desejo de Deus leva o cristão a não viver distraído dos problemas dos homens, mas, torna-o mais sensível a esses problemas, vendo embora os problemas dos homens com os olhos de Cristo e empenhando-se pelos homens com coração de Cristo. Também os missionários da Boa Nova, em Angola, foram muitas vezes chamados a não fechar os olhos diante do sofrimento de tantos irmãos, porquanto a caridade de Cristo urge (2 Cor 5,14).

Como missão, o serviço aos pobres deve nascer da opção por Jesus. E partindo da opção por Jesus, o apóstolo «está disponível a servir onde e a quem Cristo manda, permanecendo disponível para ser mandado para outra parte, não só no sentido geográfico, mas também no sentido de situações e de categorias de pessoas a servir, pois o seu coração, assemelhando-se ao coração de Cristo Bom Pastor»¹⁸⁶, abraça a todos universalmente, sem que isso o impeça de ser mais sensível a todos os que sofrem e a quem por conseguinte dispensa uma atenção prioritária. Jesus ama a todos e quer salvar a todos.

Desde essa lógica, «um serviço aos pobres deve ser uma expressão de amor, para verdadeiramente os poder promover. De contrário, poderá ser opressor e humilhante para quem o recebe».¹⁸⁷ Não se trata de qualquer amor, mas do amor que nasce de Jesus e por isso, deve incarnar na vida as expressões do coração de Jesus Bom Pastor.

O serviço e a presença dos missionários da Boa Nova, entre os mais fracos em Angola, destacou-se na dimensão da comunhão eclesial. A comunhão eclesial é uma exigência do serviço aos pobres, visto que, muitas vezes, em nome do amor aos pobres, cria-se um clima de recusa e de divisão na Igreja. É pertinente que, consideremos o serviço aos pobres, enquanto missão, como «uma ação eclesial e, portanto, exige do missionário a capacidade de viver a comunhão eclesial».¹⁸⁸

Neste contexto, para os missionários da Boa Nova, em Angola, chamados a viver a comunhão eclesial nas dioceses de Luanda, Sumbe e Viana significou, muitas vezes, assumir com consciência a responsabilidade e as funções segundo a própria vocação e ao mesmo tempo, respeitar e apreciar os outros membros da Igreja local e outros missionários nas suas funções e responsabilidades para colaborar sincera e lealmente com eles, aceitando os seus serviços segundo as suas vocações e as suas responsabilidades na Igreja. Este espírito de comunhão

¹⁸⁶ Cf. Dao, 213.

¹⁸⁷ Cf. Dao, 214.

¹⁸⁸ Cf. Dao, 216.

eclesial requer naturalmente uma visão de fé sobre a Igreja, mas também a capacidade de ter confiança nos outros.

4. *A atividade missionária da Igreja*

O Decreto *Ad gentes*, no seu número 6, ao descrever a atividade missionária da Igreja, nos seus diversos modos, diz-nos que, «esta tarefa que deve ser levada a cabo pela Ordem dos Bispos presidida pelo sucessor de Pedro e com a oração e cooperação de toda a Igreja, é uma e a mesma em toda a parte, sejam quais forem os condicionalismos, embora difira quanto ao exercício conforme as circunstâncias» (AG 6). Desde essa perceção, continua o Decreto, «as diferenças que nesta atividade da Igreja se têm de reconhecer, não se originam na natureza íntima da “missão”, mas nos condicionalismos em que essa missão se exerce» (AG 6).

Tendo em conta que, esses condicionalismos tanto podem depender da Igreja como dos povos, dos agrupamentos ou até dos indivíduos a quem a missão se dirige, «a Igreja, embora de si possua a totalidade ou a plenitude dos meios de salvação, não atua nem pode atuar sempre e imediatamente com todos eles, mas vai por tentativas e por passos na sua ação e no seu esforço de levar a efeito os desígnios de Deus» (AG 6). Aqui, apraz-nos apontar ao modo como alguns missionários da Boa Nova, em Angola, tentaram levar a cabo a atividade missionária, no contexto de tenção interna que o país atravessava, muitas vezes, ignorando esses condicionalismos, que a própria Igreja local apresentava na sua relação com o Estado, e, pelos indivíduos a quem a missão se dirigia, opondo-se às autoridades locais, confrontando as orientações do Ordinário do lugar, e, querendo impor a cultura europeia na realidade angolana. E por essa razão, alguns missionários, foram perseguidos e até houve expulsão. Não defendemos que eles tenham agido de todo mal, porém, como diz o Decreto,

«Por vezes, as circunstâncias são tais que não há possibilidades, por um tempo, de propor direta e imediatamente a mensagem evangélica: então é evidente que podem os missionários e até devem dar ao menos o testemunho da caridade e da beneficência de Cristo, pacientemente, com prudência e ao mesmo tempo grande confiança. Assim, não só prepararão os caminhos ao Senhor, mas até o tornarão já de alguma maneira presente» (AG 6).

Portanto, a missão realizada nesses moldes corresponde «a atividade missionária que dimana intimamente da própria natureza da Igreja, cuja fé salvífica propaga, cuja unidade católica dilatando aperfeiçoa, em cuja apostolicidade se apoia, cujo afeto colegial de sua hierarquia exercita, cuja santidade testemunha, difunde e promove» (AG 6).

4.1 *Constituição do clero local*

A vocação sacerdotal é uma alegria enorme para a Igreja, e por isso, a Igreja deve dar, continuamente graças por esse dom inapreciável que, Deus concedeu a tão grande número de jovens entre os povos convertidos e Cristo. De acordo com o Decreto Ad Gentes, sobre a constituição do clero local,

«a Igreja, efetivamente, lança raízes mais vigorosas em cada agrupamento humano, quando as várias comunidades de fiéis tiram dentre os seus membros os próprios ministros da salvação na ordem dos Bispos, dos presbíteros e dos diáconos, que servem os seus irmãos, de tal sorte que as jovens Igrejas adquirem a pouco e pouco a estrutura diocesana com Clero próprio» (AG 16).

É facto que, a decisão do Concílio a respeito da vocação e da formação sacerdotal esteve bem presente na ação missionária dos missionários da Boa Nova, em Angola (Luanda, Viana e Sumbe), com destaque nas dioceses de Viana e do Sumbe, cujo início presenciaram. A grande preocupação do pequeno grupo foi, desde o início, orientada para que o evangelizado se tornasse evangelizador, de modo a que as comunidades pudessem caminhar pelos seus próprios recursos. A preocupação vocacional nasceu já na Missão do Dúmbi onde os frades Capuchinhos, os Irmãos Maristas de Luanda e os Trapistas da Bela Vista no Huambo iam várias vezes em animação vocacional. Daí surgiram vários vocacionados que depois entraram em várias congregações.

Na etapa inicial da atividade missionária da Boa Nova em Angola, o investimento vocacional foi somente a nível externo, ou seja, para a Igreja local. Os internatos começaram a ser pensados para espaços vocacionais. Os primeiros rapazes foram encaminhados para os Capuchinhos e para o Seminário Maior de Luanda. E prova disso, existem, hoje na hierarquia da Igreja angolana, um número significativo do clero formado pelos missionários da Boa Nova, entre Bispos e presbíteros. E, internamente, isto é, na Sociedade Missionária da Boa Nova, a região de Angola é a que mais deu e tem dado presbíteros; hoje conta com 13 presbíteros angolanos, 4 finalistas de teologia e mais de uma dezena em formação teológica e filosófica (em Portugal e Angola). Os 13 presbíteros missionários da Boa Nova, de nacionalidade angolana estão em missão em Moçambique, Brasil, Portugal e em Angola.

Em sua, foi bastante notável a atenção prestada pelos missionários da Boa Nova, desde o acompanhamento vocacional dos mesmos, formação espiritual, académica – os missionários residentes na paróquia de Santa Ana, em Luanda, e no Seminário, em Viana, normalmente eram professores no Seminário Arquidiocesano de Luanda – e pastoral da vida vivida segundo o

espírito do Evangelho sem consideração de vantagem pessoal ou interesse familiar, e sobre a formação do sentido íntimo do mistério da Igreja.

4.2 Formação dos catequistas

Os catequistas são o exército dos homens e mulheres, que, cheios do espírito apostólico, prestam com grandes trabalhos uma ajuda singular e absolutamente necessária à expansão da fé e da Igreja. Daí que, este exército é digno de elogio, pois tem tantos méritos na obra das missões entre os pagãos e não só.

Como foi abordado, no segundo capítulo, na secção sobre as grandes linhas de ação da Sociedade Missionária da Boa Nova, em Angola, vimos que, em todas as dioceses onde trabalharam estes missionários, a catequese e a formação dos catequistas mereceram sempre uma atenção especial, em virtude da necessidade de evangelizar, agravada pela escassez de clero para evangelizar tão grandes multidões e exercer o ministério pastoral. Aqui encontramos a importância dos catequistas e, em razão disso, torna-se fundamental a formação desses, que deverá «fazer-se de maneira tão acomodada ao progresso cultural, que eles possam desempenhar o mais perfeitamente possível o seu múnus como colaboradores eficazes da ordem sacerdotal, múnus esse que se vai complicando com novas e maiores obrigações» (AG 17).

Os missionários da Boa Nova sentiram, desde o início, a grande importância dos catequistas no seu exercício da evangelização e a necessidade da sua formação. Os catequistas na categoria de líderes da comunidade enquanto dinamizadores e como anunciadores da Palavra são o braço direito do Missionário e a sua tarefa é de suma importância no campo da Evangelização. Sem eles o Missionário seria extremamente limitado e a sua ação evangelizadora seria muito reduzida ou quase nula. Por isso desde o princípio viram e sentiram a necessidade absoluta da sua formação humana, intelectual, doutrinal e cristã. Por isso dedicaram tempo à sua formação. Organizaram três cursos com a duração de uma semana ao longo do ano, aproveitando o tempo seco. Mais tarde viram também a necessidade de textos de base para a sua formação. Assim tiveram vários missionários que se dedicaram à edição de catecismos.

Para levar a cabo essa grande missão de evangelização por meio da catequese, a vida pastoral passou a ser reorganizada nas reuniões mensais entre a equipa missionária, as Irmãs e todos os catequistas gerais num ambiente de grande amizade e corresponsabilidade. Foi, esse o ambiente vital e o ponto de partida para o que viria a ser mais tarde o “*Ondjango*” – tema abordado no segundo capítulo – na futura Diocese do Sumbe. Quando D. Zacarias Kamuenho,

na sua primeira visita pastoral, ainda como Bispo-auxiliar de Luanda, à Missão Dumbi, em Dezembro de 1974, e auscultou esta dinâmica na avaliação da visita pastoral, lançou já este desafio que haveria de concretizar quase dois anos depois. Foi justamente nessa reunião de avaliação da visita pastoral, nesse ambiente de sinodalidade, padres, irmãs e leigos, que D. Zacarias lançou o desafio dum novo modelo pastoral com base no “Ondjango”.

Nessas reuniões mensais eram definidas as prioridades. A primeira foi a formação de catequistas locais que passaram a ser realizadas no centro sede, em Amboiva e Cassongue ao longo de uma semana em cada ano. O catecumenado que já havia sido lançado na diocese, de maneira muito bem organizada estava completamente desmantelado. Apenas se conservavam algumas fichas de entrada no catecumenado sem mais nenhum seguimento catequético e ritual. Os elementos sobre o catecumenado eram também escassos, para minimizar essa dificuldade, os missionários orientaram-se por um esquema ainda provisório do secretariado de pastoral de Luanda.

Os missionários da Boa Nova faziam-se presentes nas comunidades a eles confiadas, para a formação dos seus líderes (catequistas), a oração e a catequese. Pouco a pouco, começou a congregar imensa gente que nessa altura vinha para os centros urbanos fugindo da guerra. No caso de Luanda, os terrenos descampados do lado sul do aeroporto foram todos ocupados com a construção desordenada de casas. No meio desse casario encontravam espaço para pequenas capelas onde cristãos e não cristãos começaram a reunir-se para rezar. Essas pequenas comunidades ficaram como fermento transformador daquele mundo a vir para Luanda.

A realização dessa missão foi possível, graças ao trabalho indispensável e generoso dos catequistas auxiliares. São eles que presidiam às orações nas comunidades e ensinam a doutrina. Para isso, primeiro, os missionários tiveram de tratar da formação doutrinal e espiritual dos mesmos.

CONCLUSÃO

Depois de termos percorrido todo esse percurso, na compilação desse trabalho, que partiu da fundamentação da missão, identidade e ação missionária da Sociedade Missionária da Boa Nova e, finalmente, a leitura dessa ação missionária dos missionários da Boa Nova em Angola à luz do Decreto *Ad gentes*, na tentativa de perceber a missão *Ad gentes* realizada pelos missionários da Boa Nova em Angola, de modo peculiar, procurar destacar nela as dimensões do anúncio, desafio e serviço, cabe-nos dizer que, como filhos da missão que somos, embora nem tudo correu bem, tendo em conta a limitação humana, ainda assim, sentimos no coração um sentimento e um desejo. Antes de mais nada, o sentimento de gratidão para com todos os missionários, muitos dos quais de nacionalidade portuguesa. Graças a eles, à sua fé, ao seu amor e aos seus sacrifícios, nós e os nossos antepassados tivemos a alegria de conhecer e de nos aproximarmos de Jesus e do Seu Evangelho. A consciência da grandeza e da preciosidade do tesouro recebido faz crescer no nosso coração um profundo sentimento de gratidão para com os que nos confiaram tão grande tesouro. Prosseguidamente, nutrimos dentro de nós um grande desejo que, também no nosso tempo, todos os povos do mundo recebam a graça de terem novos missionários que, como os predecessores, tenham a alegria e o fervor de oferecerem a sua vida – por meio do anúncio do Evangelho, que exigirá muitas vezes, grandes desafios, e, que ainda assim os permitirá servir o próximo – para tornarem Cristo e o Seu evangelho conhecidos em todos os ângulos da terra. Somente por esse caminho, diremos como o profeta Isaías, «como são belos sobre os montes, os pés do mensageiro da Boa Nova que anuncia a paz, o mensageiro do bem que anuncia a salvação, diz a Sião: “Reina o teu Deus”» (Is 52,7).

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

Bíblia Sagrada (edição Pastoral – Paulus Editora), Lisboa, Paulus, 2019.

Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos (CEP), Lisboa, FSNEC, 2019.

Catecismo da Igreja Católica (edição portuguesa), Gráfica de Coimbra, 1993.

CEAST. *A Igreja em Angola entre a Guerra e a Paz / Documentos Episcopais: 1974 - 1998*. Luanda-Angola: CEAST, 1998.

———. *Anuário Católico de Angola e São Tomé*. Luanda-Angola: CEAST, 1988.

Código de Direito Canónico. Universidade de Navarra, Traduzido por José A. Marques. Braga: Diário do Minho, 1997.

FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”. In AAS 105 (2013), pp. 119-1137.

IOANNES PAULUS PP. II. «Litterae Encyclicae Redemptoris Missio». In AAS 83 (1991), pp. 249–340.

———. «Decretum de Apostolatu Laicorum Apostolicam Actuositatem». In AAS 58 (1966), pp. 837-864.

———. «Adhortatio Apostolica Catechesi Tradendae». In AAS 71 (1979), pp. 1277-1340.

PAULUS PP. VI. «Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi». In AAS 68 (1976), pp. 5-76.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II. «Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis, “Gaudium et Spes”». In AAS 58 (1966), pp. 1025–1115.

———. «Constitutio Dogmatica De Ecclesia, “Lumen Gentium”». In AAS 57 (1965), pp. 5-67.

———. «Decretum De Activitate Missionali Ecclesiae». In AAS 58 (1966), pp. 947–990.

Estudos:

Afonso, Manuel Castro. *Sociedade Missionária da Boa Nova: 150 anos em missão : 1855-2005*. Cucujães: Editorial Missões, 2011.

- Alejandro Crosthwaite, O.P. «Puebla Conference (CELAM III)». Em *Encyclopedia of Latin American Religions*, editado por Henri Gooren, 1–3. Cham: Springer International Publishing, 2016.
- Almeida, Nadi Maria, e Agenor Brighenti. «A Missão Ad Gentes em torno da renovação do Vaticano II». *Estudos teológicos* 60, n. 3 (Dezembro de 2020): 867–81.
- Andrade, Joachim. «Tradições, transições e transformações: missão além de ad gentes». *Revista Pistis Praxis* 10, n. 3 (18 de Dezembro de 2018).
- Colzani, Gianni. *Teologia della missione: vivere la fede donandola*. La tunica inconsutile 8. Padova: Messaggero, 1996.
- Daniel, Eduardo. «Encíclicas missionárias: estudo e avaliação teológica da evolução da missiologia pré-conciliar e pós-conciliar». *Igreja e Missão*, Dezembro de 2000.
- Dao, Jose Dinh Duc. «Missão ad gentes: desafios espirituais da missão do terceiro milénio». *Igreja e Missão*, Agosto de 1999.
- Equipa Vocacional de Angola. *Missionários da Boa Nova: De Angola para o Mundo*. Cucujães: Escola Tipográfica das Missões, 2009.
- Esquerda Bifet, Juan. *Teología de la evangelización: curso de misionología*. Biblioteca de autores cristianos 546. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995.
- Farias, P. Augusto. «Missionários da Boa Nova: 50 Anos de Missão em Angola». *BOA NOVA: Actualidade missionária*, Junho de 2020.
- Gabriel, Manuel Nunes. *Angola: Cinco séculos de cristianismo*. Braga - Portugal: Literal, 1978.
- Henderson, Lawrence W. *A Igreja em Angola: um rio com várias correntes*. Lisboa: Além-mar, 1990.
- Karotemprel, Sebastian. *Seguir a Cristo en la mision: manual de misionología*. Estella, Navarra: Verbo Divino, 2000.
- Masserdotti, Gianfranco. *Missionários do Reino*. Águeda: Além-Mar, 1992.
- Nunes, José. *Teologia da Missão*. Lisboa: Obras Missionárias Pontificias, sem data.
- P. Adelino Fernandes Simões. *Paróquia / Missão de Viana*. Maia-Portugal: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda, 2021.

P. Aníbal Fernandes Martins Morgado. «Missionários da Boa Nova: 1970-2020 / 50 Anos de Presença Evangelizadora em Angola». *Boletim Familiar*, 2020. Arquivo Geral da SMBN.

P. Augusto Farias. «Angola: 50 Anos de Presença». *Boletim Familiar*, 2020. Arquivo Geral da SMBN.

P. Manuel Castro Afonso. *A Sociedade Missionária da Boa Nova no seu Magistério: Assembleias Gerais*. Vol. I. II vols. Cucujães: Editorial Missões, 2013.

———. *Missionários da Boa Nova: 75 Anos de Memória - 1930-2005*. Cucujães: Escola Tipográfica das Missões, 2007.

Raschietti, Stefano. «A Missão Ad Gentes no Documento de Aparecida». *Revista Eclesiástica Brasileira* 69, n. 275 (2009): 642–75.

Suess, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão*. Petrópoles-Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

Villasenor, Rafael Lopez. «Os desafios da Igreja diante da Missão Ad Gentes no mundo globalizado». *Revista de Cultura XXIV*, n. 87 (Junho de 2016): 300–327.

Virgílio Joaquim Canário. *Traços de História «Cristianismo» Entre os Povos do Kwanza-Sul e Kalucinga*. Sumbe (Kwanza-Sul, Angola): ATF - Edições Técnicas, 2019.

Subsídios da Internet:

Commissione Teologica Internazionale: *Desiderium et Cognitio Dei*. Ottobre, 1982, disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1982_teologia-cristologia-antropologia_it.html; acesso em 14 de Setembro de 2022.

João Paulo II, *Carta aos Presbíteros*, por ocasião da Quinta-feira Santa de 2005, disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/2005/documents/hf_jp-ii LET_20050313_priests-holy-thursday.html; acesso em 14 de Setembro de 2022.